

p r e
g u i
c a *

REVISTA LIVRE DE LITERATURA E ESCRITURA

preguiça

FLORIANÓPOLIS

V.5, N. 1, JUL. 2024

ISSN 2965-193X

editor-chefe/ editor jefe/ editor-in-chief

Atilio Butturi Junior - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

editores executivos / editores ejecutivos / executive editors

Débora Klug * Hanna Boassi * Izabel Bayerl Bonatto * Laiara Machado Serafim * Manoela Beatriz dos Santos Raymundo * Nathalia Muller Camozatto

projeto gráfico
Longe/Far - @longe_far

IMAGEM DA CAPA
Caio Rosa
<https://galerialume.com/artista/artistas-caio-rosa/>

s u m á r i o

Quase-artigo | À beira do tempo (sobre os enigmas de Murilo Mendes * Artur de Vargas Giorgi | Breve panorama do poema "A Criação e o Criador" de Murilo Mendes * Natália da Natividade | Escrevendo Exu num quase-artigo nas esquinas da academia e o corpo de quem escreve * Danilo Meireles | Portrait de la jeune fille en feu and the lesbian gaze * Viviane Martini | O fluxo de consciência na obra Água viva de Clarice Lispector * Rafaela Monticelli | Reflexiones sobre el mito de la Modernidad y el proyecto de Transmodernidad de Enrique Dussel: una lectura del libro "1492. El encubrimiento del otro" * Claudia Rivera | Uma análise da mudança no parâmetro pro-drop do português brasileiro e a ascensão de sintagmas deslocados à esquerda da sentença * Yan Silva || **Poesia** | The urgent longing * Bárbara Oliveira | A doença que me acomete * Rafaela Caroline Ferreira Braz | A Lua * Heloísa Miranda | A Tela * Izabel Bayerl Bonatto | Ressacas * José Augusto Simões de Miranda | O feixe que nos une, nos separa * Cássio Henrique Bauer | borboletas * Hanna Boassi | Poema em Linha Torta * Angelo Gabriel Cassariago Perusso || **Crônica** | Taipan-Occidental * Nicolle Pogere | Essa coisa de ser "Artista" * Claudia Rivera | Ouro em tentar, prata em fracassar * Nicolle Pogere || **Conto** | Writing to be heard: a personal essay * Adrian Lucas Mastrocola | Não lhe vejo mais, José Severino * Vitória Machado da Costa | Pelo proibição das Bananas! * Henrique Cavagnoli Machado | Crônica Intimidade compulsória * Cristiane Martins de Paula Luz | Pinceladas Eternizadas * Laura Cristina Zorzo || **Resenha** | Uma análise de Linguagem e Escola: uma perspectiva social, de Magda Soares * Yan Silva || **Tradução** | Uma Proposta de tradução de poemas de Emily Dickinson com foco na manutenção do vocabulário e estrutura * João Marcelo Naedzold de Souza

p r e
g u i
ç a *

REVISTA LIVRE DE LITERATURA E ESCRITURA





D r c
g u i
ç a *

REVISTA LIVRE DE LINGUAGEM
E ESCRITURA

D r c
g u i
ç a *

REVISTA LIVRE DE LINGUAGEM
E ESCRITURA

JUL. 2024. PETLETRAS UFSC

VOLUME 05. NÚMERO 01

APRESENTAÇÃO

PREGUIÇA V. 5 N. 1. (2024)

Bem-vindos ao quinto volume da *Preguiça*!

Às vezes é preciso buscar um respiro, encontrar leituras mais leves ou motivação para escrever sobre o que gostamos. A *Preguiça* busca ser um espaço para isso.

Este volume é composto por seções de quase-artigos, poesias, crônicas, contos, resenhas, traduções e, especialmente neste volume, imagens. Elas estão presentes em cada um dos textos, seja no compilado produzido na *Oficina de Colagem: Surrealismo e Revolução*, pelas mãos daqueles que perpassam diariamente as ruínas do CCE com suas vivências, culturas e expressões., seja com as fotografias de *Lais Mazzucco*, estudante do curso de Letras da UFSC.

Esperamos que cada página deste volume da *Preguiça* seja uma companhia agradável em sua jornada, oferecendo não apenas entretenimento, mas também reflexão e inspiração nos momentos de ócio.

Boa leitura!

Hanna Boassi e Laiara Serafim

Editoras
Bolsistas do PET-Letras UFSC



À BEIRA DO TEMPO

(SOBRE OS ENIGMAS DE MURILO MENDES)

Artur de Vargas Giorgi*

Murilo Mendes escreveu enigmas. Essa é a maneira que encontro para descrever a perplexidade que muitos dos seus poemas me causam. Mas, se são enigmas, como resolvê-los? Tais cifras teriam, mesmo, uma decifração? Creio que minha perplexidade também se relaciona a este aspecto: pois a descoberta, a solução, enfim, a compreensão dos poemas de Murilo seria de uma ordem avessa aos princípios do desvendamento. Ou seja, não cabe heroísmo ou astúcia diante dos desafios formulados por essas esfinges móveis e indevassáveis. Ao contrário, o que parece estar em jogo é o reconhecimento de que, no mundo feito à imagem e semelhança dos homens, toda resposta, qualquer saída é sempre, ao mesmo tempo, certa e incerta, feliz e infeliz, sendo, portanto, a aporia a melhor forma de apontar o caminho.

Vejamos, por exemplo, o poema intitulado “A flecha”, publicado em *As metamorfoses*, de 1944:

A flecha

O motor do mundo avança:

Tenso espírito do mundo,
Vai destruir e construir
Até retornar ao princípio.

Eis-me sentado à beira do tempo
Olhando o meu esqueleto
Que me olha recém-nascido.

Belas mulheres que amei
Ensaiam o vestido de terra
Para o sono familiar

Na pedra que não se move.
O motor do mundo avança.
(Mendes, 1997, p. 352-353)

Muitas coisas coincidem nesse breve poema: há o movimento da máquina do mundo que situa, na modernidade, um problema de larga fatura na literatura ocidental e que enlaça Dante, Camões, Drummond, Haroldo de Campos e outros mais (Cf. Hansen, 2018); há a visão católica do avanço do tempo, que projeta no fim dos dias a pré-anunciada salvação do espírito, como liquidação dos descaminhos mundanos; há a insólita imagem da duplicação do eu, aliás recorrente no traço surrealista manejado pelo autor (Cf. Merquior 1997; Antelo, 1992, 2001); há a resignação do sujeito diante do *memento mori*, ou seja, da fatalidade da vida (e dos amores), que ruma para a morte como se em direção a um horizonte imóvel e familiar etc.

E, no entanto, esse arranjo, certamente já muito complexo, desdobra-se em impasses aparentemente insolúveis. Assim, poderíamos questionar: no poema, a cronologia, que encaminha o fim, não estaria confrontada por uma crono-a-logia? Quer dizer, a progressão não estaria contraposta a uma eternidade estacionária, ao fora do tempo que, não obstante, é absolutamente elástico, último e primeiro como o

* Professor de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: artur.giorgi@ufsc.br.

tempo em si? Não seria em contraste com essa temporalidade pânica que o motor do mundo – essa segunda natureza, de ordem técnica, que nunca esteve tão azeitada como na modernidade – avançaria, entre a destruição e a construção? Em outras palavras: tal avanço maquínico, já confundido com a vida tensa do espírito moderno, não se daria enquanto o próprio sujeito se abstrai, se retira, sentado à beira do tempo, num gerúndio estendido (“Olhando [...]”), como se numa espécie de limiar de onde contempla a si mesmo e ao mundo, não de acordo com a linearidade de um percurso ascendente, mas sim a partir dessa duração da origem e do fim, da vida e morte, que são mantidas em suspensão?

Ora, se tais questões estiverem bem formuladas, então essa flecha – que abre o poema e parece, portanto, destinada ao encerramento, e de novo ao início de tudo – não designaria, mais precisamente, o lugar ausente, o impossível do sujeito? Não seria o sujeito, neste caso, como a paradoxal flecha descrita por Zenão de Eléia: alguém de fato imóvel, suspenso em meio à aparente mobilidade das coisas? Pois essa é, afinal, a condição da aporia apontada pelo discípulo de Parmênides, que tanto trabalho deu ao posterior logos filosofante: “O móvel não se move nem no espaço no qual se encontra, nem naquele no qual não se encontra”, registrou Zenão (Bornheim, 1998, p. 61).

Interessado em apontar as contrariedades inerentes ao pensamento da multiplicidade (isto é, do limitado e do ilimitado em coisas idênticas), da mudança e do movimento, segundo Zenão, a flecha disparada coincide consigo mesma, é seu princípio e seu fim em cada espaço-instante que ocupa; portanto, está imóvel em cada ponto do seu voo, assim como Aquiles, velocíssimo, nunca pode alcançar, numa perseguição, a tartaruga que tenha partido um pouco à sua frente. E tais paradoxos só ganham impacto, é claro, quando recordamos que o poema em questão se encontra num livro dedicado à transformação, ao movimento, às metamorfoses celebradas já no título.

Os enigmas de Murilo Mendes são abundantes e, com efeito, por vezes, dão um contorno temático aos poemas. Ainda no mesmo livro, por exemplo, lemos:

Tema Antigo

Vestindo as nuvens órfãs,
Esticando a pedra eterna,
Dando às fontes de beber,
Eu consagrei o universo.
Alimentei até os sonhos,
Dialoguei com a esfinge móvel,

Fiz florescer o deserto.
Quando vi, não era nada,
Me apalpei, formas se riam
Fugindo ao meu esqueleto.

Foi então que vi o amor
Colado aos braços da morte
Montar no cavalo azul:
A solidão sem ornatos
Me apresentou a mim mesmo.
(Mendes, 1997, p. 331)

E em *A poesia em pânica*, livro prévio, publicado em 1937:

Conhecimento

A marcha das constelações me segue até no lodo.
Estendo os braços para separar os tempos
E indico ao navio de poetas o caminho do pânico.
Quem sou eu? A sombra ambulante de meus pais até o
[primeiro homem,
Quem sou eu? Um cérebro deixado em pasto aos
bichos,
Sou a fome de mim mesmo e de todos,
Sou o alimento dos outros,
Sou o bem encarcerado e o mal que não germina.
Sou a própria esfinge que me devora.
(Mendes, 1997, p. 301)

A sintonia entre os poemas é notável. O dinamismo da empresa criadora é vertido sobre o mundo em séries de incongruências espantosas, até o ponto último, que é igualmente o primeiro, onde conflui com o nada, vale dizer, com a abstração do tempo e do espaço aprendida com o essencialismo de Ismael Nery (Cf. Mendes, 1996). E é neste ponto, apenas, que o sujeito se reconhece, desconcertado, também ele perplexo, ao que parece, ao ver-se a si mesmo como incógnita. Por isso, quem sabe, a enumeração dos feitos desfeitos, em “Tema Antigo”; por isso, ainda, a pergunta reposta (“Quem sou eu?”) em “Conhecimento”: porque a resposta, sempre vicária (“Sou [...]”), não vem como a elucidação de um segredo; porque o conhecimento, como já dito, parece ser de uma ordem outra, avessa ao logos, ou mais afinada com uma lógica-a-lógica: “Sou a própria esfinge que me devora”.

E não obstante, para além das imagens e dos temas que os versos oferecem à leitura, também decisivo, penso eu, é o modo como operam: em coincidências desconcertantes; através do “inesperado e incongruente, mas transfigurador”, como anotaria Antonio Candido (2004, p. 85); por meio de gestos ou visões que unem bruscamente elementos díspares e,

ao mesmo tempo, com esse contato áspero, expõem a sua insustentável conciliação. Em Murilo Mendes, o sagrado e o profano, a ilustração e a alucinação, o uno e o múltiplo, o concreto e o abstrato – os contrários, em suma, são mantidos em união-cisão, isto é, numa tensão irresoluta, da qual emergem, contudo, em confronto com o ordenamento lógico do mundo, um sentido inaudito, uma saída singular, a existência mesma.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raul. Murilo ainda Mendes. *Revista Outra travessia*, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 106-109, 1982.

ANTELO, Raul. O enigma Murilo. *Revista Anuário de literatura*, Florianópolis, edição especial, p. 1-5, 2001.

BORNHEIM, Gerd. A. (org). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 2004.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

MENDES, Murilo. *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Edusp, 1996.

MERQUIOR, José Guilherme. Notas para uma Muriloscopia. In: MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 11-21.



Natália da Natividade*

Murilo Mendes foi adepto da absorção de ideários e de correntes estéticas que surgiram no transcurso da modernidade, tendo sido especialmente influenciado por seu amigo Ismael Nery. O poeta sempre demonstrou um senso apurado no diagnóstico de seu próprio tempo, ainda que orientado por uma concepção de arte que se alonga, nos problemas que toca, através dos séculos, jamais findada ou limitada. Assim, no poema “A criação e o criador”, que abre a segunda seção do livro *As Metamorfoses* (1994 [1944]), as contradições modernas se reúnem a um catolicismo em tensão, produzindo uma trans-temporalidade que supera a teleologia e reconfigura funções passivas e ativas:

A criação e o criador

O poema obscuro dorme na pedra:

“Levanta-te, toma essência, corpo”.

Imediatamente o poema corre na areia,
Sacode os pés onde já nasceram asas,
Volta coberto com a espuma do oceano.

O poema entrando na cidade
É tentado e socorrido por um demônio,
Abraça-te ao busto de Altair,
Recebe contrastes do mundo inteiro,
Ouve a secreta sinfonia
Em combinação com o céu e os peixes.

E agora é ele quem me persegue
Ora branco, ora azul, ora negro,
É ele quem empunha o chicote
Até que o verbo da noite
O faça voltar domado
Ao pó de onde proveio.
(Mendes, 1994, p. 337)

De saída, o poema é obscuro, ainda desconhecido, e é “o criador” quem sopra o fôlego de vida, permitindo sua existência. No entanto, o verso “poema obscuro dorme na pedra” indica um “sono” que é tão somente um intervalo entre a morte e a ressurreição, como quem está prestes a dar continuidade a algo que o antecede. Seu uso bíblico, afinado com o catolicismo muriliano, se refere a um sono não literal, caracterizando a morte não como a concretização da finitude da vida, mas enquanto um descanso temporário, com a promessa de imortalidade da alma e o suposto despertar na presença de Deus. Quando Jesus é avisado da morte de Lázaro, ele mesmo emprega a metáfora do sono para reconhecer seu estado: “Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono” (Bíblia, Jo, 11, 11). A criação é, nessa leitura, um modo de ressurreição, de continuidade, pressupondo a ausência de uma origem estritamente definida. Na medida em que a garantia de verdade desaparece, o poema distancia-se cada vez mais da assinatura do “criador”, opondo-se a ele. Sem a origem, um conceito linear e ascendente de tempo e espaço mostra-se frágil, passível também de alteração. Aqui se mostra, portanto, a singular absorção – nada dogmática – do catolicismo praticada por Murilo.

As preocupações essencialistas de Murilo se tornam ainda mais nítidas no decorrer do poema, dando continuidade à teoria filosófica e artística do Essencialismo idealizada pelo pintor Ismael Nery, falecido em 1934. Em 1935, Murilo publica na revista *A Ordem* alguns escritos do amigo falecido, e aprofunda também as compreensões sobre o essencialismo tecendo seus próprios comentários. O aspecto do tempo expandido, por exemplo, se revela em Murilo a partir do seguinte princípio:

* Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e Pesquisadora do Programa Bolsista Voluntário de Iniciação Científica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: nataliantividade@gmail.com

[...] o homem não se pode representar nem ser representado com as perspectivas e propriedades de um só momento, pois, seria sempre uma representação fragmentária, portanto, deficiente para o conhecimento. O homem deve representar sempre em seu presente uma soma total de seus momentos passados (Mendes, 1935, p. 189).

Tais questões revestem, também, a própria modernidade, o que faz com que Murilo afirme em *Recordações de Ismael Nery* (1996) a preferência pela definição de “modernidade” proposta por Charles Baudelaire, em que “a arte deve extrair da vida o que ela pode conter de poético no histórico” (Baudelaire, 2006, p. 859). É nessa perspectiva que Murilo parece pensar o processo tanto artístico quanto da vida humana através de épocas coincidentes, não apenas como um intervalo finito entre nascimento e morte, mas sim em uma duração com a qual é possível existir algo anterior, como também eternamente posterior.

Na passagem bíblica em que Lázaro é sepultado após “adormecer”, Jesus manda tirar a pedra que fechava a entrada do sepulcro, dizendo: “Lázaro, venha para fora!” (Bíblia, Jo, 11, 43), desafiando, então, a ordem natural das coisas. Um tanto semelhante, “o criador” diz ao “poema obscuro”: “Levanta-te, toma essência, corpo”, legitimando incongruências: um poema com dimensões e sentidos humanos. Nota-se que o tom imperativo desse verso intui que a essência do poema é secundária, ela é uma criação “domada” com o propósito de representar o criador em sua ausência. O que ocorre, no entanto, é um desejo de emancipar-se, pois agora é o “poema obscuro” quem “persegue” e “empunha o chicote”. Aqui, as funções se invertem, mestre e servidor se opõem e se confrontam, de modo que o poeta é, simultaneamente, “escravo e senhor do poema”, como Murilo escreve no aforismo 597 em *O Discípulo de Emaús* (1994 [1945]).

O poema “recebe contrastes do mundo inteiro”, se vê livre, finalmente, em um mundo em constante mutação que, agora, se apresenta a seu capricho. Desfrutando a fruição da “secreta sinfonia”, movendo-se entre a terra, o céu e o mar, “a criação” metamorfoseia-se diante de nossos olhos – “ora branco, ora azul, ora negro” –, assumindo seu disfarce. Essa figura a princípio espectral, fantasmagórica, aqui se faz parecer concreta, corpórea, instaura um impossível lógico, mas transfigurador, em que o poema se torna um sujeito que corre, que ouve e que persegue, rompendo com o factual.

O poema funciona, também, como representação da própria humanidade: um sujeito que nasce, é transformado pelo mundo enquanto este transforma-se a si mesmo, mas que tem como fim iminente voltar “ao pó de onde proveio”. Tanto o poema quanto a humanidade são diferentes figuras que assumem o papel de “a criação”, sempre nesse estado de espera, ou melhor, de eterna continuidade. Por sua vez, “o criador”, enquanto garantia da verdade, quando confrontado por essas diferentes figuras, também recebe diferentes significados: se pensarmos “a criação” enquanto poema/escritura, pensamos “o criador” enquanto autor; mas se lermos “a criação” enquanto humanidade, lemos “o criador” exatamente como a própria figura de Deus. Mas a perda da figura de Deus era já uma ferida ostensiva, aliás inflamada por guerras e conflitos sem fim; podia ser lida, por exemplo, no próprio Baudelaire, em Rimbaud e, antes mesmo, em *Hamlet* (1609) de Shakespeare, revelando a dúvida e a hesitação como novas características da modernidade abandonada à própria sorte.

Nessa chave, lemos que depois de correr livremente, esse “poema obscuro” é “tentado e socorrido por um demônio” – assim como a figura de Eva havia sido tentada pelo fruto que Deus lhe proibira de comer – e ao final ele volta “domado / ao pó de onde proveio”. O fruto funciona de forma ambivalente: fez com que Adão e Eva abandonassem a ignorância, mas também teve como efeito torná-los pecadores renegados por seu criador. Portanto, o “demônio” faz com que o “poema obscuro” seja, ao mesmo tempo, “tentado” e “socorrido” devido a essa indeterminação do próprio sentido de liberdade. As asas nascidas aos pés do poema, lidas na estrofe anterior, são símbolo de emancipação e, na mesma medida, de ameaça. Vale ler, aqui, o aforismo 145 de *O Discípulo de Emaús*: “A liberdade é o equilíbrio entre o bem e o mal”, que é seguido pelo aforismo 146: “A autoridade é da categoria do tempo; a liberdade, da categoria do eterno” (Mendes, 1994, p. 826).

Em seguida, ainda na quarta estrofe, vemos um nome recorrente em *As Metamorfoses*: Altair, a estrela mais brilhante da constelação de Águia e oito vezes mais luminosa que o Sol, que aqui funciona como índice de movimento, cujo o significado remete à “águia em voo” (Mourão, 1987, p. 26). Em contraposição, a imagem do busto a que o poema se abraça funciona como personificação estática dessa mesma estrela, que se metamorfoseia por natureza, mas agora se encontra inerte. O abraço ao busto de Altair é o modo pelo qual o “poema obscuro” se combina com a terra, o céu e o mar, em uma simbiose com as coisas à sua volta, porque ele já foi pó e ao pó retornará, entendendo a si não

apenas como extensão do “criador”, mas como extensão do mundo todo, de todas as épocas. A frase “porque você é pó e ao pó voltará” (Bíblia, Gn, 3, 19) é proferida por Deus a Adão ao expulsá-los do Jardim do Éden, referindo-se diretamente a outra passagem do mesmo livro: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Bíblia, Gn, 2, 7). Lendo-se, assim, que o mesmo criador que lhe permitiu a existência, tem o poder de interrompê-la quando desejar.

A religiosidade em Murilo é um debate complexo, tendo criado um impasse que, até hoje, não se apazigua: por um lado, os católicos lêem sua poesia como suspeita e ela equilibra-se, no dizer de Mário de Andrade, na “seiva de perigosas heresias” (Andrade, 1955 apud Mendes, 1994, p. 34); por outro, os não-católicos compreendem que a “poesia religiosa” de Murilo o transformava em doutrinador e apologista. Para Júlio Castañon Guimarães, é exatamente esse impasse que desfaz todas as suspeitas: “a tensão permanente sustenta sua inquietação, sua invenção” (Guimarães, 1986, p. 51).

Por fim, Manuel Bandeira define Murilo como “terrivelmente cômico do pecado original” (Bandeira, 2009, p. 202), o que se confirma em “A Destruição”, presente em *A Poesia em Pânico* (1994 [1937]): “Meus irmãos, somos mais unidos pelo pecado do que pela Graça:/ Pertencemos à numerosa comunidade do desespero/ Que existirá até a consumação do mundo” (Mendes, 1994, p. 287). Agora, os versos finais do poema “Iniciação”, que fecha *As Metamorfoses*, valem ser lembrados: “A poesia sou eu, / A poesia é Altair, / A poesia somos todos nós” (Mendes, 1994, p. 371), com que podemos ler, nesse breve panorama, que a arte, bem como a humanidade, é o movimento e a inércia, o acerto e o erro, o bem e o mal, a graça e o pecado, e que após inventada, jamais será domada por completo novamente.

Raul Antelo destacaria que “no paganismo, a transgressão fundava o sagrado, cujos aspectos impuros eram tão sacros quanto os puros; mas, a partir do cristianismo, a impureza é rejeitada” (Antelo, 2006, p. 15). No singular catolicismo de Murilo, a impureza é o motor da obra. O pecado pode ser lido em “A Criação e o Criador” como a noção de liberdade experienciada pelo “poema obscuro”, liberdade essa que só é autorizada quando reconhecida dentro dos limites definidos pelo “criador”. No fim, sinal moderno por excelência, “a criação”, como os homens, não é ou livre ou submissa, ela é, simultaneamente, livre e também submissa, pois na mesma medida em que subverte, ela

também sacrifica-se. No jogo poético favorito de Murilo Mendes, funções contrárias coexistem: o ser é e não é.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raul. Murilo, o surrealismo e a religião. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 6, n. 8/9, p. 4-17, 2006.

BANDEIRA, Manuel. Apresentação da poesia brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 501 p.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a Modernidade: O Pintor da Vida Moderna. In: BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p. 851-881.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Murilo Mendes: A Invenção do Contemporâneo. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986. 102 p.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MENDES, Murilo. *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Edusp, 1996.

MENDES, Murilo. *Poemas de Ismael Nery*. A Ordem. Rio de Janeiro, p. 181-195, mar. 1935. Disponível em: <https://centrodomvital.com.br/nova-serie-no-56-marco-de-1935/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Altair. In: *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Porto Alegre, RS: L&PM, 1997.



PORTRAIT DE LA JEUNE FILLE EN FEU AND THE LESBIAN GAZE

Viviane Martini*

In 2020, the film *Portrait de la jeune fille en feu*, or *Portrait of a Lady on Fire*, reignited a conversation about the female gaze and how audiences relate to it, all thanks to the choices made by French director Céline Sciamma in representing a tale of lesbian lovers in the 18th-century Brittany, France. The story follows the painter Marianne, portrayed by actress Noémie Merlant, who is commissioned to do a portrait of a young noblewoman in secrecy because, Héloïse, played by actress Adèle Haenel. However, she refuses to pose for portraits as an act of rebellion against her arranged marriage. Consequently, Marianne must clandestinely observe Héloïse during their walks and conversations to complete the portrait. Marianne observes Héloïse during the day and paints her at night. Throughout the film, we witness the blossoming love between them through their gazes, with more emphasis on visual communication than verbal dialogue. Silence is employed as a symbol, much like the director's use of glances, reflections, mirrors, and windows, all of which evoke the lesbian gaze.

It is the spectator's gaze that imbues meaning into the images, representations, enactments, and performances unfolding before them (Glarey, 2004). The term "female gaze" has been coined to elucidate the perspective of women filmmakers, who offer distinct viewpoints from their male counterparts regarding subjects. The female gaze advocates for a cultural shift away from objectifying individuals. Laura Mulvey implores us to relinquish this form of pleasure and instead embrace another: that of defamiliarization, which fosters a new mode of perception. She writes, "The initial assault on the monolithic accumulation of traditional cinema conventions, is to release the camera's gaze from its temporal and spatial materiality, and the audience's

gaze from dialectics, a departure towards love" (Mulvey, 1973).

In her essay "Visual and Narrative Cinema" from 1973, Mulvey coined the term "male gaze," which she employs to describe the patriarchal perspective through which women are presented and represented in films. Throughout the history of cinema, women have often been portrayed as symbols of sex, seduction, and the femme fatale, with their characters serving primarily to evoke male reactions. This paradigm is gradually shifting, thanks to directors like Céline Sciamma, who prioritize character depth over mere physicality. *Portrait of a Lady on Fire* marks a departure from this trend by offering a female-centric perspective, with women involved both in front of and behind the camera. In an interview, Céline Sciamma described the film as "a manifesto on the female gaze," and indeed, the movie lives up to this assertion by portraying its characters with depth and authenticity.

The movie opens with Marianne instructing young women in the art of painting. As she speaks, we observe the canvas and their attentive faces directed toward her, while she maintains a poised stance. She instructs, "*First, my contours. The outline. Not too fast. Take time to look at me. See how my arms are placed. My hands*" (01:00-01:46), guiding her students to learn the art of observation, urging them to pay attention to the nuances of facial expressions and gestures. More than mere observation, it's about absorbing someone's essence. In a world characterized by sexual imbalance, the pleasure of looking has been dichotomized into active/male and passive/female roles.

During walks on the beach, Marianne must memorize Héloïse's features while pretending to be her walking companion. Sometimes, she only catches glimpses of

* Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Inglês: Estudos Literários e Culturais (UFSC). Possui Mestrado em Literatura Comparada (UFPEL). Especialização em Cultura Pop (EST). Pesquisa temas no campo dos estudos de gênero, estudos queer, lesbianidade, road narratives, contos de fada, cinema e graphic novel. E-mail: martini.viviane@gmail.com.

Imagem: foto de Laís Mazzucco.

Héloïse's eyes and parts of her hair, resulting in numerous scenes where one woman gazes at another. The audience sees what Marianne sees and describes, "*One must show the ear and study its cartilage closely, even if covered with hair. It must be of a warm and transparent hue, except for the hole, which is always strong. Its tone, even in light, must yield to the cheek, which is more prominent*"(00:21-00:23).

When Marianne finishes the portrait, Héloïse finally sees the painting and asks, "*Is that me? Yes. Is that how you see me? It's not only me. What do you mean, not only you? There are rules, conventions, ideas. You mean there's no life? No presence? Your presence is made up of fleeting moments that may lack truth. Not everything is fleeting. Some feelings are deep. The fact it isn't close to me, that I can understand. But I find it sad it isn't close to you. How do you know it isn't close to me?*" (00:49-00:51). Marianne then ruins the paint and tells the mother that she has to start again, but this time Héloïse is going to pose and Sciamma subverts the power imbalance of artist and muse by creating a reciprocal gaze that positions the two women as equals. They eventually work together on the portrait and most of the cuts are in silence, the tension is built and suddenly Héloïse returns the glances.

While painting Héloïse, Marianne tells her that she would not like to be in her "place", to which Héloïse assertively replies, "*we are in exactly the same place*". She then beckons Marianne over to where she is sitting and powerfully asks: "*if you look at me, who do I look at?*" we see that Héloïse pays the same attention to Marianne's expressions as Marianne did to hers. She describes: "*When you don't know what to say, you touch your forehead. When you lose control you raise your eyebrows. And when you're in trouble, you breathe through your mouth.*" This line aptly depicts the equilibrium in their artistic and romantic bond, highlighting that Héloïse is not merely a subject of observation but an active participant, reciprocating the gaze. By rejecting the passive role of an object, the film delves into the nature of the gaze itself, portraying both parties as equal artistic collaborators. Through numerous sessions, their connection deepens, ultimately culminating in a surrender to desire, with their passion vividly unfolding before us. Queer cinema emerges as a refreshing departure in the realms of image, desire, and the erotic. Director Céline Sciamma strategically employs the act of looking and the gaze to cultivate a sense of pleasure in observing the blossoming love between two women, defying the societal constraints that would typically inhibit such connections or desires from flourishing.

REFERENCES

MULVEY, L. Afterthoughts on 'Visual Pleasure and Narrative Cinema' inspired by King Vidor's *Duel in the Sun* (1946)" In: BRAUDY, Leo; COHEN, M. *Film Theory and Criticism: Introductory*, New York: Oxford UP, 1999.

GALERY, Maria Clara Versiani, *Considerações em torno do espectador, do olhar e da representação do feminino*, *Fragmentos*, n. 26, p. 053-060 Florianópolis, 2004.

PORTRAIT de la jeune fille en feu, Céline Sciamma, Bénédicte Couvreur, France, 19 May 2019, Pyramide Films, 120 minutes.

PORTRAIT of a lady on fire: A Manifesto about the female gaze (2022) *Hypercritic*. Available at: <https://hypercritic.org/collection/sciamma-portrait-of-a-lady-on-fire-2019-review>. Accessed: 15 May 2024).



Danilo Silva de Meireles*

Agô! Peço licença como quem está de chegada e pede para entrar. Entro com meu corpo e tudo. Ao mesmo tempo é um pedido de licença para quase todas as palavras que querem sair. Laroîê Exu! Assim como se pede licença a Exu para se abrir uma gira, trago Exu para o início desta escrita a fim de que atue como potência e no movimento reflexivo que desejo realizar e auxilie do momento de encruzilhada em que se situam esta escrita e seu autor.

Consulente que sou do jogo de *Ifá*², consegui entender que os caminhos até aqui sugeridos podem ser compreendidos na ordem exuística do por vir, da comunicação, das elaborações e reelaborações, das buscas inacabadas e dos enfrentamentos brincantes (Rufino, 2019) às investidas tão profundas do colonialismo que também determina o lugar de nossa escrita e de nossos corpos. Quase sempre nossos corpos são excluídos da compreensão do processo. E eu fico retomando essa questão: é no corpo que se faz uma escrita acadêmica.

E é nesse processo de macerar palavras, para extrair o sumo aceito e assumido pela instância de poder-saber (Foucault, 2006), que nossos corpos também são amassados. E onde fica o gozo? E onde cabem os desejos de um corpo que escreve academicamente?

Onde se depositam os outros textos não acadêmicos que o meu corpo produz? PREGUIÇA!

Sinto que mesmo esquadrinhado, dominado e posto na ordem utilitarista (Foucault, 1999), o meu corpo quer gingar, quer brincar, quer um marafo e quer jogar um jogo de lá-e-cá, como quem diz: olha, entrei na tua ordem, agora aguenta a minha ginga, para girar na minha gira e quando tu pensar que viu, já era. Ou algo como “se tentar me prender, eu giro; pronto escapuli, já estou do outro lado!” (Rufino, 2018, p. 79).

Esse quase-artigo, quase-texto, “qualquer coisa... pra lá de Marrakesh, mexe qualquer coisa dentro, doida, já qualquer coisa, doida, dentro mexe” (Velooso, 1975) é uma maneira de extravasar coisas soltas, sentimentos embaçados, um corpo que escreve, mas nem sempre é levado no processo. Esta escrita só faz sentido para alguém que esteja vivendo algo parecido: a solidão da escrita, as dores nas costas, um alongamento entre a produção ou grifo de um parágrafo e outro.

Na verdade ela não precisa fazer sentido algum. Porque assim como não faz sentido um corpo atravessar horas a fio escrevendo uma coisa da qual no fim não toma parte, que esse quase-artigo seja ao menos o berro individual de um corpo cruzado pelo processo de fruição e transe de alguém que poda as

* Doutorando em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), bolsista Carrefour. Integrante do Grupo de pesquisa VISU – Laboratório de Práticas e Poéticas Visuais (CNPq). E-mail: meirelesdanilo9@gmail.com.

Imagem: foto de Laís Mazzucco.

¹ Expressão iorubá e que sua tradução quer dizer: pedir licença (em movimentos de entrada, saída e passagem).

² Sistema oracular de origem africana em que se usam dezesseis búzios por onde falam as entidades (Filho, 2015).

palavras para caber nas normas que determinam os limites do que é ou não aceitável na academia. Tenho preguiça.

Exu que anima o corpo também subverte as lógicas do tempo e do espaço, logo, em Exu início, meio e fim não estão em perspectiva, se entrecruzam, encontram e desencontram (Rufino, 2019), por isso, não vou buscar necessariamente nortear esta escrita na linearidade que se espera.

Meu corpo produz coisas soltas, sem pé nem cabeça. Cabeça, pé, pancada, pereba, problema de pesquisa, entrelinhas 1,5 “e sua tese?”. Tesão fica aonde? Mas chegará a hora em que “darei que devemos colocar o pau de Exu para fora” (Rufino, 2018, p. 85) e enfrentar os assombros criados pela noção de pecado pelos espaços de contramão. Preguiça.

Exu é o “poderoso Orixá guardião e da comunicação” (Anjos, 2016, p. 94) é também a ludicidade, a brincadeira, o movimento, o corpo, a dança, a fluidez, a imprevisibilidade, a controvérsia e o dono da encruzilhada (Nogueira, 2020; Rufino, 2019), é ele quem prepara encruzilhadas como estas, que acolham um quase-artigo, quase-coisa, ideias soltas e risco no chão.

A encruzilhada é compreendida como um lugar “de caminhos e possibilidades diversas” (Nogueira, 2020, p. 75), “é a boca do mundo, é saber praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez abrindo caminho” (Rufino, 2019, p. 03). É nessa encruzilhada, lugar de possibilidades que entra a minha escrita-corpo.

Corpo esse que é também uma encruzilhada: negro, gay, pobre, simpatizante de religiões afro-indígenas, do interior de qualquer cidade da Paraíba... Nessas encruzadas é que assento a possibilidade de se vislumbrar “o movimento, o encontro e a intersecção” (Ramos, 2019). Assumo esses caminhos atravessados em meu corpo “o ponto zero do mundo” (Foucault, 2013, p. 14), corpo erguido “dos destroços, dos cacós despedaçados” que inventa “outras possibilidades no movimento inapreensível da ginga” (Rufino, 2019, p. 05) esse que é também atravessado pelos cruzamentos da dança, da música, da raça, da classe, do território, do gênero, da sexualidade, da política e dos saberes (ancestrais e contemporâneos).

Eu sou um corpo no mundo, como Luedje Luna (2017) diz “Eu sou um corpo / Um ser / Um corpo só / Tem cor, tem corte / E a história do meu lugar / Eu sou a minha própria embarcação / Sou minha própria sorte / E *Je suis ici*, ainda que não queiram não / *Je suis ici*, ainda que

eu não queria mais / *Je suis ici* agora”. Ainda que não queiram, ainda que a higienização dos corpos seja profunda ao determinar que o corpo deva ficar fora do resultado de nossa escrita: eu estou aqui, *Je suis ici* em francês.

Meu corpo está presente enquanto escrevo, ou só escrevo porque o faço com o meu corpo inteiro e ele não está cortado pela lógica cartesiana do “*je pense, donc je suis*” (Descartes, 1637, p. 22) “*cogito, ergo sum*” latino, em nossa tradução “penso, logo existo”. É o corpo como coisa primeira e não secundarizado em que a alma exerce papel principal. Reivindico o lugar do corpo de quem escreve na academia.

Trazer esta abordagem exusíaca que anima o corpo para o debate é um ato de enfrentamento, uma tentativa de transgressão, mas não só isso é um tratado com as comunidades que me encruzam, algo para além de uma função individual e narcísica. É um investimento de cura, de avivamento dos saberes ancestrais, de necessidade de se evidenciar uma gama de possibilidades que residem nas epistemologias afro.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Juliane Olivia dos. *As joias de Oxum: as crianças na herança ancestral afro-brasileira*. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29032017-114837/pt-br.php. Acesso em: 06/05/2024.

DESCARTES, René. *Discours de La Méthode*. Edição por: Jean-Marie, 2002. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Descartes/discours_methode/Discours_methode.pdf. Acesso: 07/05/2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia poder/saber*. Org. Manoel Barros da Motta. Tradução, Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013.

LUNA, Luedji. *Um corpo no mundo*. YEB Music, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/V-G7LC6QzTA?si=uy0la8GkmVi328ol>. Acesso em: 07/05/24.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa* [livro eletrônico]. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

RUFINO, Luiz. Pedagogias das encruzilhadas. *Revista Periferia*, v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan./Jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31504> . Acesso em: 10/04/2024.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: MV Serviços e Editora, 2019.

VELOSO, Caetano. *Qualquer coisa*. Gravadora: Philips, 1975. CD (1ª faixa).



O FLUXO DE CONSCIÊNCIA NA OBRA *ÁGUA VIVA*, DE CLARICE LISPECTOR

Rafaela Monticelli *

Os recursos utilizados em textos, tanto literários quanto científicos, são diversos. Especificamente, o fluxo de consciência é um desses recursos em textos literários que mais intrigam os leitores. À primeira vista, pode parecer algo confuso e, às vezes, essa sensação pode acompanhar o leitor até o final da leitura. Mas afinal, o que é o fluxo de consciência?

Conforme o crítico literário Alfredo Leme de Coelho Carvalho, em seu livro *Foco Narrativo e o Fluxo da Consciência*, de 2012, dita que:

Poderíamos definir o método como a apresentação idealmente exata, não analisada, do que se passa na consciência de um ou mais personagens. A crítica literária apropriou-se do termo stream of stream of consciousness (ou ainda stream of thought e stream of subjective life) criado pelo psicólogo William James (1955), para exprimir a continuidade dos processos mentais, cuja representação tem sido buscada por alguns ficcionistas. James criou esse termo para indicar que a consciência não é fragmentada em pedaços sucessivos, não há junturas, mas sim um fluxo contínuo. (Carvalho, 2012, p. 57)

O fluxo de consciência é, em certos pontos, complexo. O que torna complicada a sua compreensão é a reprodução do pensamento, como se fosse um monólogo interior de forma estranha, desordenada, em que o escritor transcreve em forma de palavras escritas. Essa técnica remete à profundidade psicológica, em que as personagens fluem ao longo da narrativa e exibem uma sensibilidade pessoal, explorando seu *estado de consciência* por um fluxo

contínuo. As escritoras brasileiras mais conhecidas por utilizarem essa técnica são Hilda Hilst, em *A Obscena Senhora D*, e Clarice Lispector, em diferentes livros, como *Água viva*.

Clarice é sedutora, enfeitando quem lê. Era uma escritora que se desafiava a pintar, seja em madeiras velhas, telas, com pincéis ou com as mãos, utilizando tintas, batons e até esmaltes. Em *Água viva*, acontece o inverso: sua personagem é uma pintora que se desafia a escrever algo a alguém. Ao acompanhar a narrativa, percebemos que ela expressa o indizível e também aborda aspectos difíceis de colocar na escrita, como a sonoridade, utilizando palavras com sons parecidos - *risco e arrisco* -, e a cor. Não são apenas *palavras*, mas uma epifania de pensamentos, de continuidade, muito focada em instantes-já, no agora, no ênfase do *ser*. Clarice abusa do movimento, do fluxo e da flutuação dentro do livro. Para Eucanaã Ferraz, no próprio posfácio do livro *Água viva* “É como se, sedentos, disséssemos ao mundo: “Dá-me de beber.” E porque fossem palavras mágicas, uma fonte se abre, em água viva.” (Ferraz, 2020, p. 93)

Um outro detalhe curioso é que Clarice, em algum momento da obra, retoma no fluxo de consciência os pensamentos anteriores, em um sentido de espiral. Isso pode ocorrer logo no parágrafo seguinte que escreveu ou após longas distâncias. Um exemplo presente no livro é quando ela cita e retoma o tema da morte, em que a personagem pensa em morrer em diversas partes da história: “A natureza em cântico coral e eu morrendo” (Lispector, 2020, p.33) e “Terei que morrer de novo para de novo nascer?” (Lispector, 2020, p. 37). Além disso, o livro possui uma trama considerada um romance sem o romance de fato. Segundo Lucia Helena (2020), uma professora de literatura Brasileira na UFF:

* Estudante de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: monticellidosrafa@gmail.com.

Imagem: foto de Laís Mazzucco.

O *eu e o tu* de *Água Viva* ganham dimensões permutáveis de significação, integrando-se com o não-humano: a natureza, as palavras, os animais, a “coisa” ou o “it”. A linguagem se espessa numa densa selva de palavras e a obra descortina voraz processo de correspondências que interconectam vida, paixão e violência. (Helena, 2020, sobrecapa)

Com isso, em todo o texto, é constante a referência ao “tu”, como se a personagem “eu” estivesse buscando respostas, intrigando-se, exibindo suas ânsias à procura de algo, ou alguém, que também gostaria de entender o que é solidão e o que significa estar no mundo. O que é ser “eu”.

Clarice não só escreve sobre a fluidez, mas também interliga esse movimento no próprio texto, que é fluído. Suas palavras e o fluxo da personagem dão a constante sensação de estar flutuando, se mexendo, de estar sempre em algo contínuo. Ao ler *Água Viva*, o leitor deve se deixar cair no feitiço de Clarice, pois chegará a um ponto em que tomará consciência de que não existem modos definitivos de ler seus livros, muito menos de compreender a própria Clarice Lispector. Ela é a própria fluidez, o fluxo sobre o qual tanto escreve. Como ela mesma diz em seu livro: “Não, eu não descrevi o espelho - eu fui ele.” (Lispector, 2020, p.65).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Alfredo Leme de Coelho. *Foco Narrativo e o Fluxo da Consciência*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.



REFLEXIONES SOBRE EL MITO DE LA MODERNIDAD Y EL PROYECTO DE TRANSMODERNIDAD DE ENRIQUE
DUSSEL: UNA LECTURA DEL LIBRO "1492. EL ENCUBRIMIENTO DEL OTRO"

Claudia Rivera*

Como personas latinoamericanas, vivimos hoy en una realidad cuyo origen tiene un poco más de 500 años. Son muchas generaciones nacidas en tierras del "Nuevo Mundo", basadas en una Modernidad cuya raíz es la perpetua violencia y explotación de millones de personas en beneficio de unas pocas. Esta visión está presente durante toda la extensión del libro cuyo autor es el filósofo e historiador argentino naturalizado mexicano Enrique Dussel, *1492. El encubrimiento del otro* (1992), escrito en formato de conferencias. A lo largo de cada una de las partes de esta obra, surgen nuevos conceptos que dismantelan poco a poco la visión de mundo eurocéntrica que se nos ha impuesto desde temprana edad, una historia que se nos cuenta desde el punto de vista del conquistador como héroe al que debemos eterna gratitud y respeto, como voz unánime de los hechos mundiales. Cada capítulo nos trae infinitas reflexiones sobre la historia, los acontecimientos, la perspectiva de los oprimidos, subyugados, violentados, "conquistados", la Modernidad desde la otra cara que fue encubierta y enterrada, el "nacimiento" de nuevos seres producto de esta "nueva" fase mundial.

El mito emancipador de la Modernidad es un disfraz para justificar la dominación de los pueblos originarios, la violencia y el exterminio, la esclavitud de los africanos e indígenas y tantas otras barbaries. Los europeos invasores clasificaron a los habitantes originarios como "no personas", clasificaron su cosmovisión como "no válida", ignoraron sus saberes, como se ignora a un niño que no sabe lo que dice a los ojos de la persona que se entiende como madura y sensata, y con ello, justificaron la imposición de su propia religión y maneras de vivir, para luego lucrar con sus cuerpos y esclavizar, retirar las riquezas de la

tierra con mano de obra gratis y desechable. ¿Y cuál sería el objetivo de todo esto? Inicialmente el simple enriquecimiento desenfrenado de las altas clases europeas y luego de las criollas, en su mayoría, hijos e hijas de europeos que invadieron el continente y se beneficiaron con la extracción – sin devolución – de todas sus riquezas.

En este recorrido histórico-filosófico, de la mano de Dussel, vamos pasando por varias perspectivas, comenzando por la europea ignorante, para luego sumergirnos de una vez en la perspectiva del "otro", del indígena, sintiendo en la piel las injusticias desgarradoras. Varias cosas surgen como hilos conductores de debates vigentes y particularmente no puedo hacer otra cosa que asentir las ideas de Octavio Paz en *El laberinto de la soledad*, mencionadas por Dussel en el epílogo de su libro:

El mestizo no quiere ser indio, ni español. Tampoco quiere descender de ellos. Los niega. Y no se afirma en tanto que mestizo, sino como abstracción: es un hombre. Se vuelve hijo de la nada. El empieza en sí mismo [...]

Con esta frase, la reflexión sobre nuestros orígenes, asumiéndonos hoy como personas latinoamericanas, mestizas y criollas – si es que se puede hoy en día separar estos términos – comienza a tener un sentido. ¿Por qué no nos sentimos parte de algo? ¿Por qué se nos hace tan difícil encontrar nuestras raíces, aceptarlas, abrazar nuestro pasado y con ello avanzar hacia un futuro más equilibrado? Son preguntas con respuestas en progreso, y, según la propuesta de Dussel en su proyecto de Transmodernidad, el mundo

* Graduanda em Letras - Espanhol pela UFSC. Multiartista, compositora, pianista, flautista, cantora, artista visual e professora cubana naturalizada brasileira. E-mail: claugarivera@gmail.com.

necesita hacer toda una reestructuración de pensamiento, de maneras de actuar, para poder avanzar a un momento mundial plural saludable. Esta es la parte que aún no se vislumbra, quizás la humanidad se dirija por dichos caminos dentro de muchas décadas, pero no aparece claramente en el horizonte como algo real. Por el contrario, actualmente enfrentamos un contraste entre la propuesta de Transmodernidad y el crecimiento desenfrenado de las ciudades, los centros urbanos, la población, el consumo cada vez más presente en la vida de las personas, la sed de poseer, la proliferación de la propiedad privada, el ímpetu por tener más y trabajar incansablemente para ello.

El consumo es el nuevo poder dominador, por el cuál las personas derrochan sus vidas en una carrera en alta velocidad y sin aliento por la necesidad de poseer bienes, productos, objetos innecesarios para la subsistencia. Si nuestro pasado es nebuloso, o negado, ¿qué capacidad tendremos de construir un futuro? ¿Cuál es la base sobre la cual podremos pensar en la igualdad de los pueblos, el cuidado de la ecología, la disminución radical del consumo, la pluralidad? ¿Con qué ojos podremos ver al "otro" si aún no somos capaces de vernos a nosotros mismo?

La Transmodernidad de Dussel nos lleva a una posibilidad de mundo tentadora, pero es un pensamiento complejo, analizando de manera realista según el movimiento mundial actual, donde la salida del colonialismo supone una serie de cambios que van desde los currículos universitarios latinoamericanos, totalmente eurocéntricos, hasta las maneras de solucionar los problemas de la humanidad basándonos en nuevos criterios, en la experiencia de los pueblos originarios y en la historia. Con esa base podríamos construir una nueva edad del mundo donde cada cultura mantenga sus características propias pero converse con otras culturas desde una visión de pluriverso, tratando de llegar a una mayor semejanza, conocer al otro, dialogar sin perder lo propio y sin imposición. Pero he aquí la gran cuestión, si aún no hemos resuelto cosas tan básicas como el entendimiento de nuestro propio ser, la tarea de tomar la Modernidad como ejemplo y analizar sus errores para construir otra civilización, imaginando un futuro donde se pueda vivir mejor, parece extenuante y casi imposible, por lo menos en la actualidad.

Es una tarea compleja intentar extraer la esencia de un proceso histórico tan gigante como el de la Modernidad, desde un punto de vista diferente al eurocéntrico y colocando sobre la mesa nuevos conceptos. Más complejo aún será caminar

orgánicamente, como sociedad, hacia este nuevo sistema que no nos lleve a la destrucción de nuestro hogar, la tierra, como la conocemos y la hemos disfrutado hasta hoy. La humanidad, desde su frágil existencia, tiene una esencia persistente en sus objetivos por más irracionales que estos sean, y si el objetivo de hoy es el del consumo y la repetición de patrones eurocéntricos, en esto estaremos hasta que algo muy radical suceda.

Al concluir esta reflexión sobre el mito de la Modernidad relacionada a la Transmodernidad, quisiera genuinamente plasmar en estas páginas frases de optimismo, pero estaría siendo deshonesto con mi propio entendimiento de lo que fue la lectura de este libro, comparada a mi visión actual del mundo y su desarrollo, incluyendo la ruptura natural que fue la época de la pandemia, donde parece que tuvimos un relámpago de lucidez y de necesidad de desacelerar el flujo irreductible moderno. Pero no, ni siquiera un impacto tan grande como la pandemia de Covid 19 pudo hacernos cambiar el ritmo en que veníamos, por el contrario, parece que al pasar los momentos iniciales de la enfermedad y de tantas muertes, volvimos al punto donde estábamos antes, pero con la necesidad inconsciente de compensar los años de "improductividad", por lo cual en este mismo instante, parece que la carrera mundial desenfrenada hacia el consumo y las posesiones está más atropellada aún y sin ningún ápice de control. La Transmodernidad de Dussel no será posible mientras no interese a quienes aún están en el poder.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. *1492: El encubrimiento del otro: hacia el origen del "mito de la modernidad"*. Buenos Aires: Editorial Docencia, 2012. 250 p. (1). Disponível em: [https://enriquedussel.com/txt/Textos_Obras_Selectas/\(F\)19.1492_encubrimiento.pdf](https://enriquedussel.com/txt/Textos_Obras_Selectas/(F)19.1492_encubrimiento.pdf). Acesso em: 15 maio 2024.

DUSSEL, Enrique. *Conferencia Dr. Enrique Dussel - Transmodernidad*. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/h71YcSmeDjY?si=eET7EkjI2G6YX113>. Acesso em: 18 abr. 2023.

VOCESENLUCHA. Enrique Dussel. *La Modernidad*. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ph7vUEp4McM>. Acesso em: 25 mar. 2023.



UMA ANÁLISE DA MUDANÇA NO PARÂMETRO PRO-DROP DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A ASCENSÃO DE SINTAGMAS DESLOCADOS À ESQUERDA DA SENTENÇA

Yan dos Santos Silva*

INTRODUÇÃO

Na década de 80, posteriormente ao efervescente debate acerca da natureza da linguagem entre Chomsky e Skinner, Noam Chomsky levanta a possibilidade da existência da Gramática Universal (GU) e, seguidamente, elabora a Teoria de Princípios e Parâmetros. A Gramática Universal (ou somente GU) seria o estágio inicial de aquisição de linguagem. A Teoria de Princípios e Parâmetros, por sua vez, seria uma teoria capaz de explicar a universalidade dos fatos linguísticos e as peculiaridades de cada língua (a grosso modo, a variação entre as línguas). Os Princípios, para tanto, seriam universais entre as línguas e não seriam passíveis de variação interlinguisticamente; os Parâmetros corresponderiam às diferenças entre as línguas, que seriam marcadas binariamente (Kenedy, 2008). Acerca do Parâmetro do Sujeito Nulo, Duarte considera que (1995, p.2), “não só é o mais popular como um dos que mais têm recebido contribuições e, conseqüentemente, passado por reformulações ou refinamentos, desde sua apresentação oficial.”

Dentre os Parâmetros, existe o pro-drop, que designa a possibilidade ou não do sujeito nulo em determinada língua. Nessa direção, existiriam línguas que licenciariam um sintagma nominal ou expressão referencial não realizados foneticamente, ao passo que em outras esses constituintes teriam de ser realizados obrigatoriamente (cf. Veríssimo, 2007).

(1) Ø Nevou ontem.

(2) It snowed yesterday.

Em (1), no PB, pelo fato de o verbo indicar evento natural (e, portanto, ser um verbo impessoal), não há a possibilidade de uma expressão referencial anteceder o verbo. Em contrapartida, em (2), na língua inglesa, há a partícula “It”, a despeito da impessoalidade verbal.

Nesse viés, Chomsky (1981) explica que essa diferença paramétrica entre as línguas se dá devido à natureza flexional/concordância (AGR) e à atribuição de caso. Todavia, é lícito mencionar que o próprio autor salientava que poderia haver “sistemas mistos”, em que haveria a possibilidade de nem todas as propriedades das línguas pro-drop serem marcadas completamente em determinada língua considerada pro-drop. De acordo com Chomsky (1981), são essas propriedades que definem uma língua pro-drop: omissão do sujeito; inversão livre do sujeito em sentenças simples; movimento longo de constituintes -wh; pronomes resumitivos nulos em sentenças encaixadas.

O PB, por meio de estudos diacrônicos (cf. Duarte, 1997; 2018; Ferreira, 2022), mostrou que sofreu mudanças em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo (pro-drop). Anteriormente considerada uma língua que licenciava o Sujeito Nulo, em razão da redução/ simplificação do paradigma flexional, houve um aumento de sujeito expresso na sentença. Nessa direção, ainda que tenhamos a possibilidade oracional em (3), ainda optamos por (4).

(3) Ø Estava dormindo quando Ø bateu à porta.

(4) Eu estava dormindo quando ele bateu à porta.

Inicialmente, associava-se o licenciamento do Sujeito Nulo à morfologia rica da língua, de acordo com Silva (2006). Nessas línguas, a marca de concordância

* Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Linha de Pesquisa Gramática na Teoria Gerativa) e bolsista pela CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Integra o Grupo de Pesquisa Labsin (Laboratório de Sintaxe e Interfaces) da UFRJ. E-mail: yansilva@letras.ufrj.br.

presente no verbo indicava a que pessoa do discurso o sujeito (nulo) estava associado. Entretanto, a partir dos trabalhos de Hung (1984), houve o confronto com tal ideia, na medida em que há línguas asiáticas as quais não possuem flexão verbal rica, e mesmo assim permitem Sujeito Nulo. Nesse âmbito, estudos gerativistas (Holmberg; Roberts, 2009) começaram a aventar que a binariedade chomskyana (marcação positiva ou negativa a determinado parâmetro) não dá conta dessas disparidades interlinguísticas. Nesse sentido, tal parâmetro não estava relacionado somente ao licenciamento ou não de determinada categoria gramatical, mas sim “[...] abarcava diferentes possibilidades que envolviam restrições em maior ou menor grau à expressão fonológica do sujeito.” (Verissimo, 2007, p. 80). Ao longo do texto, iremos abordar as diversas possibilidades de marcação de sujeito nulo defendidas por Holmberg e Roberts (2009).

Pretendemos, da mesma forma, cotejar os sintagmas deslocados à esquerda da sentença. Paralelamente ao status do PB como Língua de Sujeito Nulo Parcial, é possível observar não só a tendência ao preenchimento da posição de sujeito, bem como as estruturas de tópico na periferia esquerda da sentença que são retomadas por elemento correferente, que se situa na posição de sujeito gramatical. Diante disso, defendemos a ideia de que esse preenchimento de sujeito potencializou o aumento de frequência das construções supracitadas. Para isso, além de uma análise de uma entrevista, faremos uma breve explanação dos estudos de Pontes (1985) e de Li e Thompson (1976).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste estudo, pretendo utilizar a Teoria da Variação (cf. Labov, 1983 e 1994; Weinreich, Labov e Herzog, 1968) e a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1991). A primeira apregoa que a língua é um sistema ordenado, formada por regras bem definidas e que a variação, inerente a qualquer sistema linguístico, pode ser explicada por fatores linguísticos e extralinguísticos. A segunda, como bem aludida anteriormente, faz a defesa irrestrita da faculdade da linguagem, a qual aloja princípios e parâmetros. Aqueles seriam estruturas linguísticas compartilhadas por todas as línguas, esses seriam pequenas variações entre elas.

Nessa direção, com objetivo de coadunar pressupostos variacionistas com concepções gerativistas, apoiamonos na Sociolinguística Paramétrica (Tarallo, 1987), visto que propicia a análise da mudança sintática

(nesse caso, o Parâmetro pro-drop) por meio de uma teoria da linguagem, a qual busca evidenciar explicações para os fatos da língua.

METODOLOGIA

Em relação à metodologia, além de fazermos uma revisão bibliográfica dos estudos realizados na área, também analisamos construções de deslocamento à esquerda da sentença, retiradas do site PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), que busca fazer um estudo de variação e mudança linguística na variedade falada e escrita no Rio de Janeiro. Nesse âmbito, analisamos exemplos dessas construções linguísticas do corpus de Amostra Centro 2000, a partir de uma entrevista com uma falante de 9 anos, sexo feminino, moradora do bairro de São Conrado, com grau de escolaridade de Ensino Fundamental I.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A pesquisa de Duarte (1995), que almejava investigar a mudança do Parâmetro do Sujeito Nulo (Doravante, PSN), constatou que esse fato ocorreu em razão da simplificação do paradigma flexional. Isso foi evidenciado, sobretudo, pela frequente presença de sujeito pleno nas sentenças. Utilizando-se como base peças de caráter popular do Rio de Janeiro, a pesquisadora atribui a mudança à queda do paradigma verbal, que “[...] o evoluiu de um sistema de seis desinências verbais para outro com quatro, em função da substituição da 2ª pessoa do singular e do plural (tu e vós), por você(s), em parte do território nacional.” (Orsini, 2007, p. 86).

Para tanto, a hipótese é de que essa simplificação do paradigma flexional corroborou não só a presença mais frequente do sujeito pleno nas sentenças, bem como dos constituintes deslocados à esquerda.

Nessa direção, em primeiro plano, controlamos os sujeitos nulos/pletos, com o fito de perceber a diminuição do Princípio Evite o Pronome (cf. Duarte, 1995).

(a) “F: Ah assim eu saio com a Catarina tem vezes, aí eu vou pro cinema com ela.” (PEUL- UFRJ)

(b) “F: Em relação ao prédio eu prefiro esse. Em relação à praia assim, à vista, assim, eu prefiro o outro. Só que aí se eu tivesse a praia desse aqui, e esse apartamento, a praia daquele aqui, e daí esse

apartamento, seria bom porque aquele apartamento bom (inint) eu acho esse, entendeu?" (PEUL - UFRJ)

(c) "F: e eles um dia forem viajá, Ø falo assim, um.."

(d) "F:Ah, num Ø lembro assim de uma coisa dum baleia lá, Ø fazia um troço lá." (PEUL- UFRJ)

Igualmente, fizemos com as construções deslocadas à esquerda da sentença, ainda que haja mais tipos de construções de tópico - topicalização, tópico-sujeito, anacoluto:

(e) "F: Minha tia, ela fala meio assim ah assim o paulista fala meio assim "meu" essas coisas assim meio parece nariz entupido (risos e) [...]." (PEUL- UFRJ)

(f) "F: Ah o mineiro, ele fala não, mineiro não, paulista ah [...]." (PEUL- UFRJ)

Em relação à definitude do sujeito da sentença, não levamos em consideração, na medida em que não era o objetivo e também em razão do formato squib. Ferreira (2022) fez um estudo minucioso acerca de sujeitos determinados e indeterminados sob o escopo do PSN, levando em consideração cartas missivistas dos séculos XIX e XX.

ANÁLISE

De acordo com a análise do corpus, constatou-se que os sujeitos de 1ª e 2ª pessoa foram os mais suscetíveis ao preenchimento, compondo 681 ocorrências de sujeitos plenos de 1ª e 2ª pessoa. Ao passo que os sujeitos de terceira pessoa evidenciaram 145 ocorrências. Em relação aos sujeitos nulos, tivemos para as 1ª e 2ª pessoas 149 ocorrências, à proporção que os sujeitos nulos de 3ª pessoa representaram 60 ocorrências.

Tabela 1 - Ocorrência de sujeitos plenos e nulos (variável: pessoa do discurso)

Pessoa do Discurso	Sujeitos Plenos (%)	Sujeitos nulos (%)
1ª e 2ª pessoas	681 (82,5%)	149 (17,5%)
3ª pessoa	145 (70,4%)	60 (29,6%)

A partir do observado, podemos extrair duas conclusões: primeiro que houve, de fato, o aumento de

sujeito preenchido (sobretudo nas 1ª e 2ª pessoas), seja pela reconfiguração do paradigma flexional do PB (por meio da gramaticalização de você e a gente), seja pela falta de distinção da pessoa gramatical a partir da desinência verbal (Castilho, 2010). Por meio desse estudo, podemos considerar que o PB não apresenta um padrão canonicamente pro-drop, uma vez que, a fim de identificar a pessoa do discurso, há o preenchimento do sujeito. Nessa direção, em (5) não é possível recuperar a pessoa gramatical pela desinência verbal.

(5) (eu/você/ a gente) cantava a noite inteira o hino nacional.

Além disso, em uma língua de sujeito nulo consistente, como o italiano e turco, em sentenças subordinadas, o sujeito pleno da oração encaixada não é correferente ao da sentença matriz, ao passo que em PB é correferencial. Vejamos:

(6) A Maria disse que vai à feira.

(7) A Maria disse que ela vai à feira.

Em italiano e turco (línguas que são canonicamente pro-drop), por exemplo, na sentença (7), o sujeito pleno ela não pode ser correferente de Maria, ao passo que em PB isso é possível. Isso ocorre porque há uma morfologia rica. Nessa lógica, a partir de uma série de estudos que comprovaram que os parâmetros são mais complexos (e, por isso, estão relacionados a fatores gramaticais mais substanciais), Holmberg e Roberts (2009) aventam a possibilidade de quatro marcações de parâmetro de sujeito nulo:

- Línguas canonicamente pro-drop: Línguas que possuem uma morfologia verbal rica e, por isso, licenciam sujeitos nulos em todas as pessoas gramaticais e nos mais diversos contextos. Tem-se como exemplo o grego e o turco.

- Línguas parcialmente pro-drop: São línguas que apresentam restrições em relação aos sujeitos nulos referenciais, ainda que haja a tendência de não expressar o sujeito quando esse for de referência indefinida. Exemplos de línguas são o finlandês e o português.

- Línguas de expletivos nulos: Línguas em que é impossível o sujeito nulo em contexto de sujeito nulo referencial, no entanto permitem os expletivos nulos, como o alemão e o holândes.

- Línguas radicalmente pro-drop: São aquelas línguas que não possuem marcas de concordância e,

paralelamente, permitem o sujeito nulo livremente, como o japonês e o coreano.

De acordo com Veríssimo (2017), essa maneira de marcação do PSN emergiu “[...] como forma de abarcar toda uma ampla variedade de combinações possíveis do feixe de características que são compreendidas como sendo consequências da marcação do parâmetro do sujeito.” Nesse âmbito, esse critério do PSN se propõe a justamente dar conta das diferenças interlinguísticas. O PB, por exemplo, não licencia a inversão do sujeito livremente, permitindo somente os predicadores monoargumentais. Para tanto, “João telefonou/Telefonou João” é gramatical no PB, ao passo que “Cecília falou com as meninas/*Falou Cecília com as meninas”. Dessa forma, permanecer na linha binária desse parâmetro seria desconsiderar as especificidades das categorias mais específicas da língua.

Seguindo a linha de Veríssimo (2017), é lícito pensar como a criança - no auge de sua aquisição de linguagem - consegue marcar o parâmetro do sujeito. De acordo com o autor, ainda que houvesse múltiplas marcações para o PSN, no processo de aquisição, a criança seguiria uma estratégia binária de reconhecimento da expressão de sujeito da sua língua materna. Vejamos o exemplo:



Elaborado por Victor Veríssimo (2017)

Nessa estrutura hierárquica, à medida em que a criança fosse exposta aos dados primários de sua língua, iria adquirir o estatuto comportamental de sua língua-alvo. Roberts (2016) aponta, ainda, novos elementos relacionados às línguas consideradas pro-drop parcial: haveria, primeiramente, um sincretismo entre as formas verbais [amo, ama, amamos, amam]; o sujeito nulo de terceira pessoa pode ter referência indefinida [Todo fim de semana Ø desce redonda]; há restrição em relação à inversão do Sujeito-Verbo [*Filmou Ana os filhos]; leitura neutra quando há

sujeito pronominal na sintaxe aberta [Vem pra caixa você também, vem!].

Em relação às construções de deslocamento à esquerda da sentença, podemos ver que houve um acréscimo. Nesse sentido, Galves (1985) salienta que o verbo na terceira pessoa não mais seria capaz de produzir uma interpretação definida para o sujeito nulo, o que potencializa a realização de um pronome, um sintagma nominal ou um tópico.

Acerca do corpus supracitado, podemos contabilizar 89 ocorrências de deslocamento à esquerda de sujeito, o que não evidencia uma relação direta da remarcação do PSN com o aumento dos constituintes topicalizados. No entanto, de acordo com Duarte (1995), essas construções são atípicas em línguas românicas do grupo pro-drop, o que sugere que o PB não se enquadra na categoria das línguas canonicamente pro-drop.

Pontes (1987) foi uma precursora do estudo do tópico no Brasil. Ao analisar no português falado diversas construções de tópico percebeu que, de encontro ao que a Tradição Gramatical apregoava, essas estruturas eram utilizadas desde o século XVIII no Português na modalidade escrita. Além disso, por intermédio desse célebre trabalho, permitiu uma melhor compreensão de que tais artefatos não representavam erros - como a GT nomeia como “erros de linguagem” -, mas sim que eram construções as quais seguiam uma estrutura sistêmica e que eram produzidas em outras línguas. No texto seminal “Da importância do Tópico em Português”, Pontes (1987) faz um estudo minucioso sobre estrutura, a ocorrência e as similaridades com o Chinês, por exemplo.

Estudiosos (cf. Pontes, 1987; Negrão, 1999; Galves, 1998; Orsini, 2003) fizeram trabalhos importantes que, de um lado, concluíram que o português é uma língua com proeminência de tópico e, portanto, seria vinculado ao discurso. Esses autores levantaram essa hipótese uma vez que há assaz ocorrências de constituintes topicalizados no PB na oralidade, os quais são não só produtivos, como bastante diversos. Outros, por sua vez, fazem a defesa de que é uma língua saliente ao sujeito, sendo a ordem sujeito-predicado a mais prototípica (Neves, 2000).

Conforme Duarte (1995), a mudança acerca do PSN também afetou as construções de deslocamento à esquerda do sujeito. Nessa direção, essas estruturas não parecem mais prover de restrições, aparecendo com ou sem elementos intervenientes, em contextos iniciais e encaixados, com referentes definidos,

arbitrários ou indefinidos, em todas as pessoas gramaticais. Vejamos os exemplos abaixo:

- (8) a. O Ronaldo, esse cara fez muitos gols.
b. O Ronaldo, durante a Copa Mundial, há muito tempo, esse cara fez muitos gols.
- (9) a. O contrato da prefeitura, ele está cheio de fraudes.
b. Sabia que o José me falou que o contrato da prefeitura, ele está cheio de fraudes?
- (10) a. A cantora Elza Soares, ela gravou um DVD no Municipal.
b. Cidadão brasileiro, você quer ser feliz?
- (11) a. A Geovanna, no final das contas, ela cria muita confusão na sala de aula.
b. Eu, como cidadão brasileiro, eu quero justiça social para todos.

Dessa maneira, podemos constatar que, conquanto não houvesse uma alta ocorrência no corpus analisado de constituintes deslocados à esquerda, pudemos perceber que esses não só são possíveis em diversos contextos sintáticos, bem como evidenciam construções que estão ausentes no italiano e no português europeu, por exemplo, línguas de sujeito-nulo consistente. Nesse sentido, tais construções servem para ratificar a remarcação do PSN no PB, evidenciando que a língua passou de um Estágio de Parâmetro de Sujeito nulo canônico para um Parâmetro de Sujeito Parcial.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos permitiram identificar que no PB há uma tendência ao preenchimento do sujeito não só devido à simplificação do paradigma flexional, bem como em razão da perda de recuperação da pessoa verbal na desinência do predicador. Nesse âmbito, a língua supracitada está inserida no Parâmetro de Sujeito Nulo Parcial, na medida em que não apresenta características de línguas que possuem o sujeito nulo de forma canônica. Para isso, utilizamos estudos de Holmberg e Roberts (2009), que elaboraram a possibilidade de mais de um tipo de marcação para esse parâmetro, na medida em que os autores salientaram que a binariedade chomskyana não dava conta nem das diferenças interlinguística nem de fatores gramaticais, que são mais complexos.

Além disso, percebemos, por meio da entrevista retiradas do site PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), que as construções de deslocamento à esquerda da sentença não apresentaram um número significativo de ocorrência, o que nos faz refletir que não há uma relação direta do Princípio Evite o Pronome com essas tais construções. Ressaltamos, no entanto, que tais estruturas linguísticas mapeiam mais uma evidência do Parâmetro do Sujeito Nulo Parcial para o PB, uma vez que em línguas de Sujeito Nulo canônica, como o italiano e o grego, essas estruturas topicalizadas não ocorrem, conforme estudos de Duarte (1995) nos apontam. Também, convém mencionar que elas aparecem recorrentemente na língua e que apresentam uma variedade surpreendente, o que nos leva a pensar que o PB é uma língua orientada para o discurso (cf. Li; Thompson, 1976).

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris Publications, 1981.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira; CYRINO, Sônia; MORAIS, Maria A. Torres. *História do português brasileiro*. Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista, v. 6. São Paulo: Contexto, 2018, p. 28-71.
- DUARTE, M. E. L.. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. In: ROBERTS, IAN & KATO, MARY A.. (org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1993, p. 107-12.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, 1995.
- DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo no português brasileiro. In: Cyrino, S; Torres-Moraes, M. A. (org.). *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 26-71.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

FERREIRA, C.Q. *O sujeito nulo na diacronia do Português Brasileiro: a mudança no parâmetro pro-drop em cartas dos séculos XIX e XX*. Monografia, UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2022.

GALVES, C. A sintaxe do português brasileira. *Ensaio de Linguística*, n. 13, p. 31-49, 1987.

GALVES, C. A gramática do português brasileiro. *Línguas e instrumentos lingüísticos*, n. 1. Campinas, 1998.

HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, T. et al. *Parametric variation: Null subjects in minimalist theory*. Cambridge University Press, 2009.

LABOV, W. *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press Inc, 1976.

NEGRÃO, Esmeralda. *Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, 1999.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ORSINI, Mônica Tavares. *As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

ROBERTS, I. *Null arguments and Arbitrary pronouns*. Conferência proferida no Workshop de Pronomes: sintaxe, semântica e programação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 29 jan. 2016.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica "Paramétrica": Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, UFMG, v. 13, p. 51-84, 1987.

VERÍSSIMO, Victor. A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 76-90, jan./jun. 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.;HERZORG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução da edição original de 1986, por Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2006 [1968].



o dando risad
am as
dissert
traball
N. acusado e
um objetivo.
nigas estão sempre
currando, atuam

com uma
"loco
igual"
migueir

o seu J
n for
s. Peg-

alorizad
a e a fo
o inv

con-
ciência de

o
e do
Iho, an
e se tra
ena hi

enorme p
e formiguinh
A imagen
da força n
da força n
da força n
da força n

Andr conserta
ca? Todo dia ele c
a ur
nos
não
o r
tro t
spc

unita co
ver e
/arm
g.

Elhor pelo site
dia ele fa
AI IIVT e comes

na l
E
com
Var
ormiga

do trabalh
tância,
de n

na pac.
a a colar.
nega às 7
o campo

NEWS

THE URGENT LONGING

Barbara Oliveira*

eu suplico à cada célula do meu corpo uma paixão diferente
eu suplico aos meus olhos que eles mudem de direção
eu suplico que minhas lágrimas caiam por outrem
que meu coração palpite e anseie
que os dedos mudem de assunto
que o cérebro sofra lobotomia
outrem outrem outrem outrem
o suplício vem em meio às cinzas
da vida esquecida antes de você
o que era a vida antes de você
um castelo que você ateou fogo
para mim, as facas, miradas em minhas costas
danço com elas em meio ao nada
absorvendo suas digitais, seus resquícios, seus restos
ainda tenho o isqueiro que você usou
adquirido naquela viagem, num momento em que eu tinha atingido o pico da felicidade
eu guardaria as facas, reconstruiria o castelo para você destruir, se sua porta estivesse um pouco aberta
eu voltaria tudo, para ter suas digitais impressas no meu corpo
deixaria o vestido branco cobrir meus ferimentos
as tulipas enfeitarem nosso sonhado chão
eu deixaria você me quebrar de novo

* Baiana, mãe de três gatos, mestranda em Literatura Inglesa pela UFSC e fã de Taylor Swift. E-mail: bedcoliveira@gmail.com.

Imagem: colagem de **Maria Eduarda Eliassen Rosa**,

Preencha com honestidade (e boa letra) esta página.

A BRAZILIAN VISION

& Associados

ESCREVE

Impressões



—MANUTENÇÃO—

EMPLOYEE OF THE MONTH

são exageros

nocivos.

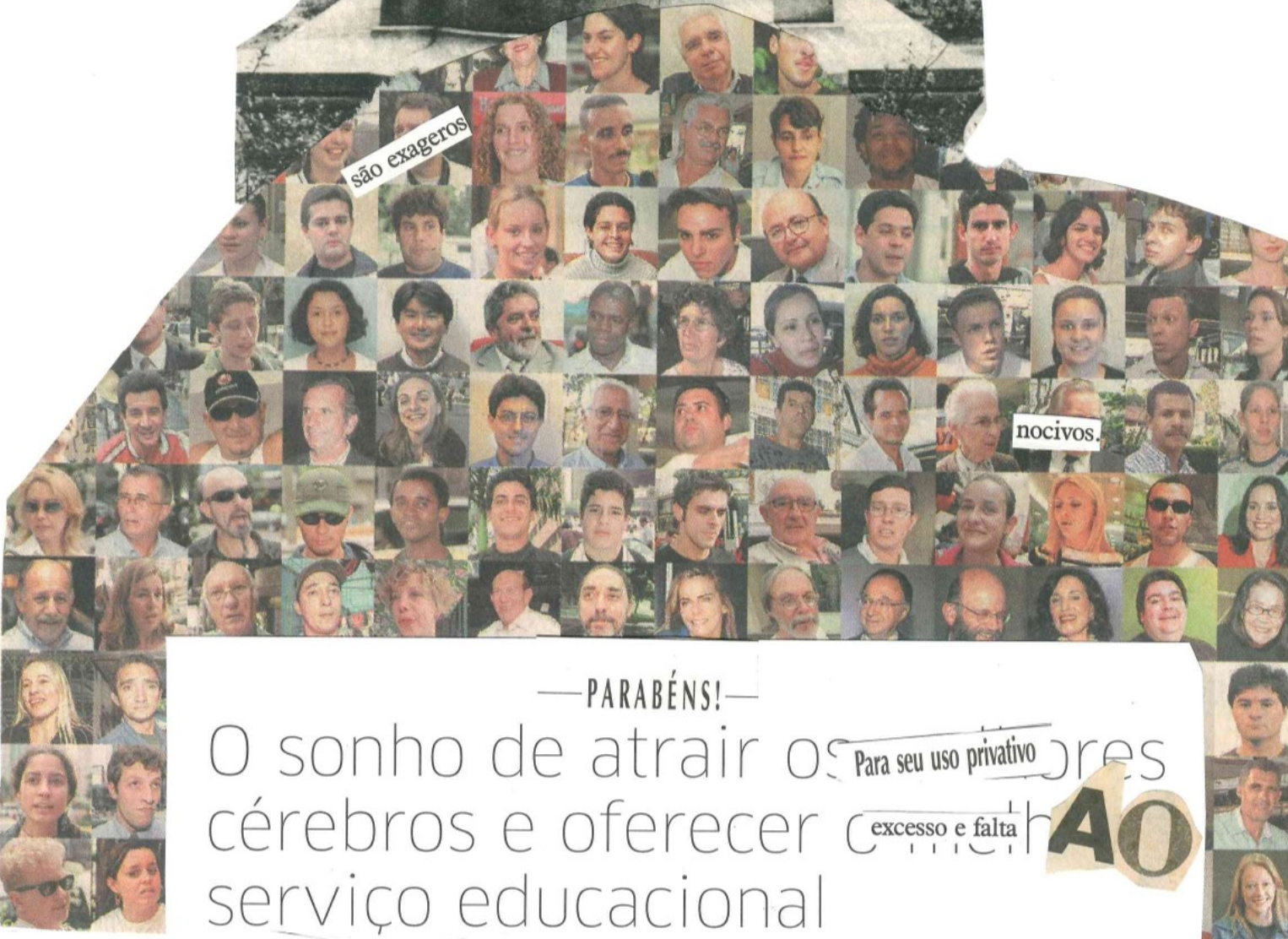
—PARABÉNS!—

O sonho de atrair os cérebros e oferecer serviço educacional

Para seu uso privativo

excesso e falta

AO



A DOENÇA QUE ME ACOMETE

Rafaela Caroline Ferreira Braz *

Da minha assídua vaga neste leito de hospital
O sofrimento de cada dia
Me impede de acreditar
Pois, a cada nova chegada
A sirene da ambulância soa como melodia
É mais uma vida
Que em agonia vai se transformar

Parece desilusão, mas é só realidade
As paredes brancas revelam
Que a beleza aqui não se achega
E a vida perde seu fascínio
Só restam as faces de uma ou outra enfermidade

O sangue que se esvai sobre os meus orifícios
Não é o famigerado sangue da vida
Pelo contrário
Cada gota escorrida
É mais um presságio
De que o meu corpo está a definhar

A doença que me acomete
Hoje já me é íntima
Teima em empalidecer meu rosto
E a meu contragosto
Me colore de tantas petéquias
Minha grotesca aparência se torna legítima

A doença que a mim escalpela
Os cabelos sem cerimônia carcomidos
Essa doença não se submete à feminilidade
Mostra que a vida não é assim tão bela
Mas, não se engane por esse lamento
Cá entre nós, já aceitei o meu suplício
então me abri ao sofrimento
“Aqui jaz um alguém”
Que agora é só uma rara doença!

* Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). E-mail: rafsbraz@gmail.com.



É DIFÍCIL LIVRAR-SE!



A L U A

Lyra Mih*

Pelo o que uma alma como esta,
com olhares frenéticos e lufadas arfantes,
passou para chegar até aqui em meio a nada especial?
Por que uma alma como esta,
que estava se encolhendo e tremendo até o chão,
veio até aqui em meio a nada especial?
Por quanto tempo uma alma como esta,
correu por entre a mata fechada e perigosa,
sem ter medo do que a esperava,
para chegar até aqui em meio a nada especial?

Eu me perguntava,
com um brilho curioso,
o que tanto a perturbava?

Por que em uma noite como esta, especificamente,
a sua alma limpava freneticamente
as lágrimas que escorriam furiosamente
pelos contornos finos de seu rosto e belamente,
com o meu brilho, deixava-a melancólica, de um jeito melancolicamente,
extraordinariamente, inocentemente belo.

Sim, belíssima ela era, com soluços desesperados e miados agudos.
Banhada de cheiros e emoções selvagens.
Como um gato da mata que acabou de fugir pela própria vida.

Quanto mais o tempo escorria pelas minhas mãos,
mais curiosa eu ficava para saber,
o que tanto a perturbava?

Sem perceber até então,
ela me observava,
com as janelas para a sua alma brilhando de lágrimas não escorridas,
e que refletiam as minhas cores de maneira tão admirável e apaixonante,
que não pude deixar de beijar, como a brisa do vento, os seus lábios gelados,
para enfim poder olhar a construção gradativa de seu sorriso,
sorriso este que nunca pensei que eu poderia ser a causa e, muito menos,
presenciaria, independentemente se for de qualquer pessoa.

* É em meio a fantasias criadas por palavras que encontro a minha verdadeira paz. E-mail: heloisamiranda405@gmail.com.

Imagem: colagem de **Lídia Remus Gregorio**.

Tenho os meus motivos para duvidar de mim mesma,
sou enganosa,
de muitas faces e fases,
são muito poucos os que conseguem acompanhar-me,
ler-me,
estudar-me,
prever-me,
admirar-me
e deixar ser hipnotizado para esquecer o passado, o presente e o futuro.

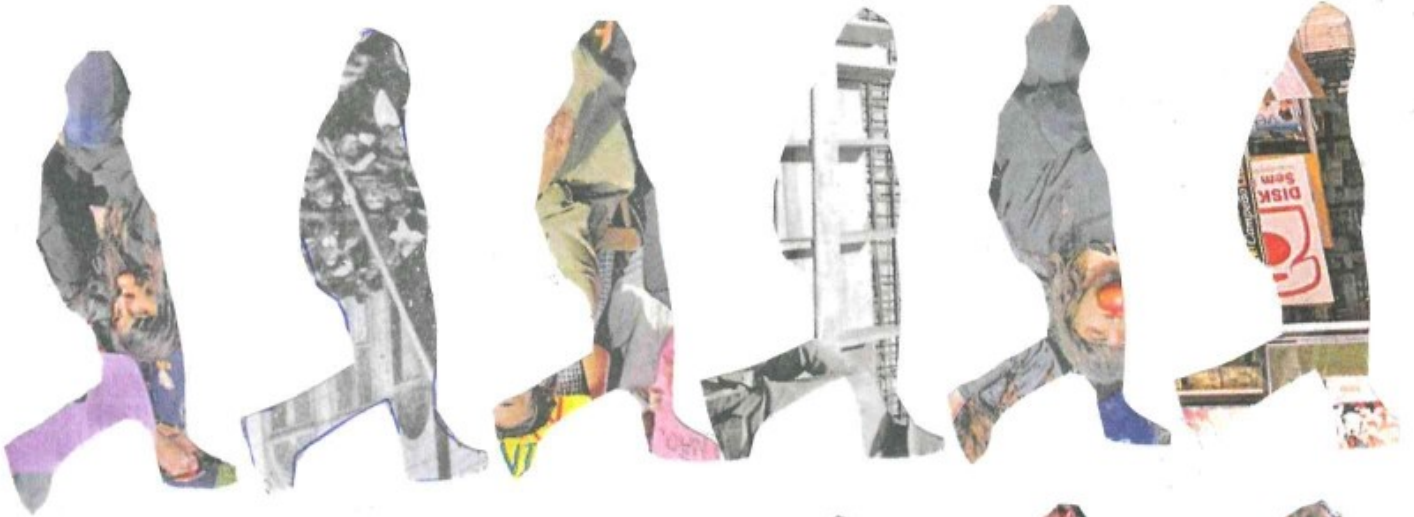
São poucos os que percebem-me nos céus,
já sou fraca, pálida e pequena por natureza,
meu tempo é curto na presença das adoráveis almas que observo.

São poucos os que compreendem a minha complexidade,
a minha importância,
a minha sabedoria.

Portanto, tenho os meus motivos para duvidar de mim mesma,
mas esta pequena alma cessou todas as dúvidas que tinha sobre mim,
e conseguiu o que mais ninguém conseguiu,
em milhões de anos de existência,
me cativar com paixão e adoração que um astro merece.

Não sei o que a perturbava no início,
acredito que nunca saberei, mas não me importaria menos,
apenas sei que esta memória foi esquecida com o vento
e agora a sua alma está em paz ao me observar brilhando sobre o oceano ao seus pés.

-Lyra



la a b
esia
tico (PSD)
ta Br
a. O F
amente
entre
em se
mo



A TELA

Izabel Bayerl*

Cada dia, uma tela em branco
A forma sem forma
Cada noite, uma tela em branco
O traço sem traço.

Uma tela em branco: a preencher.

* Acadêmica de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista no Programa de Educação Tutorial dos cursos de Letras. E - mail: bellbayerl@gmail.com

Imagem: colagem de **Luís Fillipe Fernandes**.



A DIETA DA PLACENTA

RESSACAS

José Augusto Simões de Miranda*

usava o plural por
causa das
variações
física moral
cognitiva

cansaço fadiga
eram protagonistas
de um jeito mole
de ser
do corpo
preguiça
inércia

o cão
choramingava
as gatas
dormiam
pareciam
acompanhar
aquela
pós-diversão

enquanto isso
do outro lado da rua
elas se escondiam
atrás dos drinks
num baile sem
máscaras pré-
carnaval.

* Doutor e Mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários (UFSC). Linguista. Poeta. E-mail: joseaugustosimoesdemiranda@gmail.com.

Imagem: colagem de **Leonardo Hasse**.

Tempos difíceis

Tijolo por tijolo

ER ES
pero
EN
Labo.
hay
tristesza
A
S A B idar



A GREVE GÉNÉRALE

PAR GEORGES FÉLINE

*Acte à la Bastille avec ses prisonniers des prisons de la fuite
fait de vos désespoirs, je me fais un dieu! In sa échant de
pour une place dans nos rangs!!! (ARISTIDE BRIAND)*



PROFESSORES SEM DINHEIRO

VINDEM SCUC DENIC

Tempos difíceis

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo
para a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendo para todos, no toldo



REALIDADE ALTERNATIVA

O FEIXE QUE NOS UNE, NOS SEPARA

Cássio Henrique Bauer*

Dos teus olhos
Brotam flores que secam e se banharão
Na terra fértil e quente
Da pele úmida da vida que renasce

Dos teus dedos
Saem canções e vozes silenciosas
De um homem já morto
Que me tocam o que não tenho

Da tua boca
Surgem canários azuis irritados
Com a falta de coragem
Tua
De falar com a boca cheia

Nas tuas intimidades
O feito desfaz
Onde a imaginação se esconde
E os sonhos se libertam

Da tua ansiedade
O esguicho de ar sufoca
A morte que não mata
A vida
Da tua existência
A meia-lua procura
Um gomo de luz
Em um novo olho
Que dança tua dança

No teu voo de esperança
A curiosidade louca se faz
Repetidas vezes

* Mestrando em Design (PPGDesign) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bacharel em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisa sobre a humanização da tecnologia e seus aspectos técnicos, assim como estudos filosóficos da informação, da tecnologia e do design. E-mail: cassio.bauer@edu.udesc.br.

Imagem: colagem de **Sabrina Zanon**.

infinito



BORBOLETAS

Hanna Boassi*

as borboletas no meu estômago estão cansadas.

não batem as asas há um tempo, talvez tenham voltado a ser lagartas.

sinto elas se rastejando como se tentassem fugir, e não as culpo.

antes voavam livremente e se alimentavam de felicidade.

estão famintas.

não as culpo.

espero que retornem aos casulos.

* É graduanda de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Faz parte do Programa de Educação Tutorial de Letras (PET-Letras) e é bolsista CNPq. E-mail: boassi@gmail.com.

Imagem: colagem de **Juliana Marcolino**.

Se você apontar um raio laser para um cristal de bário,



POEMA EM LINHA TORTA

RELEITURA DO POEMA "POEMA EM LINHA RETA", DE ÁLVARO DE CAMPOS
(FERNANDO PESSOA)

Angelo Gabriel Cassariego Perusso*

Nunca conheci quem tivesse levado porrada
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo

Já eu?
Tomei dois socos na cara
Só na semana passada
Mas ninguém mais nunca apanhou
Todo mundo briga e vence, sempre

Nunca conheci quem levasse desaforo pra casa
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo
Já eu?

Eu tenho sido ridículo, absurdo
Mesquinho, submisso, arrogante
Eu tenho sofrido desaforos e calado
Levei quinze desaforos pra cama comigo
Só no mês passado
E quando tento não levar
Sou mais ridículo ainda

Tenho feito tudo errado
Absolutamente tudo errado
E os outros só acertam
E então postam que acertaram
E contam que acertaram
Sóbrios ou embriagados
Sempre ganharam e agiram correto
Como que pode isso?

Eu tenho feito vergonhas financeiras
A fatura do cartão gargalha na minha cara a semana inteira
Tenho fugido da briga
E aguentado quieto o desrespeito, a discordância, a mentira
Eu tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas
E como são pequenas e como são ridículas
E ainda assim, são maiores que eu

* É estudante de Letras na Universidade Federal de Santa Catarina, escritor, slammer e slammaster. É organizador e criador do Slam Estrela D'alva, na UFSC, em Florianópolis. Além disso, é um dos criadores do Slam Educa, coletivo que ministra oficinas de poesia em escolas da Grande Florianópolis e promove um slam interescolar. E-mail: aperusso1@gmail.com.

Imagem: colagem de **Alessandra Regis da Silva**.

Diante disso, verifico que não tenho par neste mundo
Toda gente que conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca tolerou desrespeito, nunca apanhou
Todas as vezes em que foderam foram incríveis
Todas as danças que dançaram, coordenados e atraentes
Todas as roupas que vestiram eram da moda
E tudo que fizeram foi perfeito
Sei porque ouço falarem e vejo postarem

Ah! Como eu queria escutar de alguém uma derrota!

Sentar numa mesa de bar, depois do futebol
E ouvir um homem dizer “eu sou broxa”

E que horror o papel do futebol nessa história!
Todo mundo que conheço nunca jogou mal
Nunca errou gol, fez fiasco, errou em bola
E todos os meus amigos
Só não são profissionais porque machucaram o joelho
E eu, com dois bons e fortes joelhos
Anuncio aqui
Em um ato inédito
Que não sou profissional porque sou ruim
Baixo, fraco, lento, míope
Porque falhei quando mais precisei acertar
E repito: meus joelhos estavam ótimos

Mas quem sabe eu inicie um movimento!
Quem me dera!
Quem sabe alguém junte-se a mim
Nessa maluca empreitada
Que tem sido contar minhas histórias
Sem esconder nada
Revelando assim uma quantidade descomunal de derrotas
Não é possível que só eu
Entre todos do mundo
Que mais perco que ganho

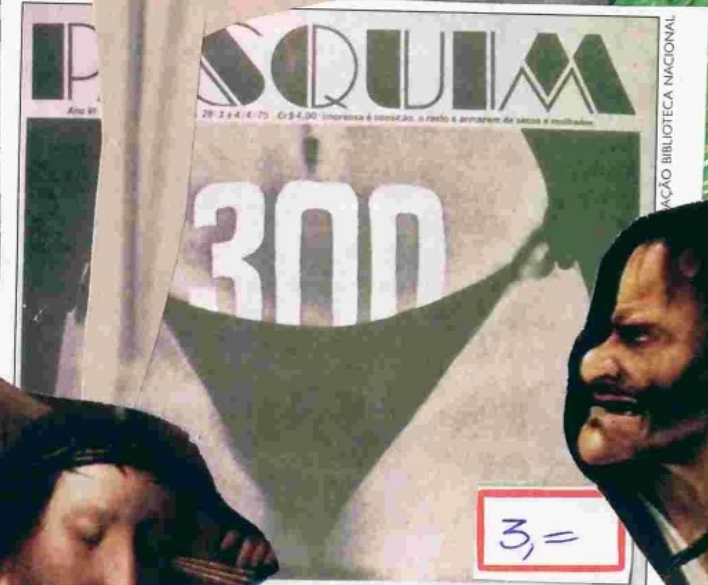
Será que é só eu que me exponho ao ridículo?
Que pago mico
Que choro em público
Tropeço na rua
Que falho quando preciso acertar
E que broxo de vez em quando?
Será mesmo que ninguém tomou a porra de um único soco?

Inferno!
Como eu queria que alguém me confessasse
Podia ser baixinho, no pé do ouvido
“Eu também tenho perdido”
Porque eu tô cansado
Muito, mas muito cansado
De ser o único a encontrar por essas esquinas
A Avenida do Fracasso

Então pergunto
Mil e mais mil vezes
Onde será que tem gente no mundo?
Eu tô cansado de semideuses.

???!

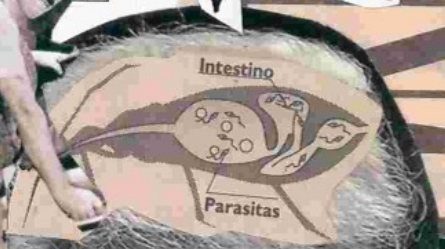
Com um cálice de conhaque Pedro Domeq no Riviera
3 m



CENSURA
FERNANDA MONTENEGRO NA PASQUIM-NOVELA!
PRIMMO (EXCLUSIVO)
SALDANHA
ERUDA

ENTÃO LA VAI O BASTÃO. GENTE!

Falta paixão neste drama



OUTROS
SOMOS
SOMOS
SOMOS
SOMOS

TAIPAN-OCIDENTAL

Nicolle Pogere*

Tive um sonho noite passada em que eu era devorado por uma cobra gigante. Acordei e fui pesquisar o que significava um sonho como esse, e lá estava que sonhos assim significam estar cercado por alguém que queria o meu mal. Achei bobagem, mas pensei nos meus amigos, na minha família, pensei, e não identifiquei nada. Confesso, passei horas analisando o comportamento das pessoas próximas a mim... e nada. Como bom leitor de Freud, comecei a acreditar que a obra "Interpretação dos Sonhos" e a baboseira do inconsciente que abre brechas para muitas interpretações (como essa de um site com uma pesquisa nada confiável), já não fazia mais sentido. Será que ele enganou todo mundo? A mim?

No dia seguinte, eu acordei pensando em um erro que cometi há 7 anos, e ele pairava sob a minha cabeça igual uma nuvem cinzenta, chuvosa e poluída aqui das ruas de São Paulo. Passei horas e horas me remoendo por dentro. A culpa é realmente o sentimento mais inútil que existe. Posso mudar algo? Não, mas fiquei pensando sobre aquilo por muito tempo.

No outro dia, amanheci extremamente cansado. Acho que de tanto chorar na noite passada por causa daquilo, sabe? Mas aí, para piorar tudo, caí na besteira de ler minhas anotações de seis meses atrás. Estava limpando minha bagunça e achei elas espalhadas num caderninho verde sem linhas. Ali, descrevi uma situação terrível (sob minhas lentes masoquistas, claro): falei sobre o quanto estava sendo incompetente no meu trabalho. Todos os dias errando a mesma coisa. Comecei a pensar que, talvez, fosse hora de mudar de carreira, mesmo trabalhando com a mesma coisa por 14 anos e, às vezes, sendo feliz com ela. Mas será que eu merecia ser feliz?

No dia seguinte, tomei um banho demorado já com a consciência pesada pensando na conta de luz que me esperaria no próximo mês. No banho, lembrei de uma coisa que aconteceu há 25 anos. Traí minha namorada. Na época, éramos jovens, eu mal tinha completado 15 anos, mas, mesmo sabendo que eu era imaturo, nunca me perdoei.

Quando saí do banho e me deitei, pensei sobre uma coisinha que fiz há três dias: menti sobre estar doente no trabalho – e isso somou mais um ponto na minha lista de culpa. Dormi pensando nisso.

* 26 anos, graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Professora de língua portuguesa, redatora e escritora de contos e crônicas nas horas vagas. Acredita que só a educação de qualidade muda a vida. E-mail: npogere@gmail.com.

E tive um pesadelo, de novo. Uma cobra gigante me devorava; dessa vez, com uma força brutal. Senti ela esmagar cada pedaço do meu corpo, com vontade, vontade mesmo. E senti isso fisicamente. Acordei assustado, lembrando do significado desse sonho que pesquisei semanas atrás naquele site nada confiável com baboseiras de Freud abrindo brechas para interpretações ruins. De novo, pensei no meu ciclo de amizades. O que será que está acontecendo que eu não estou sabendo? Quem anda desejando o meu mal por aí? Mas esqueço, não acredito mais em sonhos e seus significados.

Decidi levantar e, ao fazer isso, dei de cara com o espelho do meu quarto, me encarei e pensei no significado do sonho de novo. Repensei. E me encarei. E tive a resposta para as minhas perguntas. Freud sempre esteve certo. E aquele site nada confiável também.

ESSA COISA DE SER "ARTISTA"

Claudia Rivera*

[19:31, 14/05/2024] Clara Ribeira: "prodígios"

[19:31, 14/05/2024] Clara Ribeira: *tenho ranço dessa palavra*

[19:32, 14/05/2024] Clara Ribeira: *vamos combinar que o termo é polêmico, principalmente pela carga que tem no meio musical... tipo, o que determina que essa pessoa é prodígio? quais são as condições sociais que aconteceram para essa pessoa ser "prodígio"?*

[19:32, 14/05/2024] Clara Ribeira: *pra mim, é dos mesmos criadores de: mérito*

[19:32, 14/05/2024] Clara Ribeira: *meritocracia = prodígios*

[19:34, 14/05/2024] Clara Ribeira: *será que um pobre, quebrado, sem grana nem pra pegar ônibus ou comer, vai conseguir ser prodígio? quantas pessoas prodigiosas ficam no anonimato porque não têm recurso nenhum para chegar nem no lugar mais óbvio?*

[19:34, 14/05/2024] Clara Ribeira: *enfim...*

[19:35, 14/05/2024] Clara Ribeira: *e também: prodígio = ageísmo (etarismo)*

[19:37, 14/05/2024] Clara Ribeira: *uma pessoa só é prodígio se tem todas as condições possíveis para se desenvolver em uma linguagem específica até certa idade, no máximo ali pela adolescência... se ela estava mais preocupada em procurar o que comer, ou fazer alguma outra coisa referente a sobrevivência básica, o tempo passa, e não importa o momento em que ela atinja um nível de excelência, ela nunca poderá ser "prodígio"... porque essa categoria está reservada geralmente para*

* Multiartista, compositora, pianista, flautista, cantora, artista visual e professora cubana naturalizada brasileira. Graduada em Letras - Espanhol pela UFSC. E-mail: claugarivera@gmail.com.

peças que nasceram em berço de ouro, ou pelo menos que tiveram tudo garantido para poder estudar e se dedicar ao ponto de serem reconhecidas bem cedo

[19:37, 14/05/2024] Clara Ribeira: *eu tenho certo nojo desse termo*

[19:37, 14/05/2024] Clara Ribeira: *#prontofalei*

[19:39, 14/05/2024] Clara Ribeira: *ou seja, para quem precisa primeiro resolver questões básicas da vida, o termo prodígio nunca existirá. só é prodígio quem tinha um prato de comida garantido em toda refeição desde que nasceu, e não precisou se preocupar com mais nada do que com a música*

[19:45, 14/05/2024] Clara Ribeira: *e tipo, tudo bem ter sucesso na vida, só não gosto dessa parada de “prodígio”... dane-se, eu não acredito nisso*

[20:06, 14/05/2024] Clara Ribeira: *prodígio para mim é alguém se ferrando e mesmo assim conseguir coisas impensáveis.. tipo uma mãe solo conseguir ter uma carreira*

[20:06, 14/05/2024] Clara Ribeira: *por isso vc não chegou a ser “prodígio”*

[20:07, 14/05/2024] Clara Ribeira: *não deu tempo, porque enquanto vc trabalhava na Santa Efigênia ou estava emigrando por falta de recursos na sua terra de origem, algum deles, que tinha tudo certinho, tava lá fazendo networking ou estudando.*

[20:33, 14/05/2024] Clara Ribeira: *na música é tão ingrato o rolê, altas frustrações*

[20:34, 14/05/2024] Clara Ribeira: *vc se mata pra caramba e é tudo efêmero, te valorizam de vez em quando, o público aplaude na hora, depois esquecem quem era vc*

[20:34, 14/05/2024] Clara Ribeira: *sei lá*

[20:35, 14/05/2024] Clara Ribeira: *ainda estou entendendo isso também*

[20:36, 14/05/2024] Clara Ribeira: *pois é... é que eu já passei por isso, então talvez muitas das frustrações que eu sinto vc vê, mas não entende... mas assim, tomara que teu caminho seja outro, mais fácil que o meu*

[20:37, 14/05/2024] Clara Ribeira: *porque realmente pra mim é tipo... um gostinho de felicidade amarga*

[20:37, 14/05/2024] Clara Ribeira: *tipo, consigo sentir na língua o amargor de várias coisas em mais de 30 anos de estar no mundo da música, ainda mais sendo mulher*

[20:40, 14/05/2024] Clara Ribeira: *apesar disso, não posso me queixar porque sou privilegiada de me sustentar fazendo coisas que eu gosto... mas não é fácil, viu?*

Finalmente sentei aqui. Ufa! Abri o notebook, na expectativa de escrever algo significativo. Mas assim que entrei, veio um monte de informação de todo lado, abas abertas, pensamentos de coisas por fazer, vida adulta e jtrá, trá! (como diria Rosalía), tudo dando voltas na minha cabeça, como espiral ofuscando o pensamento.

Respiro fundo. Sigo.

Faz algum tempo estou começando a entender o tipo de artista que eu sou, e que dificilmente me encaixo nos moldes esperados na categoria. No fim das contas, quem ou o que determina realmente o que é ser artista? Eu sou artista. Mas não do jeito que eles querem, que a indústria quer ou sei lá quem. Eu faço arte do meu jeito. A arte é a minha vida em si, não tem distinção entre o que faço e o que sou. Não tem como eu fazer qualquer coisa na vida sem ter arte no meio, por mais que eu me esforce. Por exemplo, nesses tempos de faculdade, isso tem ficado muito nítido, não consigo passar um dia sem enxergar a arte em tudo o que se fala no curso ou eu mesma trazer a arte para o que está sendo falado.

Talvez pelo fato de ser um curso de letras, deveria estar naturalmente vinculado à arte, mas a realidade é que a maioria das pessoas que está lá dando aulas não enxerga dessa forma.

Essa coisa de ser artista é um pouco mais do que ser normal e um pouco menos do que ser normal. Porém, nunca é ser normal.

A estética domina o mundo das artes. Parece que, se você não se encaixa em alguma estética estabelecida, você não é artista. E é essa dificuldade de ser colocada em quadradinhos o que mais me corrói, o que mais dói. Fico frustrada porque me sinto a esquisita, até mesmo dentro dos círculos artísticos, sinto que não me encaixo plenamente em nenhum, que estou de penetra em exposições, ou infiltrada em algum concerto, que o fato de não ter aquele ensaio de fotos bombástico não me qualifica como artista, de não postar cada coisa que faço ou manter os stories ativos com babados do meu dia a dia, de não ter um monte de músicas lançadas, de não ser chamada por grandes festivais. Assim, a autoestima de artista vai ficando abalada e, por outra parte, o significado de ser artista ganha outra cara, maquiada de resiliência.

Na sua insignificância, o mero fato de ser artista, porque se é, fica como algo significativo no plano pessoal, porém doloroso. Será que as pessoas lá fora – de mim – estão sabendo que eu sou artista? Mas será que isso é relevante? Para que eu preciso que eles saibam?

Hoje, para mim, ser artista é simplesmente ser. Cansei de tentar me moldar para caber em quadrados e esquemas que alguém inventou e que outro alguém falou que era o modelo a seguir. Cansei também de tentar me definir. Mas, por outra parte, tenho uma sensação estranha de que em breve vou entender melhor do que se trata isso tudo, mesmo tendo que aceitar, com certo desgosto, que ainda falta um bom percurso para isso.

Aquela pergunta clássica “Ah, você é artista! Mas trabalha com o quê?” ou “O que você faz da vida?” já ficou obsoleta para mim. Perguntem-me melhor: “O que a vida faz de você?” ou ainda “O que dá a vida que você faz?” ou “Faz da vida o que dá você?” ou talvez “Vida faz você dá o quê?”.

Enfim, ser artista não é uma escolha, é um chamado, como aquele que moveu Don Quijote a se levantar e ter forças para desbravar caminhos e aventuras, mesmo que muitas vezes começassem e terminassem, apenas, no infinito território da sua cabeça.



OURO EM TENTAR, PRATA EM FRACASSAR

Nicolle Pogere*

Não fui bom em nada do que fiz; e olha que fiz muita coisa. Minha analista me disse um dia que isso era ótimo, que vivi muitas experiências, muito mais do que muita gente. Ela também me disse que sou corajoso, e isso é admirável, pois muitas pessoas não o são. Toda vez que ela me falava isso, eu dava de ombros, não retrucava, mas sempre tentava acreditar nela.

Assim como ela, também fiz psicologia e hoje sou psicólogo. Mas antes disso, fui vendedor em uma loja de aparelhos celulares, fui vendedor em uma loja de móveis, fui instrutor de inglês, dei aulas particulares de música, e já fui até secretário do prefeito. Enfim, essas são apenas algumas ocupações que tentei. Fiz muitas coisas, mas não fui bom em nenhuma e desisti de muitas pelo caminho: essa é a verdade.

Agradeço minha analista, mas fatos são fatos. Minha analista é uma pessoa e, como pessoa, diz ter orgulho de nós para nos animar, que nos empenhamos ao máximo em tudo que fazemos; mas, no fundo do pensamento dela, ela tem pena. Estou me colocando na terceira pessoa do plural aqui porque gosto de pensar que não sou o único a passar por isso.

E sabe, caro leitor, ser assim, um desistente, é pesado. Se você for um, você sabe do que estou falando. Eu, no auge da minha adolescência, comecei praticando esporte: futebol. Eu não era bom, mas era esforçado. Depois, comecei a fazer judô. Eu não era bom, mas dava para o gasto. Depois fiz ginástica rítmica, natação e vôlei. Era bom nessas coisas? Você já sabe a resposta. Mas as coisas não pararam no mundo dos esportes. No âmbito educacional, eu fiz inglês, fiz francês, fiz espanhol. Até hoje não falo nem inglês, nem francês e nem espanhol fluentemente. Entrei para a faculdade de Matemática; não gostei. Comecei a estudar Direito, tranquei; entrei para o curso de Engenharia; desisti. Fiz psicologia. Formei-me em 8 anos, três anos mais tarde do que meus colegas, e por quê? Porque tudo que eu começava, não terminava. Um verdadeiro horror!

E no campo amoroso foi um desastre atrás do outro. Aos 13 anos, conheci Marta. Ela foi meu primeiro amor, isso é fato. Foi com ela que tive meu primeiro beijo, mas, como você já pode prever, ficamos uma vez e nunca mais. Depois, aos 16,

* 26 anos, graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Professora de língua portuguesa, redatora e escritora de contos e crônicas nas horas vagas. Acredita que só a educação de qualidade muda a vida. E-mail : npogere@gmail.com.

Imagem: colagem de Raul de Campos.

foi Diego. Diego era um ano mais velho que eu, era alto, magro e usava um brinco na orelha. Eu fantasiava beijar Diego, transar com ele, casar e adotar 3 filhos. Sou exagerado romanticamente, isso todo mundo sabe. Eu e Diego ficamos juntos por 7 anos, e foram os melhores 7 anos da minha vida amorosa. Mas, você já sabe, não deu certo, como dizem por aí. E com 30, foi a Júlia. Conheci a Júlia em um congresso de psicanálise. Conversamos, ficamos próximos, nos beijamos e nos casamos. Foram 5 anos de amor e 5 meses de crise. Eu a traí, ela me traiu, eu gritei com ela, ela gritou comigo. Terminamos.

Minha vida amorosa teve seus bons momentos, mas foi um completo desastre. Em cada término eu pensava: fracassei no trabalho, fracassei no esporte, fracassei nos estudos e ainda tive 3 relacionamentos que não foram para frente.

A essa altura, você deve estar pensando: quanta reclamação! E você não está errado. Hoje tirei o dia para desabafar e aceitar que, talvez, eu não seja bom em nada. Na sessão de terapia passada, minha analista pediu que eu fizesse uma lista de coisas nas quais sou bom, ou melhor, que dou conta de fazer. Passei 5 horas pensando em algo, e nada. E então ela tentou me mostrar tudo que já fiz, inclusive parte dessas coisas estão aí acima. Sem entender, perguntei: como posso ser bom em tudo isso se nenhuma dessas coisas deu certo ou pude terminar? Dentre tentativas de me fazer mudar de opinião, ela me falou que sou corajoso. O que é ser corajoso?

Coragem é um substantivo feminino, então, claro, é uma palavra forte. Talvez minha analista esteja certa, eu sou corajoso. Para fracassar é preciso ter coragem, é preciso tentar. Dizem por aí que fracassado é uma pessoa que não tem nem o ímpeto de tentar. Mas aí eu te pergunto, caro leitor, adianta ser corajoso e não conquistar nada?

Já passei dos 40 anos, sou psicólogo, passo o dia inteiro ajudando pessoas a resolverem seus próprios problemas, e à noite afogo os meus em pelo menos uma garrafa de vinho tinto seco. Não tenho uma casa própria, não tenho filhos, não tenho nem companheira, nem companheiro. Tenho 3 amigos, 3 gatos e um Corsa 94. Passo os fins de semana ouvindo Cartola, lendo Lacan e fumando Mango Skunk. Se eu disser a você que não gosto da minha vida, estarei mentindo. Mas não nego que me pesa a cabeça no travesseiro pensar que tudo que sonhei em conquistar, não se concretizou. Acho que sonhei errado ou sonhei demais.

Eu não sou mais tão novo, mas também não sou tão velho, eu sei, mas ultimamente parece que todo mundo envelhece 10 anos em 1, e eu não sou diferente de ninguém. Já considerei usar aplicativos de relacionamento, mas tenho preguiça. A verdade é que sou um reclamão de primeira categoria, tenho doutorado nessa função. Bom, pelo menos sou doutor em alguma coisa. Mas em reclamar? Isso não é bom para a minha reputação. Sou psicólogo, pelo amor de Deus! As pessoas acreditam não haver crise existencial nessa profissão! Coitadas! Se elas adentrassem minha casa hoje veriam que esse lugar está tomado pela névoa da melancolia. Mas sabe de uma coisa? Acabo de me tocar que posso colocar "reclamar" na lista de coisas que faço bem. É quem sabe posso até tentar mais um esporte, um curso, um romance. Acho que finalmente percebi que sou bom em tentar.

Mas tentar cansa. Tem dias que eu não consigo nem me mexer direito. Meus gatos me acordam porque querem sachê, todos os dias, piamente às 6h. Então levanto, dou comida para eles e acaricio os seus longos pelos. Faço meu café, e me preparo para os atendimentos do dia. Por mais que seja difícil viver alguns dias, e que todos os pensamentos de não ter conquistado nada sejam sombras que estrangulam o meu cérebro todos os dias, eu tento. Apeguei-me a essa única coisa que sou bom. E reclamo, pois sou bom nisso também.

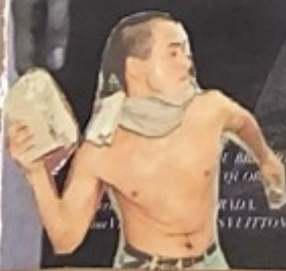


Segredo



está na

Poesia



WRITING TO BE HEARD

Adrian L. Mastrocola*

My mom always wanted me to be an artist. She taught me how to draw and paint, she let me dip my fingers in wet paint and run them over flat and soft papers, walls, fabrics. I learned all kinds of crafts, the weight of scissors, glues, needles and threads still linger on my hands. I took dancing classes and tried to play the guitar, the piano, the violin; if I close my eyes I can feel to this very day the sweat clinging my clothes to my body, and my fingers getting stuck on nylon cords and tapping over marble keys. I sang for the longest time, because it felt so good, and also made mom really happy. Singing was a door opened to self discovery and experimentation, my very first source of therapy, of literally being heard. I'm glad she kept insisting for me to go after a kind of art that reflected my deepest feelings genuinely. Singing did that for a while. It also let me reach into other people's feelings, to touch and empathise with them, made them cry and have chills on their skin, made them smile and dance. I was being heard in levels I couldn't explain, and still can't.

I wholeheartedly tried to follow her wishes because she got so happy when I was up on a stage holding a cheap microphone – that sometimes stopped working and I would keep singing without it, because I didn't really need it –, or just making music in our backyard, and all that made me happy, knowing I could reach people's feelings by their ears while feeling good with myself. However, once I was in highschool I realised that I actually liked to write, to have tons of moleskine-lookalikes filled with cursive handwriting. When mom showed me the journals she kept, writing down and describing our childhood throughout the years, it hit me as something we were sharing without acknowledging it. We had more in common now. She had two little notebooks, one for my older brother and one for me, besides many others that she kept to herself.

I never showed her what I was writing at that time though, not even silly poems and music lyrics. She always respected my privacy, and thank god she did because I was writing about queers making out, and she would probably find it a bit shocking for a teenager. Actually, a shocking thing would be a teen not thinking about boys kissing, but mom was always very proper and reserved when the subject approached sexuality in general. Mind you, mom was never homophobic nor anything like that, as she's always very supportive and allied to social movements towards equalities, but to talk openly and straightforward about people being intimate, touching each other? No, thank you. One's intimacies belonged exclusively to one's bedroom, and were not to be discussed with others. So, as a proper and intimately repressed child, I was writing page after page of gay pornography.

Once I was introduced to fanfiction and what the internet could provide us regarding off limits literature, I started reading other people's works and to write my own based on superheroes, wizards, musicians and any other possibility that presented itself to me, until I sketched my own characters. To be honest, my girlfriend at the time came up with a handful of those characters and I wrote the rest, like a collaborative work to this novela. It was a love story called "an essay on tragedy", the protagonist was getting his Masters in Literature and Fine Arts, ended up falling in love with a heart doctor that looked younger than himself and, just like the protagonist, had a fucked up family and upbringing. I was writing about love, self discovery and bonding over silly accidents, but also about rape, violence, terminal illness and problematic families. I still don't know to this day if I was predicting my own future or exaggerating my past, but *this* is a topic for another day.

* Leitor e revisor de fanfiction, ansioso e macumbeiro, estudante de inglês nas horas vagas. E-mail: mastrocolagarcia@gmail.com

Imagem: colagem de **Artur de Vargas Giorgi**.

I was writing all I wanted to see, all I wanted to talk about but couldn't. Wouldn't. I didn't have access to a lot of information regarding sexual education, or what was consent, to be able to consent, or when that consent could be withdrawn (i.e. always). I knew what most things were because I ended up researching online when I got my hands on a computer, searched for meanings, for examples, for more fanfictions that would show me in a narrative what all that meant and could feel like. I guess I was just curious about all the things people don't talk about aloud. Writing and reading gave me opportunities to explore and get to know stuff that people are afraid of, things that we don't want to experience ourselves, but are incongruously curious about, as to always stop to read the particular details of gruesome news, or slow down the car to see the accident across the road. I just didn't, and still don't, want to keep myself from knowing and living things. If those things could kill me outside of my notebooks, I could just write them and bring them to life before my very eyes instead. Perhaps that makes me an adrenaline junky?

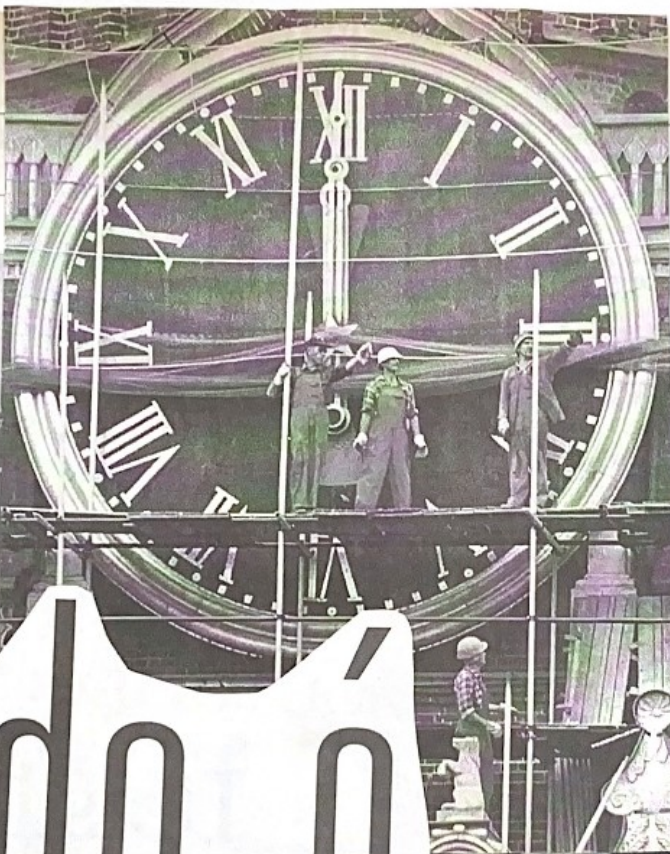
Back in school, two colleagues read all my work – two, filled to the brim and some more, notebooks of handwritten gay erotica with lots of trauma and drama – and I liked every line, every second, every comment my friends left scribbled on the margins for me. I liked writing taboo subjects that made them squirm in their seats, and, even better, made them blush because they liked to read it all. I liked the dreadful tension that hooked us every time a teacher would pass by one of us and see my books, read it from over our shoulders, or even ask one of us to read out loud what was keeping our attention from class. We were constantly scared, waiting for it to happen. It never did. Writing (and reading) was a secret, only because of its contents, we should be ashamed of what we were consuming, of what *I* was creating. Another taboo to be bottled, sealed and ignored into posteriority.

I rarely talk about writing, just like I barely muttered a word back then. I rarely talk about how much I like to do it, how much I *want* to do it, and how I would love to see people feeling with my writing the great, and sometimes daunting, things I felt and feel with many texts. I felt alive and free when I first read a fanfiction called *When You Kiss Me (What A Lovely Way To Burn)*, I felt a deep desire to scream my lungs out reading a quote by Marianne Williamson, but above all, I felt loved, protected, cared for and invincible when I read my mom's journals, like I could take over the whole world in the palm of my hands if I ever wished to. However, that's only the tip of the iceberg.

There were many fanfics that made me question my place as a white person in Brazil, or my internalised transphobia while discovering myself, or my lack of empathy for fictional characters, as well as many theoretical texts that made me realise I actually didn't know anything and all my presumptions were in vain, groundless, shallow (and this includes bits and pieces of *The Communist Manifesto* and *Teaching to Transgress*).

When I say I want to write, I believe it means more than putting down words on papers, or typing my fingers off on a keyboard. It means touching people's deepest hidden secrets, those thoughts everyone keeps to themselves, those uncanny feelings that scare us occasionally. It might also be even more presumptuous of me to believe that I may be able to do that. Maybe I'm not, maybe everything I will ever write sucks and deserves to be set on fire, just like I did with those two filled to the brim notebooks years ago. But maybe not.

I want to write for, and to be read by, people that struggle to find their place on earth, by people that question their existence and their purposes, by people that are afraid of talking out loud about their desires, their dreams and their frustrations, just like I was – and some days still am. I want to write, and I like to write, because I feel heard. Even if just by myself, at least I am paying attention to what I'm saying. I want to write about writing because I was never the best reader. And I'm not the best writer either, but if I only do something if I'm the best at it, I might spend my whole life doing nothing at all.



todo é



especial para a Folha

Na história do Império
cimentado de reivindicações
vinciais e regionais
econômica constitui
meno dos derradeiros
do regime. Isso teve a
meio lugar, com a mutação ocor-
rida nos próprios objetivos perse-

estrela

JÁ NÃO LHE VEJO MAIS, JOSÉ SEVERINO

Vitória Machado da Costa*

Já vi o decorrer do percurso de minha mãe. Bem parecido com o de minha avó, Maria. Vivendo nessa casa pomposa que a vida foi benevolente em me ofertar percebo que, ao final de contas, nada disso é meu: nem essa casa, nem esse homem, muito menos essa mulher com quem me deparo em frente ao espelho. A minha verdadeira identidade devo ter perdido há alguns anos, quando José Severino, oito anos mais velho que eu, me penetrou com aquele olhar sem-vergonha. Não serei tonta de dizer que estava na inocência dos meus vinte e três anos, a verdade é que aproveitei (e como!), é o que posso afirmar.

No desabrochar dos vinte e três anos, aprendi sobre amores, dores e desejos. Nossa, como a gente se desejava! Acreditava que José Severino, mesmo com alguns anos de idade, gostava do que via em mim, não digo apenas do corpo formoso, do beijo gostoso, da pele sedosa. Ah, como ele gostava de roçar a barba em mim. Admito, o tempo foi passando e mesmo assim, ainda era gostoso demais. Tornou-se complicado depois. O fogo de palha foi abaixando, as brincadeiras embaixo do lençol perderam a graça, o tesão nem existia mais, porém, continuávamos fingindo aquela infinda felicidade. De início, quando ele abria a porta de casa, me seguia com os olhos esperando me encontrar do jeito que vim ao mundo. Ansiava por me ver de batom na boca, me sentir com cheiro de chega-te-a-mim e me tragar por inteira.

*Poetisa, escritora e pesquisadora. Por meio das palavras é que grita com vontade a respeito de quem é e do que acredita. É estudante de Letras-Espanhol

Sinto falta, sabe, José Severino. Sinto falta de ser mulher-moça, sinto falta de mim. Hoje, cinco anos depois, olho para o início da minha jornada como mulher e vejo o reflexo de minha mãe e de minha avó. Duas mulheres que brindaram o amor dos outros, assim como eu. Viveram o amor de outras mulheres. Minhas mais velhas me criaram sem figura masculina, me criaram forte, me fortificaram pequena e me entregaram ao mundo mulher. Mulher-moça, palavra que eu usava no início dessa jornada, porém, ficou lá atrás, junto de todo tesão que me consumia no início dos anos juvenis.

Percebi que carrego dentro de mim uma força que vem do quintal de minha casa, creio que é força de avó junto com a de mãe. Não carrego nada de meu desconhecido pai. De homem, só tive amor carnal, e o recebo de um único homem há quase uma década, o que junto de José Severino parece uma vida inteira, uma vida inteira sendo sua, o desejo de todos os seus dias.

Ele diz que mulher como eu precisa ter casa boa, casa bonita, uma casa que chegue aos meus pés. Que não é justo não me enfeitar com os melhores adereços, concorda que pago um preço muito alto por ter perdido a minha juventude. Se sente culpado, pensa que eu já poderia ter formado família, ter feito um outro tipo de vida, entretanto continuo do seu lado.

(UERJ) e atua no Grupo de Pesquisa de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa- Africanos.

Imagem: colagem de **Só Amâncio**.

Aprendi que gosto de o contar mentiras, conto que teremos filhos, que passearemos muito por aí, como uma família feliz, que ainda iremos a muitos aniversários nas casas de seus amigos, que certamente gostarei das esposas e que trocaremos muitas confidências de mulheres, mães e eternas namoradas. Ele ri com olhos tristes, beija o topo de minha testa e passamos um tempo assim, acreditando nas falácias. Ele me beija a boca, me convida para o recanto, onde germinamos amor, continuamos as anedotas entre sussurros e estalos até o amanhecer.

Acordo com a imagem dele abotoando a blusa e questionando se me falta alguma coisa. Penso em dizê-lo. Mas, como ficaria minha mãe e minha avó que criaram uma mulher forte? Prefiro o admirar indo porta a fora, fico só com os beijos da testa e da boca, que me deu antes de partir para a dona que acham que merece o seu verdadeiro amor, para aquela que pariu os seus três desejados e amados filhos. Constantemente lembro do amor de avó e de mãe...lembrar é diferente de sentir.

Com a monotonia de José Severino sinto que já não nos afetamos há tanto tempo que gostarei de ter filhos, de voltar a ter planos, de não morar mais em uma casa vazia de trocas. Não quero mais ser assunto de noite, desejo de crepúsculo, ânsia na ausência, quero me sentir inteira, presença até mesmo sem estar, sol que esquenta a pele antes de 12:00. Sua esposa e seus filhos te aguardam na sua casa, José Severino. Escrevi um bilhete curto, deixei na mesa e fui em busca de me abrigar.

PELA PROIBIÇÃO DAS BANANAS!

Henrique Cavagnoli Machado*

Especialistas atestam a possibilidade de overdose por bananas! Está comprovado que a ingestão de bananas em número excessivo pode levar a uma parada cardíaca por níveis elevados de potássio no sangue. Já se sabia dos riscos implicados em se pisar numa casca de banana e mesmo assim nada foi feito – inclusive, é de conhecimento geral que se distribuem bananas nas instituições públicas! – e agora isto! Trata-se de um fruto mortal, esdrúxulo, imoral! Pense na quantidade de vidas que poderiam ter sido salvas caso este amarelo pecaminoso não rondasse entre nós! Quantas famílias não foram já prejudicadas pela indolência destes que escondem a verdade por trás das bananas?, também conhecida como *Musa paradisíaca*. Não bastasse a sua forma fálica, já em si horrorosa, é ainda catalogada por esta impudente taxonomia que lhe atribui o caráter irrefragável de *Musa*, mas não apenas, como também *paradisíaca*! Pecaminosa, imunda, impura! Possui forma fálica e nome de *musa*, trata-se da mais transexual de todas as frutas! Como se já não bastassem os dois conhecidos perigos da banana, a saber: o perigo moral, a corrupção da juventude através de sua forma fálica, da *musa* que inevitavelmente leva à associação do sexo oral, vexando inúmeros moços de bem ao passarem pelo constrangimento de parecer que vão chupar um pinto ao colocar uma banana na boca: além do mal físico, a casca da banana, de ampla fama, inúmeras vezes retratada nas mais diversas representações do perigo que está sempre à espreita. Agora passamos a conhecer também o perigo químico! Quanto tempo mais estes que aí estão permitirão que as bananas rolem soltas às pencas pela cidade? Acredito que já tenhamos motivos suficientes para instituir a proibição das bananas, e lutarei por isso.



*Pessoa de pensamento livre. E-mail:
Henrquecm@gmail.com.

Imagem: colagem sem autoria.

qual



BREVETAR
e a
ser
igual

... da disciplina História da Música
Coordenador: Cláudio Celso da Cruz
Assistente de coordenação: Gustavo Biebe

INTIMIDADE COMPULSÓRIA

Cristiane Luz*

Todos os dias eu escrevo para ver se solidão vai embora.
Não adianta. Ela está por toda casa. Imóvel. Fria. Distante. Nada me diz.
Eu escrevo muitas linhas, crio personagens, mas nenhum deles é capaz de enfraquecê-la.
Eu me escuto por dentro e percebo que o tempo parou. Nada acontece, nada muda.
Estou com fome, com frio, preciso conversar com alguém.
Preparo um café amargo para aquecer. Ligo a TV e o rádio. O barulho espanta um pouco a solidão. Creio que ela vá fumar um cigarro, mas logo volta. Ela não cessa a vigília.
Neste momento, percebo que as luzes estão acesas. Apago-as todas. Vou dormir. Finjo que estou bem, caso contrário a solidão me premia com sua amiga inseparável: a insônia.
Boa noite! Boa noite, respondo.

Novo dia, novas esperanças.
Arrumo-me como de costume. Dispensando o jejum.
São 8h da manhã. Sigo para a rotina de trabalho.
Fecho a porta. Percebo o cheiro de bolo que invade o corredor do prédio.
Bolo de coco, arrisco a adivinhar.
Imagino seu gosto e o momento em que será cortada sua primeira fatia.
Penso no café que provavelmente o acompanhará.
Para mim, preto, puro e quente! Bem quente!
Lembro-me então de que não estarei à mesa. A intimidade que me foi permitida se restringe ao cheiro.
Penso em todos os cheiros que nos fazem tão íntimos daqueles que nos cercam.
Cheiro de perfume ou cheiro de lixo no elevador. Não há regras.
Cheiro de churrasco ou de especiarias que invadem sua casa!
Cheiro de torrada queimada, que pena!
Penso no pão de vó que não posso mais comer.
Memórias, lembranças, cheiro doce do que já foi vivido!
Ouso dizer que os cheiros são uma espécie de intimidade compulsória.
Ligo o carro, não é hora para divagações.

São 19h. Preciso ir para casa.
Quero me enfiar no pijama, comer algo bem gostoso.
Penso no sofá! Ele é um universo, ele só meu!
Já em casa, sigo o ritual esperado.
Tudo se repete.
Sexta-feira, não tenho compromissos.
Não quero ligar para ninguém.
Hoje minha novela preferida acaba, não posso perder.
Peço uma pizza de quatro queijos.
O entregador já me conhece.
A pizza chega acompanhada de bebida gasosa.
Sejam bem-vindas, preciso de calor para afastar o frio. Preciso de pequenos e efêmeros prazeres.
Serão dois dias de absoluta solidão.

* Doutoranda no programa de pós-graduação em Linguística da UFSC. E-mail: cristianemartins004@gmail.com.
Imagem: colagem de **Brujah Verissimo**.

A novela segue seu rumo. Nem pisco. Fim. Meu Deus, fica um buraco.
Choro como criança.
Pareço criança perdida no parque.
Família longe. Cidade fria, povo distante.
Falo comigo.

Segunda.
9h.
Hoje ouço barulhos do apartamento vizinho.
Mudança. Martelo. Móveis arrastados.
Movimento. Muvuca.
Música...
Sinto o movimento.
Tenho companhia.
Vizinha nova, me informa o zelador.
A gente se encontra no elevador.
Vestido colorido, sorriso largo, perfume marcante.
Bonita.
Bom dia!
Bom dia!
Cada um segue seu rumo.

Chego em casa na companhia do cansaço de sempre.
No corredor, sinto o cheiro de temperos diferentes.
Música...
Contagio-me.
Casa vazia, fim de tarde. Resgato meus CDs.
Separo meus temperos, cozinho.
Resgato memórias. Aprecio minha companhia.
Há muito tempo eu não me encontrava.
Escrevo até adormecer.

Os minutos estão escassos
O vazio continua...
O tempo não preenche lacunas internas
Eu vejo o tempo passar
Numa velocidade de difícil aferição...

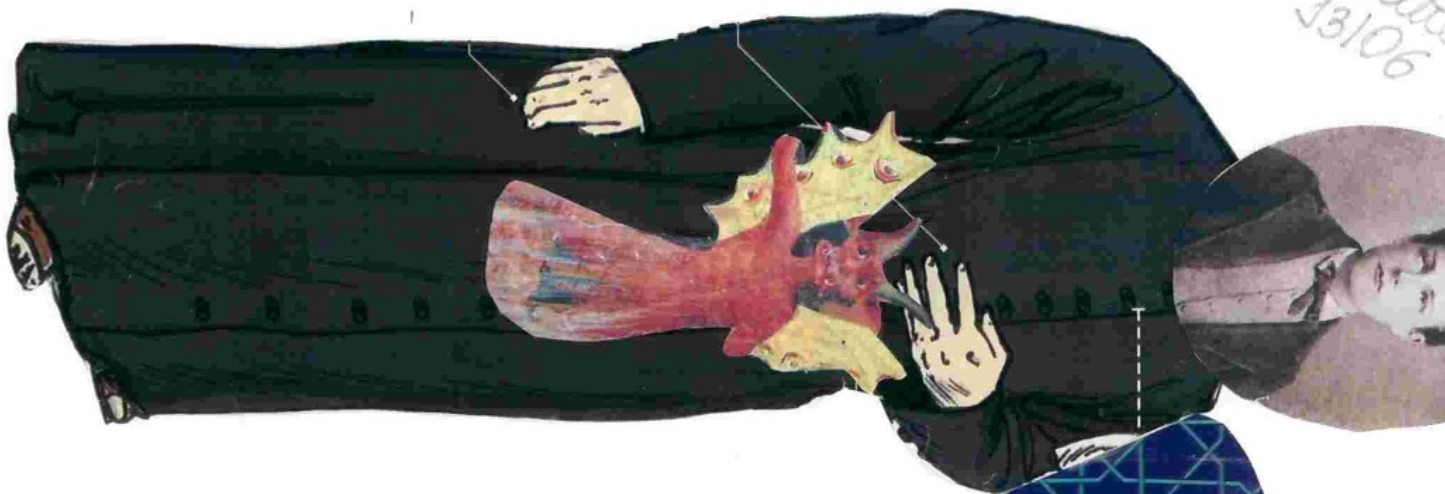
Embora eu a sinta com certa dor, a solidão foi escolha
minha.
Por isso escrevo sobre o momento presente.
Nele, quero me reconhecer e, quem sabe, me conhecer.
Vivemos para cumprir papéis.
Já vivi alguns deles.
Optei por sair da casca.
Optei por me bastar.
Não estou aqui para escrever memórias, mas atualidades.
Eu quero o agora.
Não quero fugir de minha versão atual.

Paredes finas...
Minha casa estava silenciosa e logo foi tomada pelos sussurros alheios.
Aqui o amor é solitário.
Silenciar.
Adormecer.
Amanhã será um outro dia.

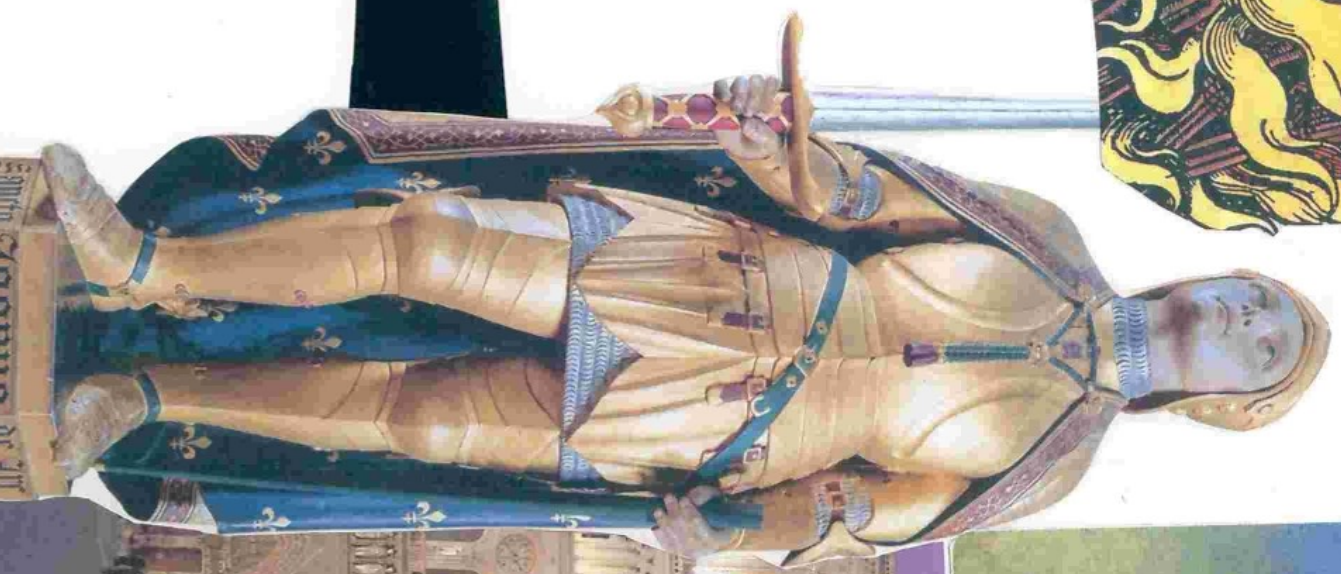
Tenho lido muita coisa.
Autoajuda, poesia, livro de receita.
Tenho trabalhado bastante também. Fábrica de parafuso da intelectualidade.
Produção intelectual em série. Problemas alheios a serem resolvidos todos os dias.
Eu me esqueço por algumas horas.
Procuro fazer exercícios.
Sigo firme, embora às vezes a solidão caia como uma pedra no estômago.
O sofá e a telepizza me resgatam.
Um dia de cada vez, um humor a cada dia.

Viver a solidão é também se resgatar.
Não estou aqui para contar uma história de amor vivida a dois, mas a que é vivida só.
Apesar de tudo.
O autoencontro pode ser dolorido.
Em certa medida todos estão sós, estando de fato sós ou acompanhados.
Você está aí consigo mesmo, não há como fugir.
Não sei nada sobre você, você sabe pouco sobre mim.
Quem você acha que sou?
Conversa comigo...
Desde já agradeço você pela companhia.
Eu aprecio a sua!

13/06



O rosto proibido



PINCELADAS ETERNIZADAS

Laura Zorzo*

A única certeza que habitava meu ser era que o fim, diferente do comum, com ela seria eterno.

Era cedo quando o sol despontou por entre as frestas da janela, criando padrões dourados nas paredes do quarto. Seus raios suaves acariciavam nossos corpos descansados, trazendo uma sensação de calor reconfortante a pele e uma leve cócega de paz a alma descansada.

Eu podia sentir a maciez do seu cabelo castanho encaracolado fazendo cócegas no meu pescoço, como se uma pena acariciasse levemente meu nariz. Virei-me cuidadosamente e preendi a respiração ao me deparar com seu rosto adormecido, tão bonito quanto quando expressava as mais intensas emoções.

Levantei-me com relutância, desvencilhando nossas peles em contato, de seus braços ainda firmemente entrelaçados à minha cintura descoberta. Afastei-me lentamente da sinfonia serena dos batimentos de nossos corações, uma música quase inaudível e sempre reconfortante no silêncio natural que nossas manhãs proporcionavam.

Caminhei nas pontas dos dedos até a mesa amadeirada do quarto e peguei tela, pincel e todas as tintas necessárias. Sentei-me no chão ao lado da cama, onde o sol aquecia delicadamente minha pele exposta. Posicionei o pequeno cavalete à altura e, antes que pudesse me perder novamente nas sardas que a compunham – as mesmas que revelavam um mapa desconhecido, cujo destino incerto era o mais instigante da vida – pintei com todo o meu coração.

Deixei que a tinta viva dos meus sentimentos mais movediços deslizesse em tons pelo branco opaco da

* Sempre foi fascinada por todos os aspectos dos romances românticos e pela forma com que rodeavam a vida como moinhos de vento. Para eternizar a intensidade desses redemoinhos em seu coração, mãe do cão Auggie, escolheu Letras na Universidade Federal de Santa Catarina como o curso que daria vazão às suas

tela e permiti, como em todos esses meses nos quais pude sentir a verdadeira leveza do ser, que ela fosse a paleta de cores para uma tela que, por muito tempo, sobrevoou sozinha a imensidão do céu, onde apenas as estrelas eram sua companhia.

--

Foi tão difícil encontrar o sol, mas era tão fácil estar com Sol. Tudo nela brilhava e parecia trazer ondas de emoções, desde as mais frias até as mais quentes para meu corpo. Como se ela soubesse o que me movesse e lhe concedesse exatamente isso.

Cada pincelada retratava um pedaço da sua forma adormecida, seus cabelos escuros em contraste com a colcha branca, sua pele bronzeada e exposta para mim, o contorno dos seus seios delicados por baixo do lençol, seus olhos fechados que escondiam a imensidão caramelo das suas íris amendoadas, assim como a infinidade dos seus detalhes mais individuais, cada pequeno sinal em suas pernas, braços e bochechas. Tudo isso me encantava, me proporcionava uma sensação semelhante a ter um museu todos os dias em casa, porque Sol era uma peça rara para mim, uma obra que eu amava pintar de novo e de novo e de novo e infinitamente, em diferentes ângulos, mas que jamais seria capaz de reproduzir em tamanha perfeição.

O tempo sempre foi uma bomba-relógio para mim. Eu sabia que, em um piscar de olhos, ele simplesmente iria se esgotar. Quando sobrevivemos assim, com o constante medo de um dia não estar mais onde sempre estivemos, nos lugares que sempre nos foram conhecidos, com as pessoas que trouxeram os sorrisos mais reconfortantes ao nosso coração, para algo totalmente incerto, – que desperta medos do fundo de nossa alma – os meses apenas passam e, de repente, você percebe que já não esteve viva há muito tempo, pois a dor se tornou uma amiga próxima e, sem perceber, sua mais dura carcereira.

Quando conheci a Sol, não foi ela quem deu sentido à minha vida e fez tudo perfeito em um único mergulho de pincel na tinta quente, afinal, eu era a única que poderia provocar tal mudança no que me pertencia, aquilo que era interno e me puxava para dentro de mim mesma. Contudo, ela se tornou uma parte importante do que batia regularmente dentro do meu peito, como uma energia boa que, silenciosamente e

palavras mais intrínsecas. E-mail: laurazorzo35@gmail.com.

Imagem: colagem de Ana Salatiel.

sorratamente, me fez questionar se eu estava realmente disposta a desistir de tudo sem ao menos me dar a chance de experimentar uma última vez. Sentir com o coração aquilo que poderia fazer todo o meu corpo entrar em êxtase, flutuar e pulsar.

Sol me ensinou, a cada dia, a cada instante, que a morte era apenas o fim se assim a determinássemos. O desconhecido podia causar medo – e ele causava – mas em minhas reflexões, lembrei-me de que, após o temor e depois do arriscar, sempre surgia o sentimento de emoção, de aventura, de um novo recomeço e, sempre à espreita, o sol que nascia, mesmo que por um breve instante, parecia saber a quem direcionar sua luz. Ninguém tinha um manual sobre a morte; eu não sabia o que esperar, mas se a vida me deu amor, eu aceitaria o que ela traria, o que a próxima etapa reservaria.

Já haviam se passado meses e eu ainda me encontrava estável. Não sabia por quanto tempo, por quantos dias ou horas, mas me orgulhava em pensar que era uma garota feliz. Feliz porque eu não estava mais com aquela angústia enervante de ver o mundo passar e me sentir impossibilitada de tocá-lo. Eu o tinha vivido – em menos tempo que a maioria – com a sorte de ter alguém que me fazia sentir invencível em meio a imensas coisas muito mais grandiosas, a pressões sufocantes e um relógio cujo *tic-tac* soava cada vez mais rápido, nos acelerando para viver uma vida que não deveria ser contada em números, mas em lembranças que a fariam valer a pena.

Talvez em algum momento eu não pudesse mais ver o mundo, sentir seu gosto, seu cheiro de outono, inverno, primavera e verão, suas várias faces na rua, ou suas cores, mas eu deixaria minha vivência dele por aqui e, quem sabe, através dessas telas, algumas mais infinitas que outras, outras pessoas pudessem sentir pelo menos um pouco do que eu vivi e colorir seus próprios medos com memórias reais, felizes e, de algum modo, vívidas até depois da morte.

– Bom dia! – Sua voz melodicamente rouca se espalhou pelo quarto em um claro sinal de sonolência.

Com os cabelos deslizando sobre os ombros e os olhos amanteigados encarando-me com uma intensidade vigorosa, eu senti novamente, pela quinquagésima vez, quando o sol deslizou por toda sua forma nua que, mesmo que eu não fosse eterna, o que eu senti por ela seria.

Olhe para cima, me encontre Lua no mais profundo da noite e Sol no mais intenso dia, talvez você nos veja eternizadas em alguma pintura, no fundo, no raso, na esquina, no fim da linha.



UMA ANÁLISE DE *LINGUAGEM ESCOLA*:
UMA PERSPECTIVA SOCIAL, DA MAGDA SOARES

Yan dos Santos Silva*

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1997.

Magda Becker Soares, indubitavelmente, foi uma das mais célebres intelectuais brasileiras. Nascida na capital de Minas Gerais - Belo Horizonte - em 1932, tornou-se uma referência nos estudos acerca da interface da alfabetização e do letramento. No ano de 1953, deu início à sua jornada acadêmica na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ingressando na graduação em Letras Neolatinas. Avançando em sua carreira, alcançou o título de doutorado em Didática pela mesma instituição em 1962, também conquistando o prestigioso título de livre-docente neste mesmo ano. Ela foi uma das pioneiras na criação da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG e é reconhecida como professora emérita da mesma instituição, além de ter tido o prazer de ser amiga do icônico patrono da educação brasileira,

Cabe salientar que, ao longo da carreira afortunada da professora Magda Soares, pôde-se notar seu apoio e defesa irrestritos à educação pública de qualidade - sobretudo no âmbito da alfabetização das crianças brasileiras. Sua posição política - a despeito de existirem grupos que ensejam a dicotomia política *versus* escola - sempre foi clara: os muitos problemas que existem nas escolas públicas são oriundos das desigualdades sociais. Para a autora, era necessário reconhecer e refletir as disparidades a que as crianças das classes populares estão inseridas em relação às crianças da classe mais prestigiada socialmente, além de também considerar a que tipo de criança as escolas esperam.

* Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Linha de Pesquisa Gramática na Teoria Gerativa) e bolsista pela CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Possui graduação em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Especialização em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí. Integra o Grupo de Pesquisa Labsin (Laboratório de Sintaxe e Interfaces) da UFRJ. E-mail: yansilva@letras.ufrj.br.

Image: colagem sem autoria determinada.

Em Linguagem e Escola: uma perspectiva social, republicado pela editora Ática, em 2011, Magda discute acerca dos tensionamentos do corpo social para com o modelo linguístico que a escola espera receber de seus alunos. Ademais, a autora coloca no centro do debate um tema assaz estudado na academia todavia pouco aplicado - por diversos fatores - à sala de aula: a sociolinguística. Com a obra dividida em 4 capítulos, no primeiro capítulo, a autora discorre sobre o fracasso da/na escola, evidenciando ideologias que, a seu ver, reforçam estereótipos e suscitam ainda mais a evasão escolar, uma vez que as instituições não estão preparadas para o contingente popular que adentrou às escolas; no segundo capítulo, há uma análise sobre a ideia do “déficit linguístico”, a que muitas escolas se apoiam para excluir, marginalizar e segregar linguisticamente alunos que não correspondem aos ideais - pelo menos linguístico - das instituições escolas; no terceiro capítulo, Magda continua discutindo acerca da diferença linguística dos alunos e assevera que a escola observa tal fenômeno como uma deficiência, na medida em que não só não corresponde aos seus anseios como escola, bem como legítima, ainda que implicitamente, essas disparidades ao excluir um aluno de origem popular, por exemplo; no quarto e último capítulo, a autora apresenta três perspectivas de mudança de paradigma da escola, focalizando suas peculiaridades e seus propósitos.

Linguagem e Escola: uma perspectiva social pretende fazer uma intersecção entre linguagem e escola, almejando buscar em pesquisas sociológicas a origem do fracasso escolar da camada popular. Nesse âmbito, ainda que tenhamos vivido uma grande democratização do acesso à escola, não é diretamente proporcional à democratização da escola. Isso pode ser constatado pelo fato de que a instituição escolar por não reconhecer legítimo, por exemplo, os dialetos dos grupos populares que adentram nela acentua as desigualdades sociais. A autora salienta a importância da Sociologia para analisar esses imbróglis que ocorrem na escola, pois tal campo de pesquisa possui maneiras de analisar essas forças antagônicas - luta de classe - que ocorrem na sociedade. Além disso, a autora assevera que as críticas que muitos professores fazem aos alunos, não só pelo baixo rendimento escolar, como também pela suposta “deficiência linguística” possui uma problemática ainda maior: a falta de conhecimento das relações entre linguagem e sociedade. Se um professor desconhece, desconsidera e marginaliza uma determinada variante linguística, ainda que não tenha ciência de tal aniquilamento no processo de ensino-aprendizagem, ele está comprometido com o caráter político-ideológico da classe dominante que, ao desconsiderar todas as formas de linguagem, elege uma única variante como

“certa” e, conseqüentemente, possível a uso, a norma-padrão.

Essa atitude de preconceito decorre igualmente da falta de conhecimento acerca da língua, que não é imutável e está totalmente suscetível às mudanças sociais. Sendo assim, a diversidade é inerente às línguas humanas, manifestando-se em todas as suas camadas. Ela é uma característica permanente e inalterável, independente de qualquer tentativa de normatização. Sob esse viés, em uma sociedade como a brasileira, caracterizada por uma intensa mobilidade de pessoas e um constante intercâmbio cultural, observa-se um fenômeno linguístico de mescla intensa, na qual diferentes variedades linguísticas coexistem no mesmo espaço social, geralmente vinculadas a distintos contextos sociais.

Nesse âmbito, Soares apregoa que existem dois problemas neste imbróglis: além de não haver escola para todos, a que existe é contra o povo. O Censo de 1980 expunha que apenas 64,7% da população estava matriculada no antigo 1º grau, o que evidencia uma pseudo democratização escolar no Brasil. Soma-se a isso o alto teor de repetência escolar, sendo que dos 1.000 alunos do 1º grau sequer a metade deles chegam ao 2º grau, fato que ratifica o fracasso não do aluno, mas da escola.

A autora também explicita três tipos de ideologias que pairam sobre a escola: a ideologia do dom, a ideologia da deficiência cultural e a ideologia das diferenças culturais. Na ideologia do dom, é inculcada a explicação para o “fracasso escolar” do educando: ainda que a escola ofereça oportunidades igualitárias, é a partir da aptidão do sujeito que haverá sucesso ou fracasso na instituição. Sob essa ótica, o culpado seria o aluno, uma vez que ele não reuniria condições básicas para o progresso escolar. A posição da escola, seria, nesta perspectiva, preparar os alunos para se desenvolver plenamente na sociedade, a depender da disposição genética do ser. A ideologia da deficiência cultural, por sua vez, denota, basicamente, que, de acordo com a classe social a que o indivíduo pertence, haveria um vultoso paralelo com suas características pessoais. Nesse âmbito, os mais dotados, inteligentes ocupariam o status da classe dominante, ao passo que os menos inteligentes, menos aptos à sociedade constituiria a classe menos favorecida. A autora alerta, portanto, que tal artefato não se sustenta visto que com a ascensão do capitalismo houve a divisão de classes sociais e, conseqüentemente, promoveu grandes rupturas, tais como de origem econômica, que incide proporcionalmente na escola. Por fim, a ideologia das diferenças culturais está respaldada no

pressuposto de que não há culturas menos complexas, inferiores ou mesmo desestruturadas: todas as culturas atendem com eficácia a sociedade a que atendem. Nessa ótica, a escola deve reconhecer as multiculturas como organismos altamente organizados, sistêmicos e ordenados.

Além disso, a autora ressalta que muitos dos equívocos das instituições escolares residem na falta de conhecimento acerca de áreas importantes nos estudos linguísticos, como a Sociologia, que procura fazer uma interface da sociedade para com a linguagem. Sabe-se que os preconceitos inseridos nas instituições escolares advêm da perspectiva político-ideológica da classe dominante.

A diversidade é inerente às línguas humanas e manifesta-se em todos os seus aspectos. Ela é uma realidade constante, independente de regulamentos governamentais. Há um equívoco muito propagado no Brasil, sobretudo, que se refere à língua. Nessa perspectiva, ao se falar em “língua portuguesa”, estamos nos referindo a uma unidade composta por múltiplas variantes. Apesar de haver um mito de que no Brasil se fala “somente português”, o que já foi esmiuçado e confrontado por Marcos Bagno, no famigerado *Preconceito Linguístico* (1999) e apenas uma língua nacional, são perceptíveis diferenças de pronúncia, uso de vocabulário, estrutura gramatical e construções sintáticas, que não só identificam os falantes de diferentes comunidades linguísticas em diversas regiões, mas também se multiplicam dentro de uma mesma comunidade de fala.

Sendo assim, não há variedades linguísticas fixas; em um mesmo contexto social, coexistem distintas formas de linguagem, frequentemente associadas a diferentes estratos sociais. Além disso, em uma sociedade como a brasileira, caracterizada por uma intensa mobilidade populacional e constante intercâmbio cultural, observa-se um fenômeno notável de mistura linguística, em que diferentes variantes linguísticas convivem no mesmo ambiente social, muitas vezes ligadas a distintos contextos e valores sociais.

Na última parte do livro, a autora expõe três perspectivas de escola: a redentora, a impotente e a transformadora. Na concepção da escola redentora, a instituição possui a obrigação de “livrar” o aluno de sua “deficiência linguística”; nesta ótica, a responsabilidade da escola recai sobre retirar o aluno da marginalidade em que ele se encontra. No plano da escola impotente, a instituição não pode fazer nada, uma vez que há o pensamento de que a sociedade já é estruturalmente desigual - fruto do capitalismo; nesse

sentido, cabe à escola aceitar tal desequilíbrio socioeconômico. Implicitamente, tal visão é maléfica, uma vez que contribui para a perpetuação das disparidades sociais. Por fim, há a ótica da escola transformadora, que enseja que as instituições escolares sejam campos progressistas, de forma que haja a luta pela superação das desigualdades sociais. Aliado ao pensamento freireano, uma escola transformadora é aquela em consonância e consciente do seu papel efetivamente político. Nesse âmbito, Magda, por meio da linguagem, revitaliza a discussão e enseja práticas docentes que não somente legitimem as variedades linguísticas, bem como analisem a interseção das forças dominantes para com a linguagem da classe popular.

Conforme a própria autora salienta, “[...] é fundamental que a escola e os professores compreendam que ensinar por meio da língua e, principalmente, ensinar a língua são tarefas não só técnicas, mas também políticas.”. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social* uma ampla e primordial reflexão acerca do atual ensino de línguas nas escolas públicas. Cada discente traz consigo uma história e uma cultura que se refletem na sua linguagem. Nesse sentido, não somente respeitar essa diversidade linguística, como bem valorizar e reconhecer a dimensão de contextos multiculturais e multilíngues contribui para uma educação essencialmente inclusiva, uma vez que se efetiva a diversidade linguística na sala de aula.

REFERÊNCIA

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999.



UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO DE POEMAS DE EMILY DICKINSON

João Marcelo Naedzold de So

uza *

“Esperança” é a coisa plumada

“Esperança” é a coisa plumada –
Que se empoleira na alma –
E canta a harmonia sem as letras –
E nunca pára – de forma alguma –

E mais doce – na Tormenta – é ouvida –
E forte tem de ser o atroado –
Que impeça a Ave dita
Que manteve tantos acalorados

Ouvi-a nas terras gélidas –
E em Mares de desavim –
Mas – nunca – em Extremos,
Pedi algo – de mim.

“Hope” is the thing with feathers

“Hope” is the thing with feathers -
That perches in the soul -
And sings the tune without the words -
And never stops - at all -

And sweetest - in the Gale - is heard -
And sore must be the storm -
That could abash the little Bird
That kept so many warm -

I've heard it in the chilliest land -
And on the strangest Sea -
Yet - never - in Extremity,
It asked a crumb - of me.

Eu nunca ouço a palavra “Escapar”

Eu nunca ouço a palavra “Escapar”
Sem um sangue veloz,
Uma expectativa súbita –
Uma atitude alada!

Eu nunca ouvi de prisões abertas,
Por soldados abatidos,
Mas luto infantilmente contra minhas
 -grades
Só para falhar outra vez!

I never hear the word “Escape”

I never hear the word “Escape”
Without a quicker blood,
A sudden expectation –
A flying attitude!

I never hear of prisons broad
By soldiers battered down,
But I tug childish at my bars
Only to fail again!

* João Marcelo Naedzold de Souza é estudante de Letras Inglês licenciatura, e um fanático por história e poesia romântica. E-mail: joao.naedzold@gmail.com

Imagem: foto de Laís Mazzucco.

Não mais alta é a Lápide

Não mais alta é a Lápide
Para Heróis ou para Serena-
Não mais perto para a Criança
Que o paralisado de Três Vintenas e
-Dezena -

O último Ócio acalenta igual
Ao Pedinte e sua Rainha
Propicie a esta Democrat
Uma Tarde de Verão -

Not any higher stands the Grave

Not any higher stands the Grave
For Heroes than for Men -
Not any nearer for the Child
Than numb Three Score and Ten -

This latest Leisure equal lulls
The Beggar and his Queen
Propitiate this Democrat
A Summer's Afternoon

Este Mundo não é Conclusão

Este Mundo não é Conclusão.
Uma Espécie existe além -
Invisível, tal Música -
Mas Certa, tal Som -
Ela convida, e ela confunde -
Filosofia, não conhece-
E por uma Charada, nas últimas -
Sagacidade desaparece
Supô-la, alude pensadores
Adquiri-la, Homens carregaram
Desprezo de Gerações
E Crucificação, exposta -
A Fé lapsa - e ri, e congrega -
Cora, se alguém vê -
Arranca um galho da Evidência
E pergunta a uma Grimpa, a direção -
Muito Gesto, desde o Púlpito -
Fortes Aleluias no ímpeto -
Narcóticos não podem parar o Dente
Que mordisca o espírito -

This World is not Conclusion

This World is not Conclusion.
A Species stands beyond -
Invisible, as Music -
But positive, as Sound -
It beckons, and it baffles -
Philosophy, dont know -
And through a Riddle, at the last -
Sagacity, must go -
To guess it, puzzles scholars -
To gain it, Men have borne
Contempt of Generations
And Crucifixion, shown -
Faith slips - and laughs, and rallies -
Blushes, if any see -
Plucks at a twig of Evidence -
And asks a Vane, the way -
Much Gesture, from the Pulpit -
Strong Hallelujahs roll -
Narcotics cannot still the Tooth
That nibbles at the soul -

Um pássaro, desceu a calçada

Um pássaro, desceu a calçada
Ele não soube que eu via –
Ele mordeu uma minhoca em metades
E comeu a dita, viva,

E então, bebeu um Orvalho
De uma Grama propícia–
E então pulou de lado para a Parede
Para deixar um Besouro transitar–

Ele mirou com olhos rápidos,
Que se apressavam sem rumo –
Eles pareciam como Contas medrosas, eu acho,
Ele mexeu sua Aveludada Cabeça –

Como alguém em perigo, Cuidadosa,
Eu o ofereci uma Migalha,
E ele desenrolou suas penas
E remou-lhe Lar mais gentil –

Que Remos dividem o Oceano,
Prateados demais para uma costura,
Ou Borboletas, próxima a Bancos de
–Meio-Dia
Saltam, sem respingo enquanto nadam.

A Bird, came down the Walk

A Bird, came down the Walk -
He did not know I saw -
He bit an Angle Worm in halves
And ate the fellow, raw,

And then, he drank a Dew
From a convenient Grass -
And then hopped sidewise to the Wall
To let a Beetle pass -

He glanced with rapid eyes,
That hurried all abroad -
They looked like frightened Beads, I thought,
He stirred his Velvet Head. -

Like one in danger, Cautious,
I offered him a Crumb,
And he unrolled his feathers,
And rowed him softer Home -

Than Oars divide the Ocean,
Too silver for a seam,
Or Butterflies, off Banks of Noon,
Leap, plashless as they swim.

Para fugir da memória

Para fugir da memória

Tivéramos as Asas

Muitos voariam

Assegurados para coisas pausadas

Aves surpresas

Examinariam o vagão covarde

De humanos escapando

Da mente da humanidade

To flee from memory

To flee from memory

Had we the Wings

Many would fly

Inured to slower things

Birds with surprise

Would scan the cowering Van

Of men escaping

From the mind of man

ENTRELINHAS

CENSURADO

ARTE

UM GRITO DE

SOCORRO

COLAGEM – SURREALISMO E REVOLUÇÃO

Celebrando os cem anos do “Manifesto Surrealista” (1924) de Breton, texto que deu contorno aos propósitos de artistas guiados pelo desejo de ampliação das possibilidades da vida, para além dos limites da razão instrumental, da moral burguesa e da violência do Ocidente, uma série de eventos retomam a história do movimento, traçando suas diferentes relações, em diferentes contextos.

No Brasil, essa comemoração encontrou um cenário de luta nas Universidades Federais: uma greve iniciada com a paralisação dos Técnicos Administrativos em Educação (TAEs), seguida pelos docentes e logo pelos estudantes. Poderíamos dizer que as reivindicações das três categorias se encontram num ponto elementar, por elas compartilhado: a busca de melhores condições para o ensino, a pesquisa e o estudo não se afasta do desejo de uma vida outra, mais expansiva e emancipadora, uma vida não tutelada pela razão do mercado e sua burocracia informacional; nesse sentido, trata-se, também na greve, de transformar a sociedade e mudar o homem.

A seu modo, portanto, a atmosfera da greve alimenta uma disposição sintonizada com os propósitos surrealistas. Afinal, está em jogo a instauração de uma nova ordem, ainda que momentânea, de relações, de práticas, de experiências compartilhadas; uma ordem algo desordenadora, inconformista, que tenta desviar-se das formas alienadas do trabalho, assim como busca reativar as consignas, as imagens, enfim, a própria linguagem compartilhada, que na greve emerge investida de novos afetos e demandas capazes de sacudi-la, de aluciná-la para além do seu uso anestesiado num cotidiano ordeiro e submisso. Como não ver aí, nas situações de greve, uma deriva afinada com o surrealismo, esse movimento crítico da guerra e do neocolonialismo, fortalecido na Europa como desdobramento do escândalo dadaísta?

O surrealismo, diz Michael Löwy em *A estrela da manhã*, não pode ser resumido a uma escola literária ou artística. Ao contrário, ligado ao “romantismo revolucionário”, foi mais propriamente um movimento de inquietação, uma “revolta do espírito”, uma perturbação da realidade amesquinhada sob o capitalismo e o império da razão esclarecida. Assim, ele se caracteriza como uma tentativa de “re-encantamento do mundo”, de modo a restabelecer, no cerne da vida humana, as situações que foram apagadas pela civilização burguesa: a paixão, a poesia, o maravilhoso, a magia, a imaginação, o sonho, a utopia, a revolta.

Ou seja, a libertação do espírito humano deveria ser acompanhada de uma transformação política, estética e ética, tendo em vista uma articulação sensível entre realidade e imaginação, objetivos e sonhos compartilhados.

Historicamente, as inevitáveis tensões que acompanham essa articulação podem ser acompanhadas na ligação do surrealismo ao comunismo em 1927; no rompimento com o stalinismo, em 1935; na colaboração entre Breton e Trotski, no México, em 1938; na aproximação ao anarquismo, ao longo da década de 1940; nos desdobramentos do situacionismo, fundamentais, como sabemos, para os eventos que giram em torno de maio de 1968 etc.

Considerando que greves são momentos de vitalidade e engajamento político, conectando-se, inclusive, com outros movimentos sociais, que fortalecem a luta por direitos num contexto mais amplo e contribuem para a construção da justiça social; entendendo a complexidade da mobilização e o sentimento inflamado que a anima, entre a ordem e a desordem; e levando em conta que a arte, nas organizações revolucionárias, desempenha um papel crítico e criativo decisivo – enfim, foi em torno dessas ideias e desejos que propusemos, no “varandão” do “básico”, a “Oficina de Colagem: Surrealismo e Revolução”. Uma atividade analógica de mobilização, ao mesmo tempo corpórea e imaginativa, contra a lógica da precarização da vida e do pensamento. Uma ação dedicada a ocupar o espaço público da Universidade e a alucinar imagens, formas e textos, ou seja, elementos heterogêneos cuja coexistência, num mesmo contexto, pareceria injustificável. Em suma, um trabalho da ordem da crítica (corte) e da criação (montagem) – dados fundamentais em qualquer modo de resistência.

A oficina resultou em 28 colagens que desafiam usos normativos e estruturas de poder: elas excedem qualquer representação factual da realidade, resultando em montagens subversivas, transfiguradoras, a partir da reutilização de fragmentos e da associação de elementos díspares. Contrariando o pressuposto lógico que parece orientar, ainda hoje, as atividades humanas, a oficina colocou em movimento a possibilidade de uma “iluminação profana”, como diria Walter Benjamin: o despertar de uma visão que encontra o enigmático no cotidiano e o cotidiano no enigmático. São trabalhos que operam com um arquivo de memórias históricas (jornais, revistas, livros), mas remontando-o, num gesto que externaliza o inconformismo e a vontade de mudança: inspiração de luta por um futuro mais justo e igualitário.

Natália da Natividade

Vitória Rodrigues Porto

Tayná Bauer

Clara Padiá Lucas

Artur de Vargas Giorgi

LISTA DE AUTORIA DAS COLAGENS

1. Nicole Cordeiro
2. Sabrina Zanon
3. Sô Amâncio
4. Vitória Rodrigues Porto
5. Érica Milani Dellai
6. Colagem sem autoria
7. Tayná Bauer
8. Vitória Maria Jasper
9. Alessandra Regis da Silva
10. Gabriel Pieri
11. Maria Eduarda Eliessen Rosa
12. Clara Padial Lucas
13. Natália da Natividade
14. Colagem sem autoria
15. Leonardo Hasse
16. Raul de Campos
17. Ana Salatiel
18. Brujah Veríssimo
19. Sô Amâncio
20. Leonardo Cerreta Severo
21. Artur de Vargas Giorgi
22. Colagem sem autoria
23. Érica Milano Dellai
24. Lídia Remus Gregorio
25. Juliana Laurindo Marcolino
26. Luís Fillipe Fernandes
27. Caetano Padial Lucas
28. Bianca Maria de Souza

ENTRELINHAS

CENSURADO

ARTE

UM GRITO DE

SOCORRO

COLAGEM – SURREALISMO E REVOLUÇÃO

Celebrando os cem anos do “Manifesto Surrealista” (1924) de Breton, texto que deu contorno aos propósitos de artistas guiados pelo desejo de ampliação das possibilidades da vida, para além dos limites da razão instrumental, da moral burguesa e da violência do Ocidente, uma série de eventos retomam a história do movimento, traçando suas diferentes relações, em diferentes contextos.

No Brasil, essa comemoração encontrou um cenário de luta nas Universidades Federais: uma greve iniciada com a paralisação dos Técnicos Administrativos em Educação (TAEs), seguida pelos docentes e logo pelos estudantes. Poderíamos dizer que as reivindicações das três categorias se encontram num ponto elementar, por elas compartilhado: a busca de melhores condições para o ensino, a pesquisa e o estudo não se afasta do desejo de uma vida outra, mais expansiva e emancipadora, uma vida não tutelada pela razão do mercado e sua burocracia informacional; nesse sentido, trata-se, também na greve, de transformar a sociedade e mudar o homem.

A seu modo, portanto, a atmosfera da greve alimenta uma disposição sintonizada com os propósitos surrealistas. Afinal, está em jogo a instauração de uma nova ordem, ainda que momentânea, de relações, de práticas, de experiências compartilhadas; uma ordem algo desordenadora, inconformista, que tenta desviar-se das formas alienadas do trabalho, assim como busca reativar as consignas, as imagens, enfim, a própria linguagem compartilhada, que na greve emerge investida de novos afetos e demandas capazes de sacudi-la, de aluciná-la para além do seu uso anestesiado num cotidiano ordeiro e submisso. Como não ver aí, nas situações de greve, uma deriva afinada com o surrealismo, esse movimento crítico da guerra e do neocolonialismo, fortalecido na Europa como desdobramento do escândalo dadaísta?

O surrealismo, diz Michael Löwy em *A estrela da manhã*, não pode ser resumido a uma escola literária ou artística. Ao contrário, ligado ao “romantismo revolucionário”, foi mais propriamente um movimento de inquietação, uma “revolta do espírito”, uma perturbação da realidade amesquinhada sob o capitalismo e o império da razão esclarecida. Assim, ele se caracteriza como uma tentativa de “re-encantamento do mundo”, de modo a restabelecer, no cerne da vida humana, as situações que foram apagadas pela civilização burguesa: a paixão, a poesia, o maravilhoso, a magia, a imaginação, o sonho, a utopia, a revolta.

Ou seja, a libertação do espírito humano deveria ser acompanhada de uma transformação política, estética e ética, tendo em vista uma articulação sensível entre realidade e imaginação, objetivos e sonhos compartilhados.

Historicamente, as inevitáveis tensões que acompanham essa articulação podem ser acompanhadas na ligação do surrealismo ao comunismo em 1927; no rompimento com o stalinismo, em 1935; na colaboração entre Breton e Trotski, no México, em 1938; na aproximação ao anarquismo, ao longo da década de 1940; nos desdobramentos do situacionismo, fundamentais, como sabemos, para os eventos que giram em torno de maio de 1968 etc.

Considerando que greves são momentos de vitalidade e engajamento político, conectando-se, inclusive, com outros movimentos sociais, que fortalecem a luta por direitos num contexto mais amplo e contribuem para a construção da justiça social; entendendo a complexidade da mobilização e o sentimento inflamado que a anima, entre a ordem e a desordem; e levando em conta que a arte, nas organizações revolucionárias, desempenha um papel crítico e criativo decisivo – enfim, foi em torno dessas ideias e desejos que propusemos, no “varandão” do “básico”, a “Oficina de Colagem: Surrealismo e Revolução”. Uma atividade analógica de mobilização, ao mesmo tempo corpórea e imaginativa, contra a lógica da precarização da vida e do pensamento. Uma ação dedicada a ocupar o espaço público da Universidade e a alucinar imagens, formas e textos, ou seja, elementos heterogêneos cuja coexistência, num mesmo contexto, pareceria injustificável. Em suma, um trabalho da ordem da crítica (corte) e da criação (montagem) – dados fundamentais em qualquer modo de resistência.

A oficina resultou em 28 colagens que desafiam usos normativos e estruturas de poder: elas excedem qualquer representação factual da realidade, resultando em montagens subversivas, transfiguradoras, a partir da reutilização de fragmentos e da associação de elementos díspares. Contrariando o pressuposto lógico que parece orientar, ainda hoje, as atividades humanas, a oficina colocou em movimento a possibilidade de uma “iluminação profana”, como diria Walter Benjamin: o despertar de uma visão que encontra o enigmático no cotidiano e o cotidiano no enigmático. São trabalhos que operam com um arquivo de memórias históricas (jornais, revistas, livros), mas remontando-o, num gesto que externaliza o inconformismo e a vontade de mudança: inspiração de luta por um futuro mais justo e igualitário.

Natália da Natividade

Vitória Rodrigues Porto

Tayná Bauer

Clara Padiá Lucas

Artur de Vargas Giorgi

LISTA DE AUTORIA DAS COLAGENS

1. Nicole Cordeiro
2. Sabrina Zanon
3. Sô Amâncio
4. Vitória Rodrigues Porto
5. Érica Milani Dellai
6. Colagem sem autoria
7. Tayná Bauer
8. Vitória Maria Jasper
9. Alessandra Regis da Silva
10. Gabriel Pieri
11. Maria Eduarda Eliessen Rosa
12. Clara Padial Lucas
13. Natália da Natividade
14. Colagem sem autoria
15. Leonardo Hasse
16. Raul de Campos
17. Ana Salatiel
18. Brujah Veríssimo
19. Sô Amâncio
20. Leonardo Cerreta Severo
21. Artur de Vargas Giorgi
22. Colagem sem autoria
23. Érica Milano Dellai
24. Lídia Remus Gregorio
25. Juliana Laurindo Marcolino
26. Luís Fillipe Fernandes
27. Caetano Padial Lucas
28. Bianca Maria de Souza

alienígena

ciência

COMO VER UM BURACO NEGRO

Atraídos para um buraco negro pela enorme força gravitacional, gás e poeira se acumulam em órbita em torno do buraco, formando um disco de acreção. Parte do material que avessa o buraco é ejetado no formato de jatos de alta velocidade. O gás que se acumula em órbita pode ser observado pelo Chandra.



O perfil de luminosidade mostra a divisão de matéria entre os anéis do planeta, entre 40 mil e 70 mil quilômetros de distância. Os quatro satélites detectados pela sonda Voyager foram superpostos ao perfil. Os dois anéis principais estão próximos dos dois maiores satélites.

Anel Le Verrier

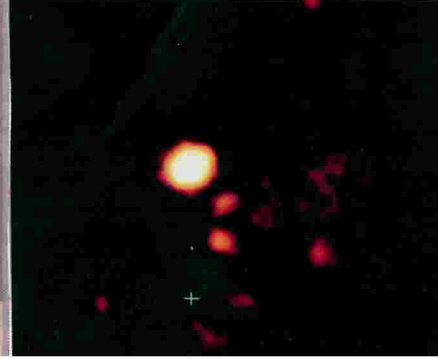
Despina (158 km)

(148 km)

anel estreito (?)

Galle

50 000 60 000 70 000
distância do centro de Netuno (km)



tempos difíceis

Tijolo por tijolo



A GRÈVE GÉNÉRALE

PAR GEORGES FÉLINE

"Après la bataille avec ses poings des poches des pistolets des fusils loin de vous désapprouver, je me ferai un devoir le cas échéant de prendre une place dans vos rangs!!!" (ARISTIDE BRIAND)



PROFESSORES SEM DINHEIRO

VENDEM SEUS BENS

REALIDADE ALTERNATIVA



Tempos difíceis

Tecendo a manhã

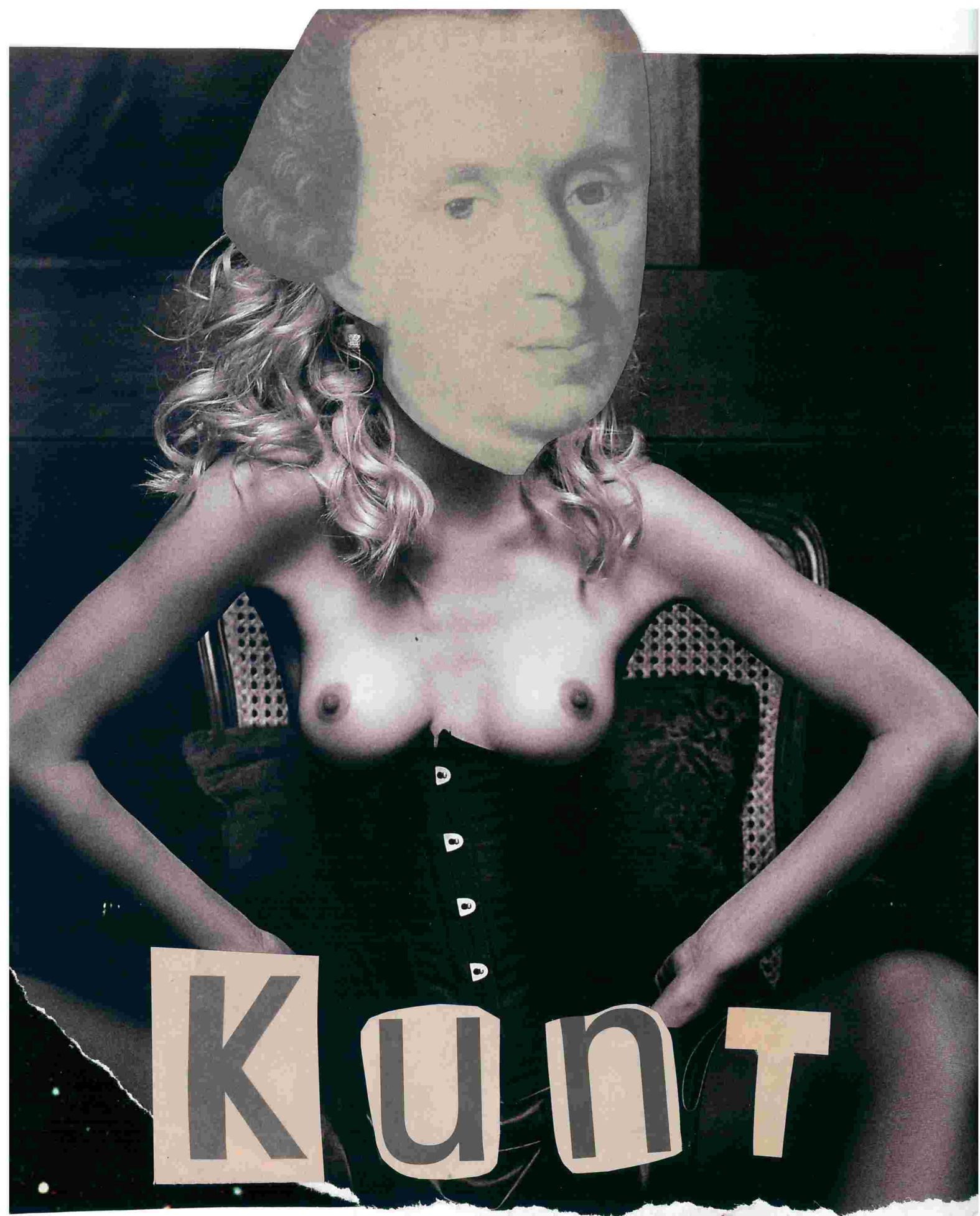
Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

fim do mundo

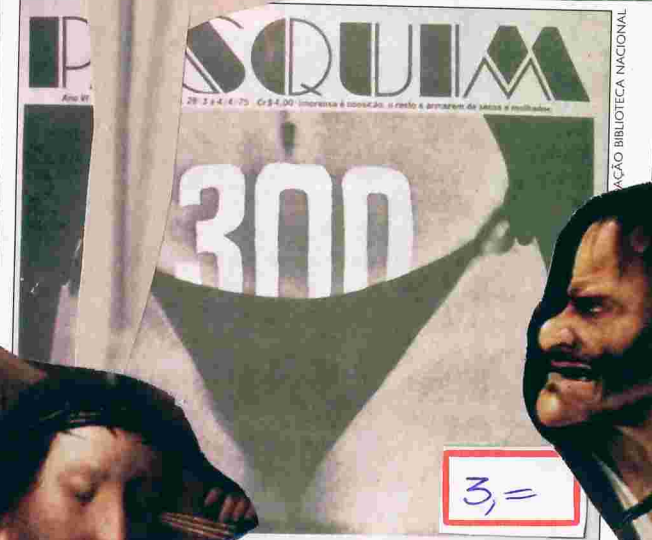
HP Gaspard 2^e ÉDITION ELINE Edition



O filósofo tesudo

???

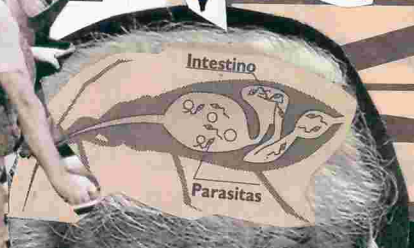
Com um cálice de conhaque Pedro Domeq no Riviera
3 m



ENTÃO LA VAI O BASTÃO. GENTE!

CENSURA
FERNANDA MONTENEGRO NA PASQUIM-NOVELA!
PRIMMO (EXCLUSIVO)
SALDANHA ERUDA

Falta paixão neste drama



TODOS SOMOS...

Uma tragédia

É o fim



do caminho

Morre Todos os dias

Donizete Galvão

romântico



Regério Reis

ENTRELINHAS

CENSURADO

ARTE

UM GRITO DE

SOCORRO

Da exatidão

DUPLO CALENDÁRIO AUTOMÁTICO

PRÁ FRENTE!

AUTOMÁTICO

Lindo e moderníssimo modelo.

AUTOMÁTICO

AUTOMÁTICO

misteriosíssima

MARAVILHAS DA TÉCNICA PARA O HOMEM MODERNO E EXIGENTE

PRECISÃO

PARA O MÉDICO ATUALIZADO

do ser

AUTOMÁTICO

A precisão

A emergência

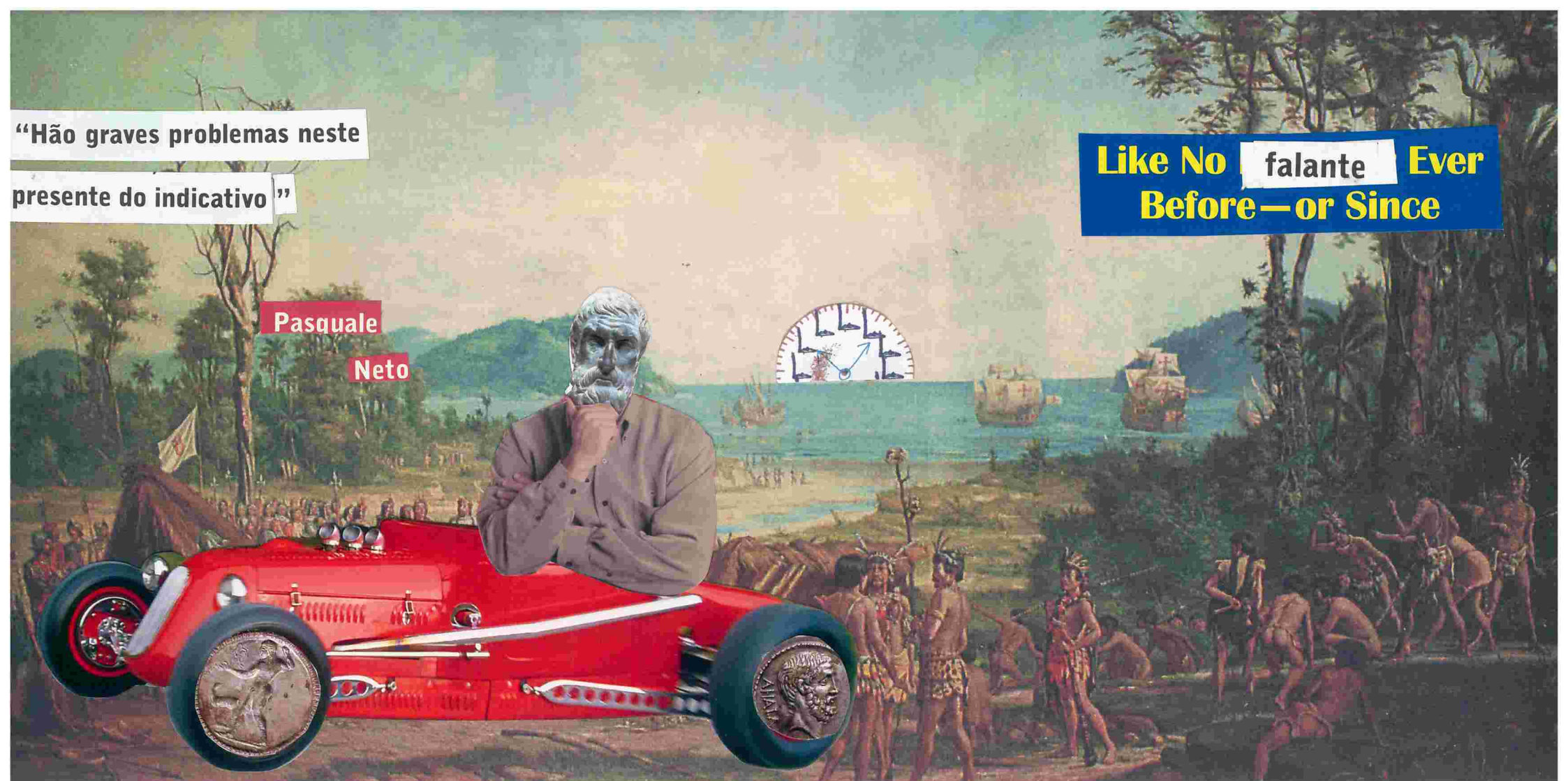


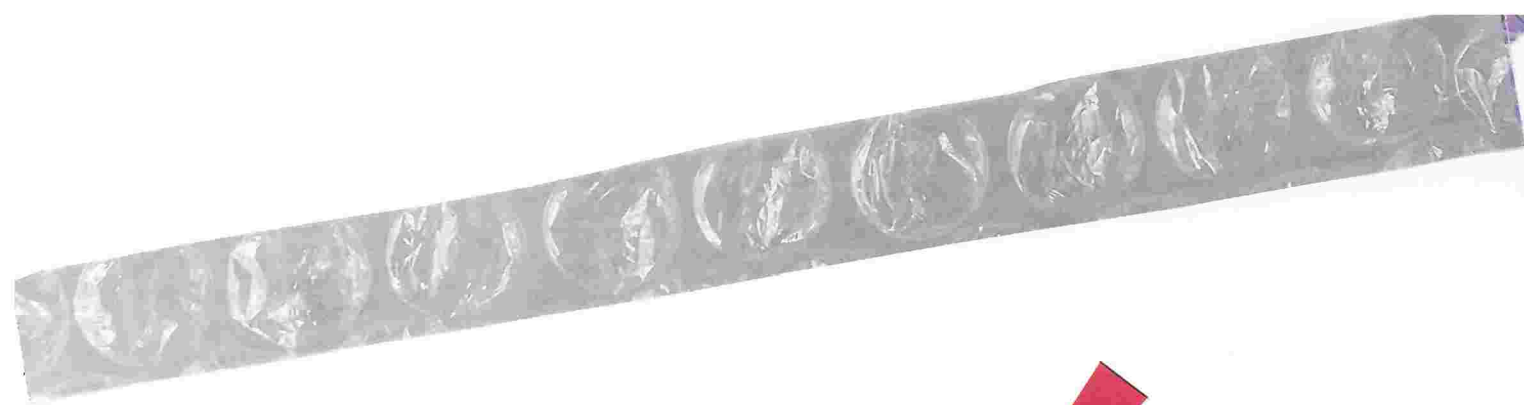
“Hão graves problemas neste presente do indicativo”

Like No falante Ever Before—or Since

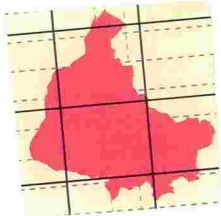
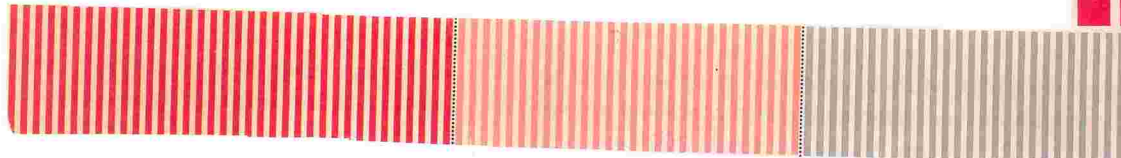
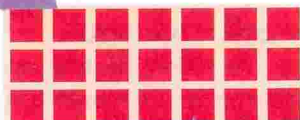
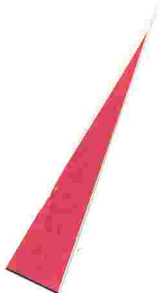
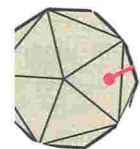
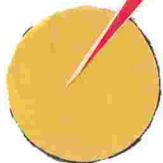
Pasquale

Neto





Se você apontar um raio laser para um cristal de bário,



ver e morrer e

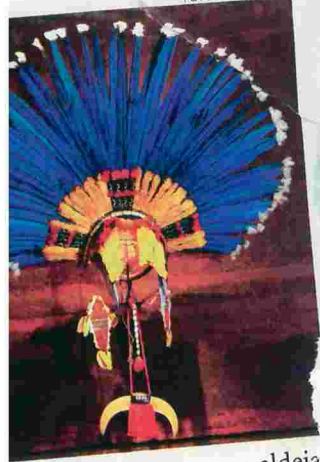
de Sobral
demo-
e in-



CPDOC / FGV

Cartão-pos
homenage
Revolução
Para os m
autoritari
Estado N
deturpav
democr
que der
Repúbl

FOTO CLIO LUCONI



tical co
de r
F



ando alguém morre na aldeia
o corpo enterrado bem no
entro do pátio. Mas, passado
is ou três meses, seus ossos
irados da terra e levados
baíto, a casa

nerá- pelo
ilha de purifica
oabaçu. tos da na
ver está dos mortos,
mente en- cíclico da
do terreno nal, a al
dos mortos. mulo
bororos, que lhar
fato Grosso, se ter
mortos. De to- o
realizados entre o
io é o mais signifi-
são criadas novas
homens, mulheres
é nessa ocasião, por
e os meninos têm s
como símbolos cu
a mitologia do grup
tracadas Além.

ismos do re-
abou em fias-
s, de São Paulo,
abandonaram no
amental.

é protesto, e talvez o
ixo, que chefiava a de-
orreu o golpe de 1937
lência da Câmara de
o cargo da Repúbli

que a de Varg
OAB d
nheir,
e in-
r vi-
pas-
pos ét-
s kaya-
dos ka-
s karajás;
cbaktas.



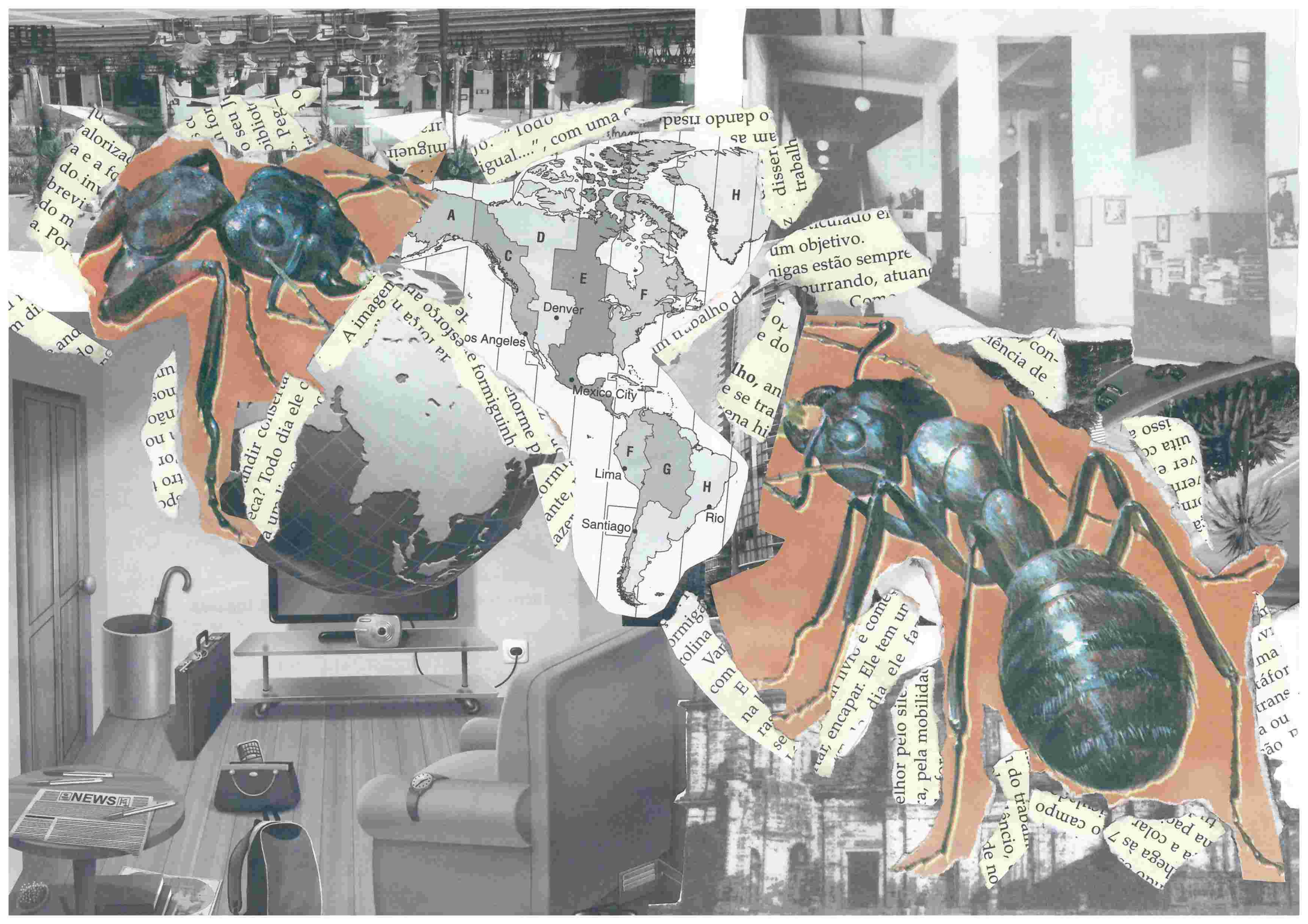
ministro da Justiça, Alexandre Marc...
atuou nos bastidores para que as teses e conclusões do Congresso legitimassem a Constituição de 1937. Não era essa, porém, a posição de muitos ali reunidos, tanto que, em várias comissões do Congresso, os par

importante. Em sua
almoço, no dia 2 de
rante do aeroporto
nizadores

FOTO CLIO LUCONI



ra Bon...
ovidos pelos Mu...
em foram esses homens, mulheres e crianças que deixaram
as para construir um chão sagrado? O que tinham de tão
sosa a ponto de mobilizar, como em Canudos, expedições do próprio
ercito brasileiro a fim de destruí-los? Venha conosco descobrir.



valoriza
a e a fo
do inv
brevis
do m
a. Por

un
son
nag
no u
or
tro
pde

NEWS

o. "lo
igual..." com uma
am as
diss
trabalh

A imagen
ra tusa n
estorjo
e formig
enorme p
ormi
ante
aze

o d
e do
lho, an
e se tra
ena hi

um objetivo.
nigas estão sempre
purrando, atuand
Como

con-
ciência de

ormig
rolina
Var
com
E

elhor peio site
a, pela mobilid
do tran
vencio,
no

o seu J
sc
biblior
o seg-
a Peg-

isso
nita co
ver e
vern
prn
ga

na pac
lega as 7
a a colar



ARSENAL ATOMICO ESTIMADO
Países e número de ogivas

Rússia	7.000
Estados Unidos	6.800
França	300
China	270
Reino Unido	215
Paquistão	120-130
Índia	110-120
Israel	80
Coreia do Norte	? (*)

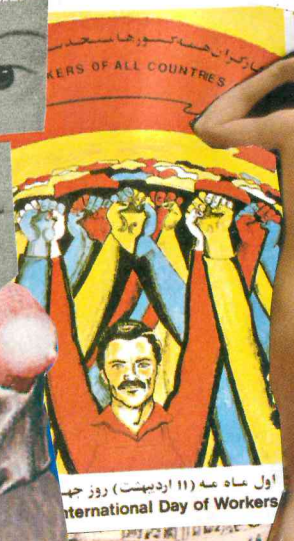
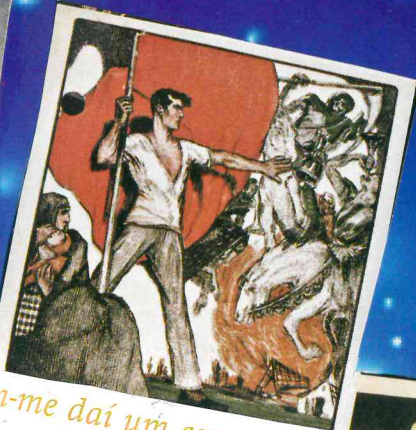
...a Coreia do Norte tenha realizado cinco testes nucleares. Há indicações de que possui tecnologia para fabricar de 10 a 20 ogivas. O país conseguiu miniaturizar o núcleo de um míssil balístico.

ESCREVI: "ESTE PÃO É CARO. COMAM DEVAGAR, COM CUIDADO". UM RAPAZ QUE CONHECI DEPOIS DA GUERRA, DIZ QUE OS DOIS MORRE MAS NÃO FALA COMO FOI.

PARAGUAY
DE LUTO
POLPE

D A U S

A cada dia o universo torna-se mais e mais complexo.



“A certeza do hoje nasce da lembrança do ontem.”
Olavo Bilac

MAL QUE PERSISTE

A história do combate à miséria mostra que políticas públicas só funcionam quando aliadas ao desenvolvimento econômico **EDUARDO GONÇALVES**

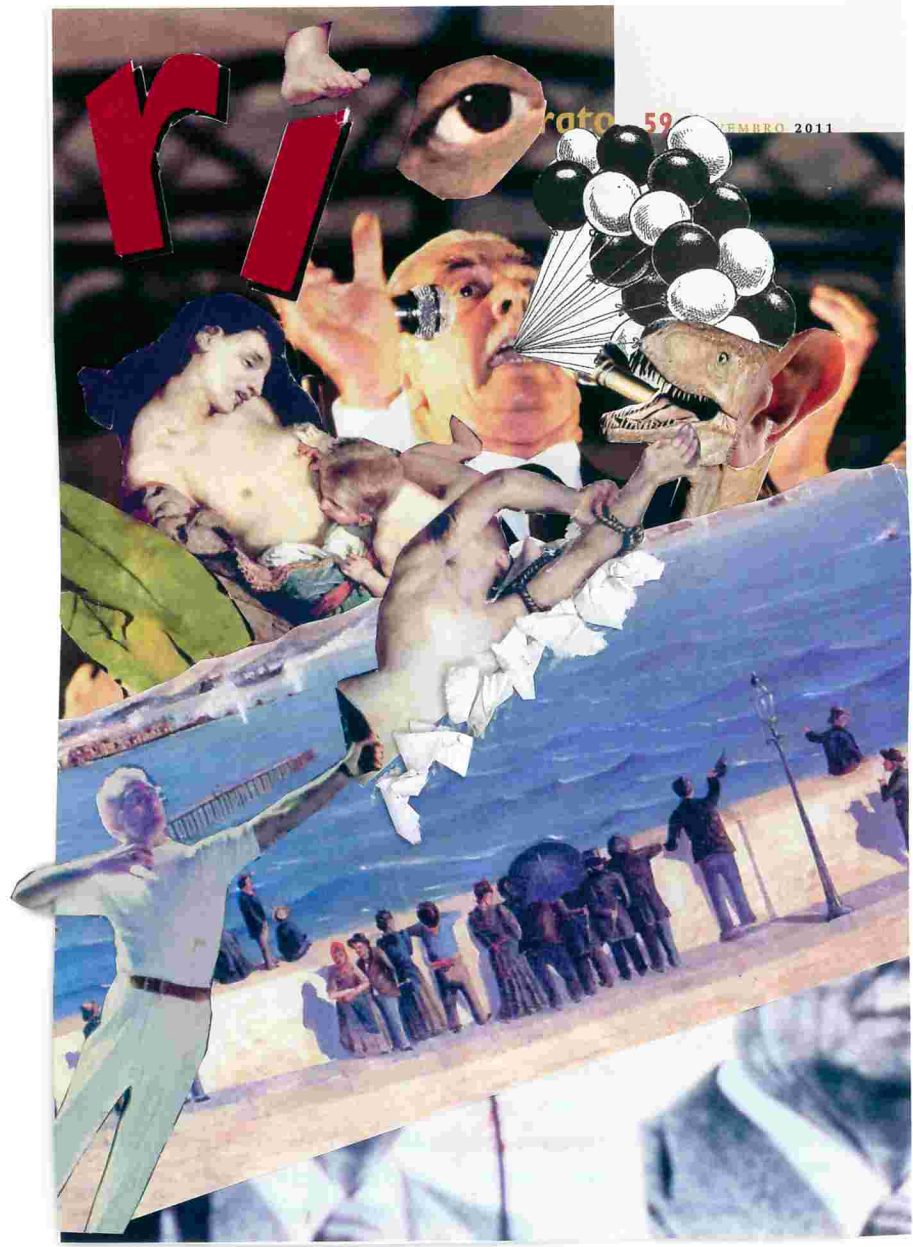




A DIETA DA PLACENTA

ri

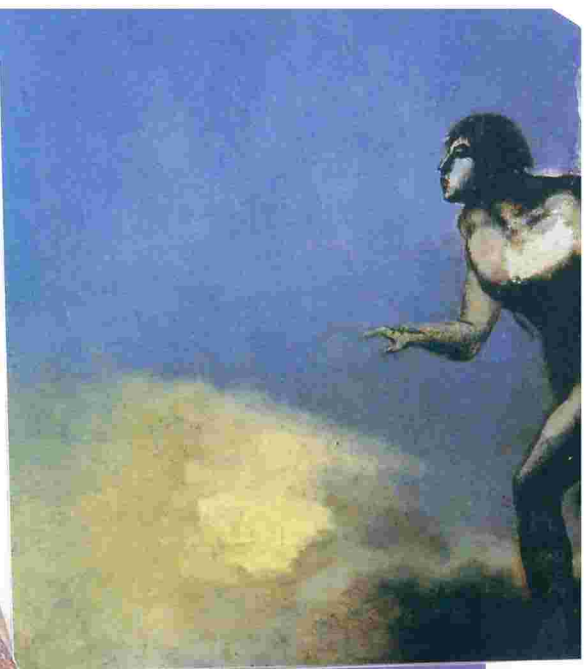
ato 59 GENNAIO 2011



Ana
Salatip
13106



O rosto
proibido



SARAU

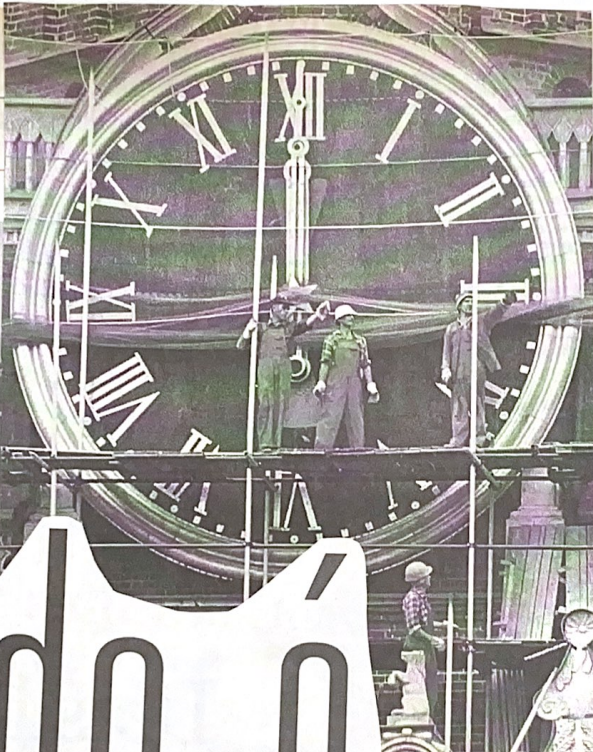
MEU NOME É

gal



Departamento da disciplina História da Música
Coordenador: Cláudio Celso da Cruz
Assistente de coordenação: Gustavo Biebe

Eu amo igual
BRYTAN &



tudo é



estrela

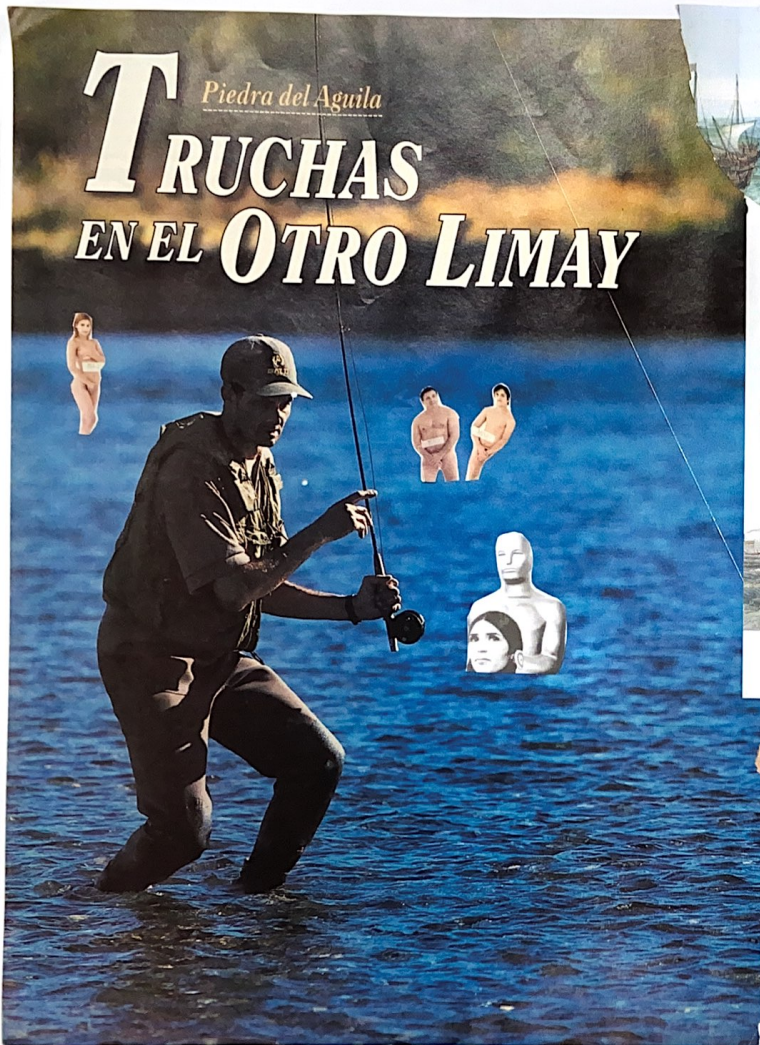
especial para a Folha

Na história do Império de reivindicações regionais e econômicas constituíram-se os derradeiros do regime. Isso teve a seu meiro lugar, com a mutação ocorrida nos próprios objetivos perseguidos pelo governo central. Até os anos 50, fase que José Murilo de Carvalho caracterizou como a

tendência de as grandes províncias fazerem-se sistematicamente

protestava desconhecer "onde começa o norte, nem onde acaba o

T Piedra del Aguila RUCHAS EN EL OTRO LIMAY

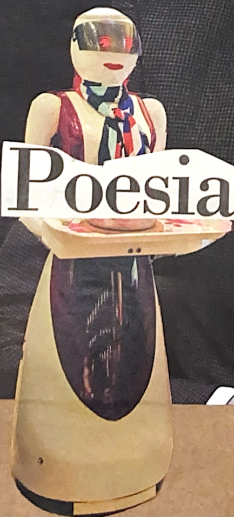
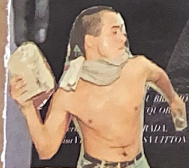


Segredo



está na

Poesia





Reproduções: Museu de Ecologia Fritz Müller em Blumenau



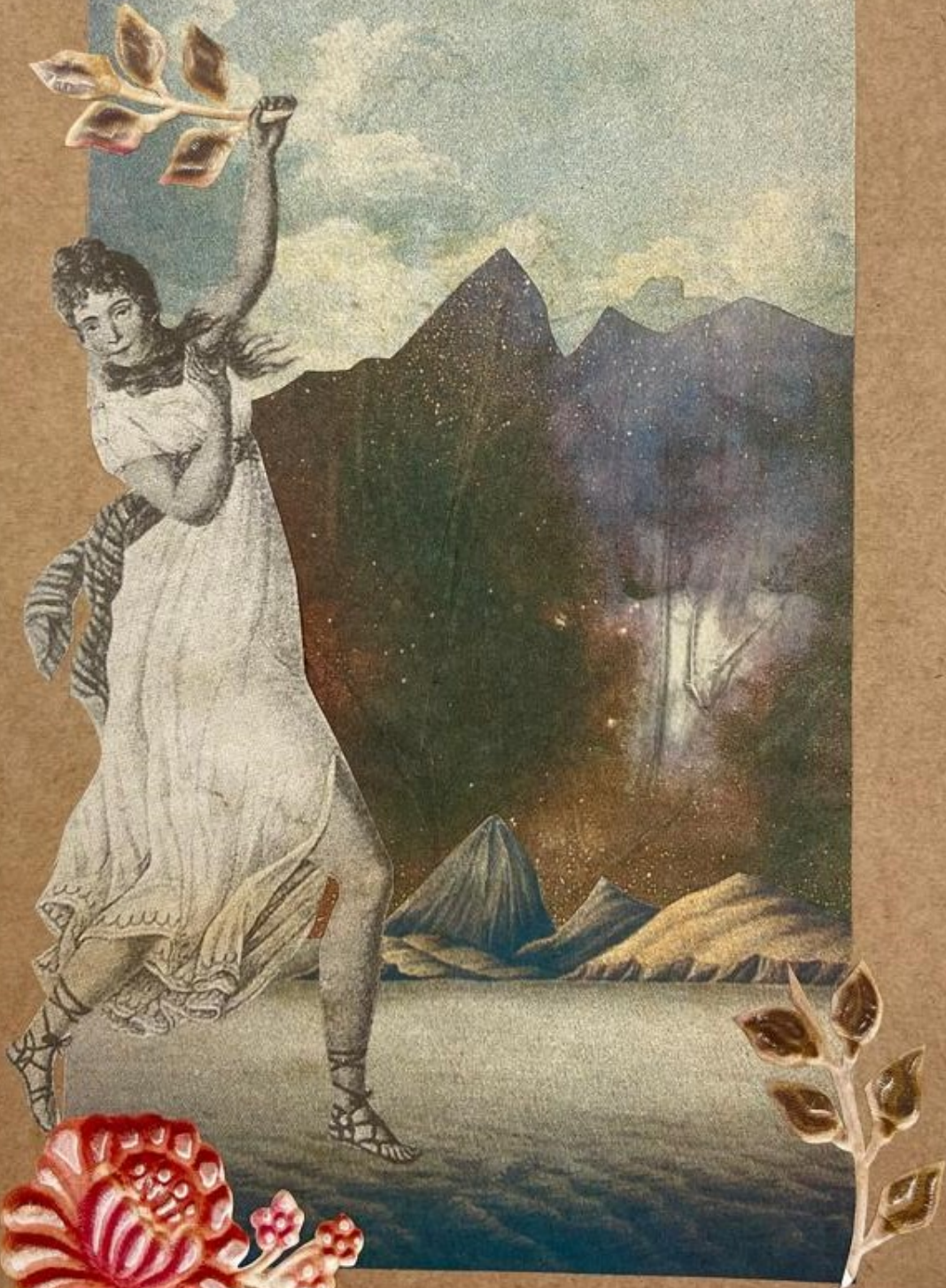
DOS ANOS
LOUCOS

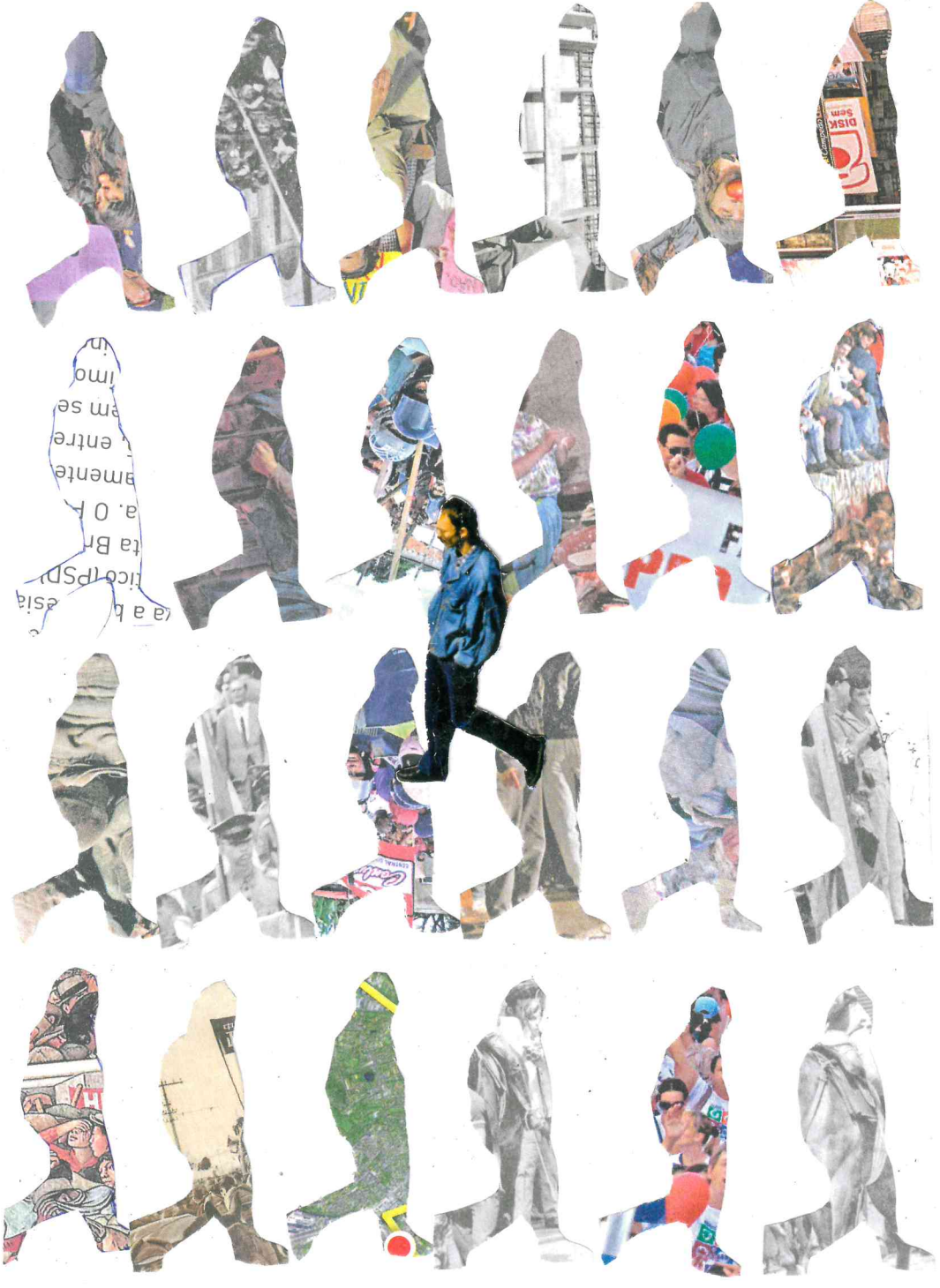


É DIFÍCIL LIVRAR-SE!



infinito







\$ 21,00
por mês*
sem juros.

КУЧМА
Е ЗАРПЛАТ И МЫ
ВОЗЬМЕМСЯ ЗА Л
ТЕ ДОТАЦИИ - НЕ БУДЕ
МАНИФЕ



avel needs during
-de-France region.



Preencha com honestidade (e boa letra) esta página.

A BRAZILIAN VISION

ESCREVE

Impressões

& Associados



MANUTENÇÃO

EMPLOYEE OF THE MONTH

são exageros

nocivos.

— PARABÉNS! —

O sonho de atrair os cérebros e oferecer serviço educacional

Para seu uso privativo

excesso e falta

AO





p r o
g u i
ç a *

REVISTA LIVRE DE LITERATURA E ESCRITURA